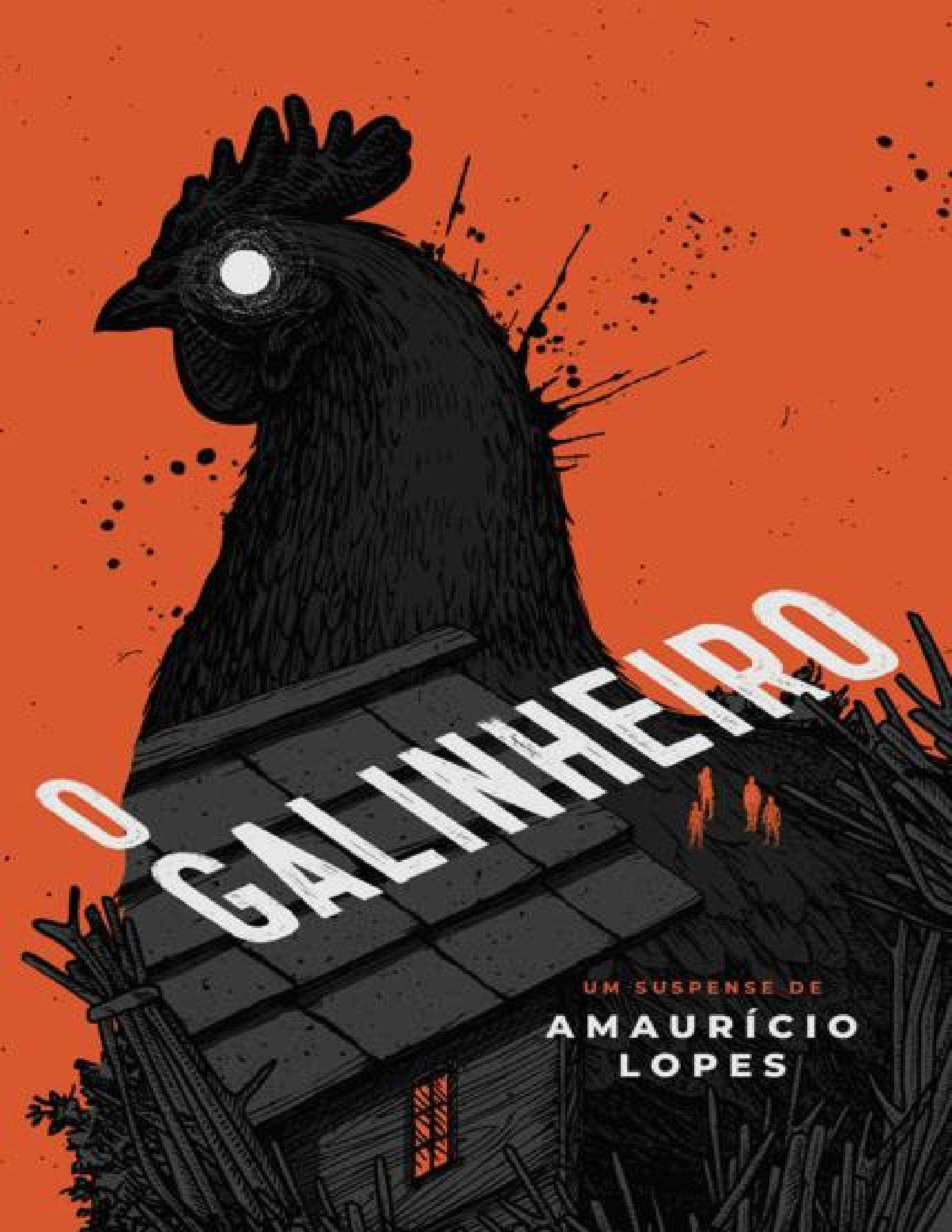

O GALINHEIRO
UM SUSPENSE DE
AMAURÍCIO LOPES

O GALINHEIRO

Amaurício Lopes

O GALINHEIRO
Amaurício Lopes

Capa: Marcus Pallas

Edição independente, 2022

Todos os direitos reservados

Atenção! Contém cenas de:
Violência, assassinato, sequestro e invasão domiciliar

SUMÁRIO

Parte UM – Ladrões de galinha
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
Parte II – Os irmãos Borges e as meninas
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
Parte TRÊS – A malhação de Augusto
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV

Parte UM

Ladrões de galinha

I

Era final da tarde quando Maria Neide da Silva colocou o cuscuz no fogo e desceu para o quintal. Pegou o regador e olhou para as plantas do terreno com desgosto. Fazia seis meses que as plantas vinham morrendo aos poucos. Iam morrendo e virando adubo para as outras. Algumas poucas ainda resistiam, só num galhinho. Mas não era falta de água. Era a mão dela mesmo, e ela sabia.

Antes as plantas cresciam. Tinha tomate, cebola e jerimum para ela, o marido e os filhos. Muita coisa nem precisava comprar na feira. De repente, tudo ficara seco, que nem dentro dela. Era até como se as plantas sentissem o que ela sentia e se compadecessem. Ou talvez fosse ela que as contaminasse com a dor, com o desespero. Era quase como se tivessem, junto dela, perdido a vontade de viver nos últimos meses.

Tinha saudade da vida como era antes, do quintal como era antes. Para a vida, não sabia o que podia ser feito. Para o quintal, já tinha tentado casca de ovo, borra de café e pó de canela. Misturava tudo com a terra, mas nada dava certo. Alguém falou uma vez que era bom farinha de osso para as plantas, o que ela não tinha era paciência para juntar uma ruma de osso, queimar e depois passar uma tarde pilando. Deixava então o povo dar pitaco, deixava o povo sugerir e se sentir importante falando. Com sorte, talvez morresse até antes daquele mato seco que, já quase todo morto, ainda insistia em se manter de pé que nem ela.

Regou as plantas, passou a mão nas folhas. Arrancava algumas, levantava outras. Gostava do silêncio delas, mesmo enquanto morriam. Havia certa dignidade naquele silêncio que ela respeitava. Se pudessem falar, entretanto, duvidava que mantivessem aquela resignação, aquela calmaria. Imaginou que estivessem gritando como ela fazia todos os dias, quando chegava cedo das faxinas e os filhos ainda estavam no colégio, e o marido ainda derrubava ou levantava alguma parede pela cidade, como ele mesmo dizia.

Arrancou uma folha verde, só de ódio, e reparou que já era noite. Voltou para dentro de casa, cabeça baixa. Desligou o fogo e só então percebeu o pote de feijão fora da posição no armário. Cruzou a casa em menos de cinco passos e foi lá fora fazer confusão na rua, se passar de doida, pegar de volta o feijão dela, nem que fosse o último caroço que ainda restasse na mão do filho.

Quando Nuno apareceu diante da casa, todo suado e com as costas marcadas, Maria Neide já esperava por ele na calçada. Mal o viu, foi logo puxando o menino pelas orelhas e dizendo que ele que fosse comprar o próprio feijão se era para ficar sendo besta no meio da rua. Puxou-o para dentro, depois tomou os caroços que ele segurava com tanta força que parecia querer arrancar eram os dedos do menino.

— Eu já falei pra ele. Vai acabar acertando é o olho de alguém com essa brincadeira de atirar nos outros meninos — disse Francineide, enquanto o irmão a remedava, fazendo careta e colocando a língua para fora sem quem a mãe notasse. O pai não se segurava e ria da confusão a um canto da sala.

— Não é nem por isso. Tô preocupada é de ele acabar com o meu feijão mesmo. Vai comer o quê depois? — disse Maria Neide, seguindo para a cozinha com o punhado de feijão que o menino tinha pegado escondido.

— Pensei que tivesse algo mais importante pra gente fazer, filho — disse Francisco, depois do olhar brabo da mulher ao passar, cobrando dele que não a deixasse brigando sozinha.

O menino passou pela estante da sala e largou a arminha, nada mais que um cano cortado com um pedaço de bola de encher em uma das extremidades. Foi até o pai. Segurou a armação de arame que tinham começado a montar no dia anterior e soltou uma expressão de dúvida. A estrutura estava torta, a cabeça pequena, o pedaço de uma perna faltando. Num canto do sofá, uma blusa de botão e uma calça velha que o pai tinha arranjado estavam dobradas, só esperando o boneco ficar pronto. Comentou com um tom chateado que queria que o deles ganhasse a competição daquele ano, e o pai prometeu que no outro dia procurariam mais arame.

Francisco e a filha foram para a cozinha ao primeiro chamado de Maria Neide, mas Nuno pareceu não se importar com o som de tampas e panelas que começou a vir lá de dentro. Continuou olhando para a estrutura do boneco e pensando no que poderia usar para completar as partes que faltavam. Quando Neide gritou pelo nome do menino pela segunda vez, ele soltou o tronco torto e com pernas desiguais em uma cadeira e correu para a mesa.

Comeram peixe com cuscuz. Nuno não gostava muito, mas a mãe mandou engolir assim mesmo, junto com a cara feia. Todo ano, àquele dia, era dia de comer peixe e não tinha o que ela pudesse fazer. Deu um cascudo de leve na cabeça do menino com os nós dos dedos, ou talvez fosse até um cafuné ligeiro. Coisa deles. Enquanto comia, Nuno mantinha uma expressão curiosa quanto ao que estavam prestes a fazer naquela noite. E não parava de perguntar se algo já tinha dado errado das outras vezes, se já tinham sido flagrados, se alguém já tinha desconfiado deles.

— Lá vem tudo de novo — disse o pai, rindo de boca cheia, mas só até ver a cara da esposa de preocupada, lembrando a ele de ter cuidado com as espinhas do peixe.

— Não tem nada de mais como você tá pensando, Nuno — disse Francineide com um ar pedante. — É só fazer silêncio, pegar a galinha e dar o fora do terreno. Não leva nem cinco minutos, tô dizendo. Minha preocupação é outra. Acha que consegue ficar calado esse tempo todo? — E deu um gritinho agudo de susto no mesmo instante, tendo sido chutada por baixo da mesa por ele.

— Mas isso não é errado mesmo, mãe? — Perguntou o menino, com um sorriso sonso, ignorando os xingamentos da irmã. Não entendia direito o que iam fazer, mas não conseguia disfarçar a empolgação assim mesmo. — A senhora é que diz que é feio pegar as coisas dos outros.

— Ah filho, hoje é diferente. Mas é só galinha que pode. É uma tradição de muito tempo já, Nuno. — E com o tom saudoso na voz, continuou: — Vá reclamar com o finado do seu avô se não tá gostando. Ele que dizia que esse era o único dia do ano em que Jesus, por ter morrido nessa data, não via os pequenos delitos.

— Tô reclamando de nada não. Só não vão me botar pra dormir e fugir sem eu como fazem todo ano.

— Já tá com doze, moleque. Já tem idade pra ir com a gente — disse o pai, colocando mais cuscuz e caldo de peixe no prato. — Além do mais, não tem como a gente ir sem você. Te entreguei a cópia da chave do galinheiro, não tá lembrando? Agora perde ela pra tu ver.

Nuno pareceu mais aliviado ao se lembrar daquela garantia, mas era impossível não ficar aborrecido a cada sorrisinho de ameaça de Francineide.

Para a alegria dos dois irmãos, terminado o jantar, não precisaram lavar os pratos nem arrumar nada. Era dia de dormir com tudo sujo e, como reforçado pela mãe, jogado em cima da mesa do jeito que ficasse depois da última colherada. Naquela noite, era pecado qualquer tipo de trabalho. Era o que ela tinha crescido ouvindo da mãe, que aprendera, por sua vez, com a própria mãe, e assim por diante. Era coisa antiga, coisa que o povo dizia havia muitos anos.

Os filhos foram então assistir televisão na sala, dizendo um para o outro que ficariam acordados até que desse o horário. Francineide se jogou no sofá, e Nuno pediu que ela tivesse cuidado, que não colocasse os pés em cima da roupa dobrada. Ela ignorou e puxou a cabeça do irmão para o colo, dizendo que ele podia dormir, que quando desse a hora o chamava. E então riu alto, com maldade. Claro que ele recusou, teimando que ficaria acordado só do medo de não conseguir levantar e ser deixado em casa. Apesar da animação do menino, ainda mais com o bucho cheio daquele jeito, acabou se rendendo ao sono ligeiro. Ela achou graça, mas dormiu logo em seguida, ali mesmo, junto dele.

Como ainda faltava um bocado, Maria Neide e Francisco foram se deitar. Ela passou pelo espelho no caminho que dava para o quarto e, toda descabelada, foi por muito pouco que não parou para se ajeitar. Parou a tempo. E se benzeu. Desde a manhã que não tomava banho, nem ela nem ninguém da casa. Sabia que não ia aguentar esperar que amanhecesse e já podia até ver a fila dos quatro para se banhar quando voltassem do galinheiro. Mas aí, não

teria mais problema. Depois da meia-noite, já não seria mais sexta-feira.

Maria Neide colocou o despertador, mas ele não chegou nem a apitar. Ficou deitada na cama ao lado do marido, sem dormir, mas também sem ânimo para conversar nada. Cansada de tocar no mesmo assunto tantas vezes na última semana, preferiu ficar em silêncio e deixar que as horas passassem.

Quando viu que já era quase meia-noite, desligou o relógio e foi até a porta da frente para ver o movimento da rua. Tudo quieto. Ninguém passava. Voltou e parou ao lado da estante da sala, perto do retrato dos filhos. Empurrou a arma de cano do menino e viu, da esquerda para a direita, Francineide, Nuno e Rita. O peito doeu ao ver o sorriso impresso da filha que faria catorze anos em maio se estivesse... Na verdade, Maria Neide não sabia. E ficou olhando para o sorriso vivo, para os grandes olhos, para as duas fivelas cor-de-rosa no alto da cabeça da menina.

Abriu uma gaveta próxima e tirou uma das fivelas, escondida lá no fundo, por trás de um monte de cacareco acumulado pelo tempo de mais de uma vida. Já tinha perdido as contas de quantas vezes já tinha feito aquilo, mas comparou de novo a fivela que tinha em mãos com as da foto, separando uma mecha do cabelo de Rita. Com a respiração cortada, examinava cada ponto com atenção. E quase morreu do coração quando Francisco chegou por trás, perguntando baixinho se era isso mesmo que ela queria, se tinha certeza de para onde estavam indo.

— Se você encontrou isso — disse, levantando a fivela na altura dos olhos dele —, sei que foi por algum motivo.

— Como pode ter tanta certeza de que ela vai tá lá?

— É a única pista que a gente tem depois de mais de seis meses, Chico. Ela sempre tava usando isso. — E diante da expressão de dúvida do marido, disse: — Eu sei que tem um monte de quintal que a gente podia entrar, mas eu quero que seja o deles. Quero dar uma olhada. Não vou sossegar enquanto a gente não fizer isso.

— E é preciso mesmo levar eles juntos? — Apontou para Francineide e Nuno. Estavam no outro canto da sala dormindo.

— Se a gente for pego lá outro dia, não vamos ter nem o que inventar. Tem que ser hoje, Chico. Se pegarem a gente no flagra fuçando o terreno com as crianças, vai dá pra despistar.

Nem ela mais sabia o que dizia. Mas, cansada daquela conversa já tão batida, deixou ele falando sozinho e foi até o sofá acordar os filhos.

Nuno se levantou dum pulo, com ódio por ter dormido. Francineide não perdeu a oportunidade e disse que eles haviam acabado de chegar, que a galinha já tinha sido guardada e que a culpa era toda dele se não tinha ido. Ele que não tinha acordado por nada.

Nuno começou a gritar, enfurecido. E quando já ia saltar na direção da irmã, Francisco o puxou pela camisa e disse:

— Não vou ter que repetir tudo de novo, né moleque? Não vá fazer nenhuma burrice.

Nuno olhou ao redor e se calou, confuso. Francineide rindo.

Era pouco depois da meia-noite quando os quatro saíram de casa. Atravessaram o quintal e passaram por entre as tábuas da cerca. Seria mais fácil ter saído pela porta da frente e arrodeado o terreno, mas era mais seguro desse jeito. Pela pouca claridade, só dava para ter um vislumbre da mata e do quintal das outras casas. De um lado, as cercas dos terrenos vizinhos, do outro, lá longe, o rio que margeava a cidade. Adentraram no meio do carnaubal e viram os contornos de algumas casas isoladas e recortadas da noite pelo luar. Nenhum sinal de lâmpada acesa no caminho.

Seguiram devagar, sem fazer barulho, menos o menino, que ia na frente aos pulos. Francineide ficava impaciente e puxava ele pelos cabelos de vez em quando para que ele se aquietasse, para que deixasse de ser tão alvoroçado. Apesar de querer ser o primeiro a chegar ao destino, Nuno não parava de olhar para trás, com medo de se perder pela escuridão da mata. Num momento em que ele se adiantou demais, Francineide sugeriu aos pais que se escondessem mais ela por trás de uma moita, só pra dar um susto no menino. Já estava até se agachando quando teve a atenção chamada pela mãe. E foi questionada sobre a idade mesmo que tinha para ser tão besta ainda.

Depois de quinze minutos caminhando, evitaram uma pequena ponte e procuraram a parte mais estreita do rio. Deram uma volta grande e passaram pulando por um caminho de pedras para a outra margem. Havia ali uma única casa, a maior casa da cidade.

Foram até a cerca da propriedade e avistaram as costas do casarão cortando a paisagem. Nuno foi o único que não notou. Só queria saber do galinheiro. E tão logo o avistou, maior até que a casa em que morava, apontou todo animado como se tivesse diante de um grande achado o qual só ele fosse capaz de enxergar.

Francisco parou num ponto da cerca que parecia mais fácil de atravessar e apoiou as mãos entre as pontas do arame farpado. Olhou para a mata em volta e para a enorme construção de dois andares. Nada além do sopro do vento, do estalido de morcegos e do coaxar de sapos de alguma poça mais distante. Indicou o local por onde deveriam passar e então se voltou para a esposa como quem procurasse apoio. Ainda que Maria Neide não tenha conseguido discernir os traços no rosto dele, entendeu aquela pausa e apenas fez com a cabeça para que seguissem.

Francineide adiantou-se com um pote de margarina em direção à cerca e, fingindo que não entendia aqueles olhares que eles trocavam, posicionou-se ao lado do pai. Ficaram os dois com a cabeça pouco acima do arame mais alto, procurando por qualquer movimento até onde seus olhos podiam alcançar. O caminho parecia limpo, sem qualquer sinal dos cachorros da propriedade.

— Acho que dá pra gente entrar — disse a menina, guardando o pote de volta na pequena bolsa de pano que carregava de lado.

— Melhor deixar o pote fácil.

— Espero que tenha trazido só o suficiente esse ano. — Veio a voz de Maria Neide por trás. — Ano passado, quase que levou minha carne toda pra gente entrar no quintal dos Braga.

— Quem separou a carne da outra vez foi a Rita, mãe. Não foi eu. — Ela se virou e soltou, sem querer, em sua defesa.

E foi como se até os sapos tivessem parado de cantar naquele exato instante. Os quatro permaneceram em um silêncio incômodo. E Francineide, sem saber o que dizer para se redimir, concluiu que

teria sido melhor se as luzes da casa se acendessem e eles fossem descobertos ali mesmo, diante da cerca. Quatro ladrões de galinha.

Francisco então tossiu, bateu as mãos e levantou um fio de arame enquanto baixava outro com o pé direito.

— Quem vai primeiro? — perguntou.

E Nuno, muito animado, se espremeu e passou para o outro lado.

II

Já do lado de dentro do terreno, Maria Neide e os filhos afastaram os fios de arame da cerca para que Francisco passasse. Ele entrou. Pediu que esperassem pelo sinal dele e desapareceu na escuridão da propriedade; queria primeiro dar uma olhada. Nuno começou a reclamar, e Neide segurou o menino pelos ombros para que ele se acalmasse.

Francisco passou direto pelo galinheiro e seguiu até a casa. Foi numa passada lenta, evitando pisar em qualquer pedra ou pedaço de galho que pudessem denunciar sua entrada. Era difícil enxergar, mas conseguia discernir quase tudo pela luz prata da lua. Chegou mais perto e viu que todas as janelas estavam fechadas. Pelo que lembrava, tinha uma porta nos fundos que dava para o quintal e outra principal que dava para a frente da casa. Antes de tentar a porta dos fundos, foi por uma das laterais até a entrada e, para a sua decepção, avistou os carros dos dois irmãos que ali moravam, estacionados. Ficou, acima de tudo, nervoso ao constatar que eles estavam em casa. Ainda tinha esperança de que pudessem ter viajado durante o feriado.

Continuou contornando o imóvel, sentindo a aspereza das paredes com a mão espalmada. Colocava a cabeça próximo às grades das janelas e espiava para dentro por toda veneziana aberta que encontrava. Na outra lateral da construção, avistou um cômodo com a luz ligada. Ficou temeroso com a ideia de que tinha alguém lá dentro acordado. Chegou mais perto e percebeu então que a luz não escapava por uma janela, mas por entre as três pás de um exaustor que girava. Pela altura da abertura, constatou se tratar de um aposento no andar de cima. Apoiou-se na parede mesmo abaixo; queria olhar pelas pás do exaustor para interior do cômodo e descobrir o que ele guardava. O silêncio, entretanto, era absoluto. Convencido de que não havia ninguém acordado e não tendo como escalar até o alto, continuou sua caminhada atrás de provas, de evidências, mas a verdade era que não sabia nem o que procurava. No meio da dúvida, questionou-se se o melhor a fazer não era

engolir a desconfiança quanto ao paradeiro da filha e procurar outro galinheiro para roubar com a família.

De repente, sentiu um mal cheiro. Foi no rumo dele, fazendo careta, e encontrou, colada com a parede dos fundos, uma casinha com um portão de metal gradeado. Ficou atento, com medo de fazer barulho, ao ouvir um roncado baixo. Olhou com cuidado pela portinha e viu dois cachorros deitados. O local era tão sujo e os cachorros tão magros, que era até como se tivessem sido abandonados. Ficou com aquilo na cabeça, mas se lembrou da lâmpada acesa lá no alto.

Voltou para onde estavam a mulher e os filhos numa corrida desengonçada e disse que era melhor terminarem o que tinham que fazer e se mandarem. Quando os filhos se afastaram, dando os primeiros passos pelo terreno em direção ao galinheiro, voltou-se para Maria Neide e balançou a cabeça em sinal de que não tinha encontrado nada.

Naquele momento, olhando para as costas do grande casarão, considerou infundadas as suspeitas que tinha levantado dias antes. Tinha dificuldade em relacionar qualquer coisa que pudesse ter acontecido à filha com os dois irmãos que ali moravam. Era o tipo de coisa que não fazia sentido diante do que eles eram e do que representavam para a cidade. Esperava, sinceramente, que a esposa fosse discordar dele, dizer que tinha ficado maluco e que nada do que falava tinha cabimento. Mas foi tudo ao contrário. Bastou mostrar a ela a fivela que tinha encontrado no terreno para que Maria Neide ficasse obcecada, como se diante de um copo cheio que pudesse matar sua sede por respostas, sede essa que já durava seis meses. A partir daquele ponto, não teve mais nada que dissesse que fosse capaz de fazê-la mudar de ideia. Quando pensou em invadir o quintal dos Borges, nunca imaginou que poderia de fato levar aquilo adiante, muito menos que a esposa fosse lhe dar um apoio tão insano. Estando finalmente ali, cobertos pela quietude e pela escuridão da noite, começou a duvidar, a achar que tinham cometido um engano.

Francineide, lá na frente, vendo que os pais continuavam parados no mesmo lugar, acenou para que eles se apressassem.

Nuno parecia nem notar. Continuava em seu passo firme, muito determinado.

O galinheiro era feito de madeira e tela de arame, que lhe cobria todas as laterais e permitia a passagem livre do ar. Um telhado cobria metade do espaço, onde ficavam os poleiros a um canto e os ninhos separados do outro lado. A pouca claridade da noite que entrava dava às galinhas a aparência de bolas de pena alinhadas em diferentes níveis paralelos ao chão. Quietinhas em seus poleiros de madeira, eram como moradoras de um edifício inclinado de cinco andares e sem paredes. Uma ou outra se mexeu e levantou a cabeça com a aproximação do grupo. Alguns pintinhos começaram a piar.

Confiante, Nuno parou diante da porta e colocou as mãos nos bolsos. Mas ficou paralisado. Os olhos saltaram, as sobrancelhas se levantaram e uma cara de pânico começou a se formar.

— Anda, Nuno. Passa a chave. — O pai, parando do lado dele, pediu com a mão esticada.

O menino sorriu sem graça e, sentindo os dedos indicadores tocando as próprias pernas, disse com uma vozinha fina e quase inaudível que os bolsos do calção estavam furados. Pensou que tudo estava perdido, que voltariam para casa de mãos vazias. Começou a amofinar de tristeza, os ombros caindo, quando Francisco tirou do bolso da frente da camisa uma segunda cópia que fizera com a metade do cartão que havia sobrado. Tinha desenhado o segredo da chave em um cartão magnético velho que encontrara na carteira sem que o dono da casa notasse, pouco antes de devolver-lhe a original e receber o pagamento pelo serviço prestado na semana passada.

Passou a chave para o filho com uma cara de quem avaliava a situação e então, com um sorriso, pediu para ele abrir o cadeado.

— Não, não. Devagar. Mais devagar — sussurrou o pai no segundo seguinte, quase arrependido, enquanto o menino tentava. — Assim você vai acabar quebrando o plástico. — O pedaço de cartão magnético cortado chegou mesmo a estalar.

Francineide se amontoava em torno dos dois, querendo observar, querendo dar pitaco. Maria Neide, pelo contrário,

continuava inquieta, distraída, com o olhar fixo para a grande casa.

O cadeado abriu. Nuno pegou um saco de pano com o pai e entrou no galinheiro.

— Mãe, posso levar uma também? — disse Francineide com um tom de voz pidão. — Quero saber o gosto que tem coxa de galinha...

— Como se você nunca tivesse comido uma, menina. Tá doida?

— Não de galinha roubada. Todo ano é sempre vocês que comem as coxas.

— Toma — disse a mulher, sem paciência, jogando outro saco de pano na direção da cara da filha. — Entra aí com eles, Chico. Vou ficar aqui vigiando.

Francisco entrou e seguiu para a parte mais escura, por baixo das telhas que ele mesmo tinha colocado poucos dias antes. A maioria das galinhas estavam equilibradas nos poleiros. Algumas dormiam em ninhos nas laterais, aconchegadas na palha, e umas poucas se amontoavam num cantinho do chão, perto do tambor onde o milho era guardado. Estavam quietas, pareciam até bonecos, não fossem os olhinhos a piscar de vez em quando.

— Não tem o que ficar escolhendo, Nuno — disse a irmã, muito sabida quanto ao que podia ou não ser feito naquele tipo de situação.

O menino deu um passo em falso e acabou pegando uma galinha pela asa. Levou uma bicada na mão e deu um pulo para trás, assustado. Empurrou a irmã, que começava a rir da cara dele, e o pai pediu para se controlarem. Duas galinhas próximas bateram as asas, incomodadas. Com medo de levar outra bicada, Nuno jogou o saco por cima da mais perto e a agarrou pelos pés, bem rápido. Queria agora ver a irmã pegando a dela.

Francineide aproximou-se de um dos poleiros, abriu o saco que tinha em mãos e estendeu o braço.

No mesmo instante, um grito veio de dentro da casa, tão alto que se espalhou pelo quintal inteiro como uma onda de terror e agouro que a tudo gelasse. Francisco pegou os filhos pelos ombros e chegou a perder a força das pernas ao imaginar do que se tratava.

Ficou confuso, a dúvida queimando. Só distinguiu que era uma menina gritando.

Maria Neide, que ficara do lado de fora com os olhos pregados na casa desde o começo, correu para dentro do galinheiro e, sem se importar com a presença dos filhos, esbravejou para o marido que não tinha nada de paranoia da cabeça deles, que ele tinha encontrado sim uma pista certa, que tinha algo errado acontecendo bem debaixo das ventas deles.

Nuno, de tão nervoso que ficou, soltou o saco que carregava por cima do ombro. E a pobre da galinha raptada, com a queda, soltou um cacarejo sonoro e cheio de raiva que mais pareceu ter saído de uma besta-fera. Os três galos que dormiam no poleiro mais alto cantaram e foi uma bateção de asa danada. As galinhas começaram a saltar dos poleiros e a se esbarrar em seus voos rasantes. A família Silva correu para fora, menos Nuno, que, no alvoroço da fuga, prendeu o pé entre duas tábuas no chão.

Francisco voltou. Tentou puxar o pé do menino, mas ele não saía. De repente, o barulho da porta dos fundos da casa sendo aberta pôde ser ouvido. Maria Neide colocou a cabeça para dentro do galinheiro e apressou o marido:

— Bora, que tá vindo gente. Ligeiro.

Francisco procurou por toda parte, mas não encontrou nada que lhe ajudasse a desencaixar o pé do filho do buraco. Sabia que era só um jeitinho, mas um jeitinho que precisava de nervos, e isso ele já não tinha desde que tinha cruzado a cerca. Mandou o filho se abaixar, cobriu-o com o saco de pano e pediu para ficar de bico calado. Saiu do galinheiro e trancou o cadeado às pressas, ouvindo os passos de alguém que se aproximava.

Correu para detrás de uma árvore e viu que a mulher e a filha já tinham se escondido por trás de outra perto de onde estava. Um homem, ao qual ele reconheceu de pronto como o médico da cidade, apareceu com uma lanterna e um pedaço de pau. Era um dos dois irmãos que ali moravam.

O dono da casa arrodeou o galinheiro, mirando o cone de luz ora para dentro, ora para a escuridão do terreiro. Pegou o cadeado e viu que estava trancado. Coçou a cabeça, vendo as galinhas

lentamente voltando aos seus poleiros. Ainda tocou no molho de chaves que carregava no cós da calça, mas acabou deixando para lá. Apontou uma última vez a lanterna para os fundos do quintal e então voltou na direção da casa.

Francisco, vendo que o homem já ia longe, correu agachado de volta para a porta do galinheiro. Enfiava o pedaço de cartão no buraco do cadeado quando ouviu o rangido de um portão metálico. Só depois ouviu o bater da porta de madeira da casa.

A princípio, não entendeu. E então reconheceu o som de patinhas saltitando numa corrida ligeira. Não deu tempo de se esconder nem de pensar num lugar para se atrepar, logo estava diante dos dois cachorros da propriedade correndo para cima dele. Pensou que fosse ser atacado ali mesmo, mas, para a sua surpresa, os dois passaram direto, não se importando mais com a presença dele.

Olhou no rumo para onde eles correram, ainda recuperando o fôlego, e viu a filha saindo por trás de uma árvore com o pote de margarina levantado; um pedaço de carne pendurado pelos dedos. Francineide deu um pedaço para cada, direto na boca, e acariciou os bichos por trás da orelha. Os cachorros eram magros e malcuidados, cheios de marcas nas costas e nas orelhas. Ela ficou com dó e deu mais um pedacinho para cada. Comeram a carne numa voracidade que era de dar pena, e a menina concluiu que não deviam ter comido naquele dia, talvez nem comessem direito. Enquanto se ocupava em distrair os cachorros, ouviu a voz do irmão vindo de dentro do galinheiro.

— Não sabe que é pecado comer carne hoje? — perguntou Nuno, tendo conseguido se soltar e corrido nesse meio-tempo até uma das paredes de tela e madeira.

— Não sou eu que tô comendo.

— Deixa de conversa, menino — disse Maria Neide, parando ao lado da filha e fazendo um gesto para que ela guardasse o que tinha sobrado da carne. — Aproveita que tá solto e pega logo as duas galinhas. Não vai esquecer a da Francineide.

Enquanto isso, Francisco continuava tentando abrir o cadeado. Mas antes mesmo que pudesse completar o giro, o cartão

quebrou e deixou um pedaço preso no buraco.

O menino, diante da cara de espanto do pai, começou a fazer beiço. Francisco segurou a mão do filho pelos buracos e mandou ele ficar calmo. Maria Neide e Francineide, entendendo a situação, contornaram o galinheiro à procura de outra saída, mas não encontraram nenhuma passagem. Ainda tentaram abrir um buraco na tela puxando o arame com os dedos, mas era mais fácil que se cortassem.

Maria Neide bateu com os pés numa parte que considerou mais fofa, mesmo junto a uma das tábuas, e começou a cavar com os dedos. O marido e a filha se ajoelharam ao lado dela e fizeram o mesmo. Nuno começou a cavar por dentro e trocou olhares animados com a irmã ao perceber que as mãos deles se encontravam.

Então, num punhado de terra que Maria Neide levantou, encontrou uma fivela. A segunda, a que faltava. Levantou-a para ver melhor com a pouca luz que vinha da lua e olhou para o marido com uma cara de assombro. Francineide tomou o objeto de sua mão e perguntou o que era. Neide recuperou-o e guardou-o no vestido, no meio dos peitos. Voltou a cavar, ignorando o fato de que a filha continuasse a encarando, séria.

Quando o buraco já tinha tamanho suficiente, o menino correu com o saco de pano para os fundos do galinheiro e colocou duas galinhas para dentro. Nem um piado sequer. Passou por baixo da tela primeiro a sacola com as galinhas, depois rastejou pelo buraco feito um verme saindo da terra. Quase ficou entalado entre o arame e o chão, mas, com uma ajudinha da irmã puxando, acabou passando. Respirou de alívio junto da família e até riu da confusão. Agora era só correr de volta para casa, dormir tranquilo e aguardar pelo almoço farto do dia seguinte.

Correram até a borda do terreno, mas, diante da cerca, Maria Neide e Francisco se entreolharam; os mesmos pensamentos rodando e infernizando dentro de suas cabeças.

Francisco apertou a mão da esposa, tremendo por dentro, mas sabendo que precisavam encarar os fatos. Primeiro, o grito que viera de dentro da casa. Depois, a segunda fivela, parecida com a

de Rita, encontrada na propriedade. Torcia que não tivessem motivo para continuar procurando, mas não dava mais para esconder a verdade por trás do medo por maior que ele fosse.

— É o seguinte. Os dois vão voltar pra casa na frente e vão guardar as galinhas na despensa — disse Francisco num tom de voz que Francineide e Nuno conheciam e já sabiam que não dava para ser negociado.

— Viva ou morta? — perguntou Nuno.

— Amanhã eu mato. Pode deixar. Só faça o que o seu pai tá mandando — respondeu Maria Neide.

— Uma eu mato — retrucou o menino.

— Tenho que olhar uma coisa rapidinho com o seu pai. Ouviram aquele grito? Pode ser que alguém dentro da casa esteja precisando de ajuda. — Nuno ainda era criança, sua preocupação era soar convincente para Francineide. — Vamos só bater na porta, falar que a gente tava passando aqui por perto e que a gente ouviu um grito. Só pra saber se tá tudo bem mesmo.

— Mas, mãe, se tem alguém correndo perigo, por que não pedir ajuda pra polícia?

— Não pergunta muito, menina. Vai com o teu irmão — disse Maria Neide.

— Porque tamo invadindo a casa do médico e do prefeito, esqueceu? — disse Francisco, quase ao mesmo tempo que a esposa. E acrescentou: — Chegar em casa, é pra acender a lâmpada do quintal pra gente saber que chegaram. Não vai esquecer.

— Se não acenderem a luz do quintal em quinze minutos, olha o que eu tô falando, vão ficar só com os pés da galinha amanhã no almoço.

Francineide ficou calada, apesar da expressão aflita e da cara de choro, sabendo que não tinha chance contra aqueles dois. Acatou a ordem dos pais e, de cabeça baixa, puxou o irmão para a abertura na cerca que eles forçavam.

— E vão de boca calada. Tá cheio de ladrão de galinha por aí hoje à noite — disse Maria Neide, assim que eles passaram.

III

Os filhos de Maria Neide e Francisco voltaram sozinhos para casa. Foram em silêncio, com cuidado. O menino até tentava puxar conversa, mas a irmã, sem revelar o que a incomodava, cortava o moleque toda vez que ele falava. Alegava o perigo de serem descobertos no meio da mata, mas não tinha era estômago para ficar com conversa besta ou para fingir que estava tudo bem quando sabia não ser o caso.

Nuno carregava pendurado às costas o saco com as duas galinhas. Estavam quietas, pareciam dormir, mas era como se pesassem mais e mais ao longo do caminho. E assim o menino seguia, calado e a cada passo mais torto, o contorno recortado da irmã na noite. Atravessaram o rio e foram por dentro do carnaubal, tentando manter-se distantes das cercas e das poucas casas que tinham naquela parte mais isolada da cidade.

Depois de caminharem um bocado, Francineide percebeu que não passavam pelos mesmos cantos que tinham cruzado com os pais. Podia não se lembrar do caminho exato, mas ela sabia o rumo de casa. Ficou na dela, não disse nada. Se tivessem que andar um pouco a mais, bom até que o menino se cansava e já chegava pronto para cair na cama. No fundo, sentia inveja da inocência do irmão. A certa altura, teve pena dele e perguntou se não queria ajuda com o saco, mas ele se recusou a compartilhar o peso do que para ele era quase como um troféu que carregava.

Francineide levava um peso ainda maior que o do menino, mas era um peso que não daria para ver nem se fosse de dia, talvez apenas seus vestígios na cara dela, nos ombros caídos, mas só isso. No meio daquela escuridão toda, era assaltada por qualquer ruído, como se já esperasse por um barulho que denunciasse o pior e que chegasse de longe aos seus ouvidos. Não teria estrutura para ouvir sequer outro grito. Imaginava mil coisas e se arrepiava. Não parava de pensar no que os pais poderiam estar fazendo do outro lado do rio. Só foi relaxar um pouco ao reconhecer as cercas dos vizinhos. Passaram agachados, espiando e vendo que não tinha

uma só luz ligada. Correram, cruzaram as tábuas da cerca e pararam diante do quintal de casa. Francineide olhava para tudo que era lado, apavorada. O irmão, pelo contrário, sustentava no rosto um ar de vitória, que só não era de todo gracioso por conta da coluna torta e da respiração pesada.

— Aposto como o pai vai trazer mais duas — disse Nuno, baixando o saco das costas.

— Cala essa boca — disse a menina, tirando a chave de casa de dentro da bolsinha. Sentiu o pote de margarina.

Assim que entrou, ligou a lâmpada do terreiro, como o pai tinha mandado, e pediu que o irmão guardasse as galinhas. Voltou para o quintal e ficou com o olhar perdido pelo espaço pequeno, pelo tanto de folha caída, pelas plantas secas e sem vida. Por um momento, diante do estado do jardim que outrora fora tão bonito, perguntou-se o que a mãe fazia tanto ali fora quando estavam em casa. Mas ela sabia. Às vezes, a gente só quer um lugar para chorar sozinho. Escorada à porta, olhou na direção do rio como se fosse possível enxergá-los, como se fosse possível fazer algo para ajudá-los só olhando dali de longe.

Não tinha gostado nada daquela conversa de os pais ficarem para trás. Eles sempre iam e voltavam juntos quando saíam para roubar galinha. Uma vez por ano e sempre tinha sido assim. Era algo animado, que faziam brincando, se segurando para não chamar atenção dos vizinhos. Dessa vez tinha sido diferente. Tinha sentido a tensão, ainda que disfarçada, em cada palavra, em cada troca de olhar da mãe com o pai. Arrependeu-se por não ter enfrentado os dois, por não ter perguntado o que esperavam encontrar na casa dos Borges antes mesmo de terem saído de casa. Entendeu que não perguntara, na verdade, por medo de acertar. Tinha seu palpite. E tremia só de imaginar.

Era impossível não se lembrar da irmã naquele dia. Mesmo na ida, ver Nuno correndo na frente, com toda aquela empolgação e energia, já tinha feito ela se lembrar de Rita. Sabia que os pais deviam ter partilhado da mesma lembrança e da mesma angústia, afinal ela estaria roubando galinha com eles, bem provável que de algum outro quintal, se não tivesse desaparecido. Pior que a perda,

que a saudade, era a falta de respostas. Nenhuma evidência tinha sido deixada do que podia ter acontecido com a menina. Ninguém sabia de nada. Ninguém tinha visto nada. Ninguém nunca via.

Continuou do lado de fora, a porta do quintal aberta, na expectativa de que os pais chegassem. Mas não era esperança o que escuridão lá fora trazia. O temor de que algo acontecesse com eles lhe aflorava do peito e se apresentava como uma nova realidade. De repente, compreendeu que revivia o tipo de medo que toda criança sente em algum momento da vida, o medo de que os pais saíssem de casa e, por algum motivo, não mais voltassem. Fazia tempo que não sentia isso, nem mais lembrava o quanto podia ser assustador e triste, e se recriminou por ter rido dos irmãos e até lhes assustado das vezes que ouvira aquilo na voz chorosa de Nuno ou Rita.

Quando o irmão voltou da despensa, escorou-se na parede do lado dela. Bocejou de sono e disse que as galinhas tinham se deitado a um canto, por trás das caixas com comida. Francineide parecia não ouvir. Apenas balançava a cabeça, olhando para a mata de onde tinham vindo. E foi só quando ele perguntou o quê que ela tinha, por que que estava tão esquisita, que ela saltou de súbito, decidida a dividir sua aflição com o menino.

Andou com passos largos para dentro de casa; Nuno em seu encalço. Francineide entrou na sala com os nervos tão sensíveis que chegou a dar um grito ao ver o contorno de um homem sentado. Só depois viu que ele era de arame e que suas roupas dobradas continuavam no braço do sofá ao lado. Recuperou o fôlego e foi até a estante. Abriu a gaveta que ficava abaixo da foto dela mais os irmãos e retirou uma fivela cor-de-rosa lá do fundo. Olhou para o objeto ainda mais assombrada. Não precisava mais comparar com as da foto; era igual a que tinham acabado de encontrar cavando.

— Eu tenho que te mostrar isso.

E então contou tudo para o irmão, com um peso e um sentimento de irresponsabilidade por compartilhar aquilo com uma criança que fez ela se sentir a pior irmã mais velha do mundo. Mas o irmão tinha os coros grossos e aguentaria o tranco, ou pelo menos era assim que ela precisava agora enxergá-lo para que ela mesma

suportasse a agonia ou, pelo menos, para que não endoidasse sozinha.

— O pai foi fazer uns reparos no galinheiro do prefeito na semana passada. Não sei se tá lembrado, mas ele tava perturbado quando chegou em casa. Ficou nervoso que nem o diabo. A mãe, então, nem se fala. Fiquei de olho e consegui ouvir eles conversando de noite. Foi isso o que o pai encontrou no terreno dos Borges no dia, enquanto trabalhava — disse, passando para ele o pequeno adereço metálico.

O menino olhou do porta-retratos para o objeto e então de volta para a irmã com uma expressão de dúvida.

— Por isso que a mãe fez questão de a gente ir roubar a galinha desse ano lá nos Borges. Por isso que eles não voltaram ainda — completou, apesar de ver que ele por si só juntava os pedaços e já entendia. — Ela ficou desconfiada depois que o pai encontrou isso e convenceu ele que tinham que dar uma olhada.

— Acha que aquele grito foi da Rita?

— Eu não sei, Nuno.

— O que a gente tá fazendo aqui, então? A gente tem que ir na polícia. Eles tão correndo perigo.

— É o prefeito, moleque. Não dá pra contar com a ajuda de ninguém. — E depois de um curto silêncio, enquanto decidia o que precisava ser feito, continuou: — Você fica aqui que eu vou lá agora mesmo, só pra pedir pra eles desistirem dessa loucura.

— Você só pode tá ficando doida que eu vou deixar você voltar pra lá sozinha.

Sem saber o que fazia, Francineide bebeu um pouco daquela coragem infantil que transbordava do menino. Correram para o quintal. Quando ela já ia trancar a porta, Nuno deu então um grito, dizendo que tinha algo que precisava levar consigo. Empurrou a irmã para que ela desse passagem e correu de volta até a estante da sala. Pegou a arminha feita de cano e borracha e ficou na cozinha rodando, abrindo porta por porta do armário, querendo saber onde era que o feijão tinha sido guardado.

Francineide, vendo aquela arrumação, praguejou para o irmão que estavam só perdendo tempo. Ficou impaciente e foi logo

puxando o menino para fora antes que perdesse a pouca coragem, antes que o último fio se soltasse.

No meio da confusão, Francineide acabou desligando a luz do quintal de casa. Os dois nem notaram. E seguiram pela escuridão da mata.

IV

Maria Neide ficou de pé diante da cerca dos Borges, do lado de dentro da propriedade, vendo os filhos ganhar distância; o coração parando a cada passo que eles davam. Tão logo os perdeu de vista, julgou-se uma mãe desnaturada por soltar seu menino e sua menina naquela escuridão para que encontrassem, sozinhos, o caminho de casa. O que ainda a confortava era a mão pesada e quente do marido em seu ombro, e saber que mais perigoso seria ter eles ali caso suas suspeitas se confirmassem.

Com as pernas começando a cansar, Francisco puxou a esposa para que se sentassem. E assim ficaram, perto da cerca, de pernas cruzadas na areia, olhando para o que acreditavam ser a direção da própria casa.

— O que acha que foi aquele grito, Neide? — perguntou o marido, por fim.

— Não tenho ideia, Chico, mas não era a voz da Rita. Eu teria reconhecido se fosse a minha filha.

Ele ficou em silêncio, absorvendo aquela certeza toda. E ainda que compartilhasse o sentimento de que não fosse de fato a filha, não conseguiu ficar tranquilo. Pelo contrário, tal constatação o perturbava mais ainda.

Não era a primeira vez que uma menina das redondezas ou de alguma cidade vizinha, entre doze e quatorze anos, desaparecia. A história era a mesma toda vida, alguma menina que saía de casa e não voltava. Sumia. Às vezes desaparecia uma e outra logo no mês seguinte, às vezes passava mais de um ano até que se ouvisse alguma história parecida. Pela falta de pistas ou testemunhas, a polícia acabava se perdendo e arquivando os casos. Sem qualquer tipo de evidência que ligasse os desaparecimentos, as autoridades trabalhavam às cegas e sem considerar a possibilidade de que poderia se tratar de um mesmo culpado.

No meio do sofrimento de tantas famílias, havia quem sustentasse a ideia de que aquelas moças fugiam de casa em busca de alguma chance na vida, que não passava de uma tentativa

de fugir da pobreza e da falta de perspectiva. Era sempre filha de gente como Francisco, gente que morava nos bairros perto do carnaubal, gente que morava perto do rio. Era coisa que o povo que morava no centro parecia não se importar nem fazer questão de ficar lembrando. Chegara a ouvir certa vez que era o esperado num município tão pobre e que era cruzado por caminhões e por tantos carros cheios de promessas vazias. Para alguns era fácil demais falar aquilo. Mas ele se perguntava: por que nenhuma delas voltava? Por que nenhuma delas era mais vista?

Francisco continuou calado. Não dividiu os pensamentos com Neide, mas imaginou que ela percorresse caminhos semelhantes em sua cabeça. Ficaram ali um tempo; dois fantasmas a encarar a escuridão como se ela pudesse trazer clareza. O vento ao redor batia e arrepiava, trazia medo junto dele. O silêncio, da mesma forma, oprimia e soprava uma resposta que ainda não eram capazes de decifrar, mas que estavam dispostos a escutar. Tudo para se livrar da aflição pela qual vinham se arrastando nos últimos meses. Estavam exaustos. Precisavam tirar o véu da dúvida tanto quanto precisavam de água e ar.

Uma luzinha pequena lá longe foi então acesa. A luz do quintal deles. Levantaram-se de uma vez, animados que Francineide e Nuno tivessem conseguido chegar em casa. Maria Neide deu um sorriso e enxugou uma lágrima. A vontade de largar tudo e correr em direção àquela luz e a tudo que ainda lhes restava era tão grande que chegaram mesmo a tocar na cerca como se fossem pular para o outro lado. Mas então Neide se voltou para o marido, com um olhar pesado, e comprimiu os lábios antes de falar:

— Só preciso ter certeza, Chico.

E ele confirmou com um leve aceno de cabeça. Precisava também do mesmo.

Bateram na roupa para tirar a areia e seguiram na direção do casarão. Passaram mais uma vez pelo galinheiro, e foi impossível para Francisco não lembrar do pedaço de cartão que tinha ficado preso no cadeado. Só esperava que já estivessem longe dali quando algum dos irmãos notasse.

Os cachorros correram atrás deles, curiosos para saber para onde estavam indo, mas logo perderam o interesse ao perceber o rumo que tomavam. Preferiram continuar farejando atrás de comida pelo quintal a chegar perto da casa.

Chegaram na parede dos fundos, e Francisco fez sinal para que arrodeassem a casa. Queria mostrar para Neide a única coisa que tinha ficado preocupado. Numa das laterais, apontou então com o dedo o cômodo que continuava com a luz acesa. Além da lâmpada ligada, uma música agora tocava. E apesar de se tratar de uma música alegre, não era esse o efeito que ela trazia para eles. Era mais uma batucada incômoda e que não combinava em nada com a situação e com o medo.

Neide olhou para cima e começou a passar as mãos nas paredes, tateando com as mãos em garra, procurando encaixar os pés em algum buraco. Francisco soube na mesma hora que ela não ia sossegar enquanto não se atrepasse lá no alto. Procurou em volta por algo que pudessem usar de apoio, mas nada parecia firme o bastante para aguentar o peso de uma pessoa. Encostada ao pé de um coqueiro naquela parte lateral do terreno, avistou então uma cadeira e riu ao se lembrar de que ele mesmo tinha esquecido ela lá, dias atrás.

Correu naquele mesmo desengonço e voltou com a cadeira, trazendo um sorriso de esperança para a cara de Neide. Ele subiu na cadeira e só torceu para que ela aguentasse o peso deles. Neide subiu depois. Deu pezinho para a mulher, e ela, vendo que ainda não tinha altura suficiente, foi bater nos ombros dele. Agarrou-se na abertura do exaustor para se equilibrar e alcançou com os olhos as pás que giravam.

Era um cômodo estranho. Já tinha visto de tudo nas casas que trabalhava, mas nada tão parecido com um consultório ou uma farmácia. Não sabia nem dizer direito. As paredes eram cobertas de azulejos brancos e havia duas bancadas, uma de cada lado. Apesar de só conseguir ver os fundos do cômodo, dava para ver que era tudo muito limpo e ajeitado. Lembrou-se então do pai dos irmãos que ali moravam, Joaquim Borges, um antigo professor de Ciências que chegara inclusive a dar aula para ela na escola, tantos anos

atrás. O homem era famoso pelo trabalho que fazia com animais mortos que encontrava na estrada e, sempre que podia, se gabava por ter seu próprio laboratório em casa. Era isso então, teve a certeza. Apesar de a casa ter passado por algumas reformas desde que o velho tinha morrido, aquele local havia sido mantido pelos filhos e, pelo visto, ainda era utilizado.

No meio de tanta lembrança antiga, daquelas que já são dadas por perdidas não fossem algumas situações da vida, lembrou-se de que já fora chamada para trabalhar na casa dos Borges certa vez por Amália, a finada esposa do prefeito da cidade. Ficara animada de trabalhar naquela casa, talvez até ganhar um pouco mais, mas não teve coragem de deixar os pais de Amália depois de tantos anos fazendo a faxina na casa deles. Indicara então uma amiga. Luciene. Lembrou-se de Luciene e da filhinha dela. E balançou a cabeça para espantar os pensamentos que já iam sem juízo nem freio.

Francisco começou a cansar e a perder a firmeza, e ela fez uma forcinha a mais com o calcanhar para que ele se endireitasse, para que ficasse parado. Varreu com os olhos as prateleiras cheias de vidrarias e potes plásticos e, dando um impulso a mais no ombro do marido, avistou a borda de uma maca de alumínio no meio do espaço. Havia um ralo próximo a uma das extremidades da maca e um balde no chão, mesmo embaixo do buraco.

Assustou-se com um movimento lá dentro. Esticou-se e, de um novo ângulo, conseguiu ver o prefeito. Organizava algum instrumento metálico em uma das bancadas, sobre uma bandeja. Esforçou-se para entender o que era, mas ele estava quase de costas; a imagem sendo cortada pelas hélices o tempo inteiro. Arriscou ficar na ponta dos dedos e então, a um canto, quase fora do alcance da visão, uma menina presa a uma cadeira.

Ficou tonta e achou que fosse desabar lá do alto. Recuperou-se do mal-estar e agarrou-se na borda da abertura, esforçando-se para captar mais algum detalhe. Olhou mais uma vez para a moça e viu que ela tinha os punhos amarrados aos braços de uma cadeira de rodas, que meias calçavam suas mãos até os cotovelos. O prefeito continuava a organizar a bancada, distraído, enquanto se

sacolejava numa dança ridícula ao som de um radinho de pilha sobre uma das prateleiras.

A cadeira de madeira abaixo deles estalou com o peso. Francisco se desequilibrou de leve e agarrou a mulher pelos tornozelos. Neide pendurou-se à grade do exaustor para não cair e segurou um grito de dor quando uma das hélices passou rente aos dedos. O ventilador de três pás teve o movimento interrompido, mas apenas por um breve instante. No seguinte, o prefeito se virou na direção da abertura, assombrado, e ela se soltou da grade.

Neide foi agarrada no ar por Francisco, que por muito pouco não tombou com ela da cadeira. A mulher tinha uma cara de terror pela certeza cruel de que os olhos dela e do prefeito tinham se cruzado. Fez com a mão para que Francisco continuasse calado e torceu para que, por conta da escuridão do lado de fora, o prefeito não tivesse a enxergado.

Desceram da cadeira e ficaram agachados, encostados na parede. A música lá de dentro foi então desligada. E ela sentiu nesse momento como se o chão cedesse e sua cova se abrisse ali mesmo. Ainda pensou em se levantar e sair correndo, já esperando que alguma porta ou janela da casa se abrisse e alguém os pegasse no flagra. Mas não aconteceu nada. Quando o silêncio foi finalmente quebrado, foi apenas a música lá dentro voltando a tocar.

Neide só então conseguiu encher os pulmões de ar, mas o alívio de ter escapado não era páreo para a perturbação que lhe assaltava.

— A filha da Teresinha. A Virgínia — disse num sussurro, quase inaudível.

— O que você tá dizendo?

Explicou em detalhes o que tinha visto dentro do cômodo, com a voz ofegante e cortada, e então prosseguiu:

— Aconteceu de novo, não tá lembrado? Tá com umas duas semanas, a filha da Teresinha lá da rua foi na mercearia comprar pão de manhã e não voltou mais pra casa. A polícia já procurou, procurou, mas nem sinal da menina. — E dando uma pequena pausa para se recuperar da conclusão a que chegava, disse baixinho, ainda assustada com qualquer ruído: — Tá tudo ligado,

Chico. Não percebe? As meninas da Deuzimar, a neta do Aguiar, a filha da Luciene e vai saber quantas mais.

— Esse caso da menina da Luciene já tem mais de dez anos, Neide. Faz sentindo isso que você tá dizendo? Lembro que ela trabalhava como diarista aqui na casa deles... Foi pouco depois da morte da filha do prefeito... — Queria continuar a falar, mas não conseguia. Então perguntou: — O que eles tão fazendo com essas meninas?

— A gente precisa fazer alguma coisa, homem de Deus.

— E os dois que a gente tem em casa pra criar? Tá doida?

— Se der merda pra nós, a Francineide e o Nuno vão ter que se virar. Agora se eu voltar praquela casa e continuar com essa dúvida do que aconteceu com a minha Rita, juro que aí que eu fico doida mesmo.

— Você tá ouvindo o que tá dizendo? Perdeu o último pingo de juízo, foi isso?

— Não foi você que viu o que eu vi, Chico. Não dá mais pra voltar pra casa depois do que eu vi lá dentro. A gente tem que salvar a filha da Teresinha.

Levantou os olhos para as hélices que giravam acima, depois sua vista se perdeu no terreno. Passou as mãos pela cabeça, toda se tremendo. Fez menção de se levantar, mas as pernas fraquejaram. Sabia que estavam sozinhos, que não teriam ajuda de qualquer autoridade e que ninguém da cidade daria qualquer crédito a eles. Ninguém acreditaria que o prefeito Augusto Borges e o seu irmão, o médico que atendia no posto de saúde da cidade, sempre tão simpático, sempre tão comprometido e pontual, estariam envolvidos com qualquer daqueles casos. Olhando em retrospecto, a impressão que ela sempre tivera, de que esse assunto não tinha relevância para a maioria das pessoas da cidade, pareceu então se confirmar. Concluiu que era no mínimo estranho que, numa cidade pequena como aquela, o prefeito não se posicionasse. A falta de importância que ele dava era exemplo para o próprio povo tratar o problema com pouco caso. E de fato era coisa que o povo esquecia rápido.

— Se eles tão mantendo a filha da Terezinha aí dentro todos esses dias, será que a Rita ainda pode estar... — Mas ela não teve coragem de terminar a frase.

— Não tem como a gente fazer nada aqui, Neide. Tamo mexendo com gente grande — disse Francisco, ficando de pé e dando a mão para levantá-la. — Bora fazer disso. A gente entra e dá um jeito de pegar alguma coisa pra provar que a Virgínia tá com eles. E pronto. Não é hora de querer resolver as coisas sozinho. Vamos deixar pra polícia investigar com o que a gente conseguir levar de prova pra eles.

Ela aceitou a mão do marido e se ergueu; ainda assustada, as pernas fracas. Apesar de concordar com ele, o que queria mesmo era soltar Virgínia, nem que fosse preciso sujar suas mãos de sangue para isso. Queria perguntar se ela sabia alguma coisa de Rita. Era a melhor chance que tinha, talvez a única, de descobrir onde estava a filha.

Deram a volta pela casa. Tentaram as janelas, a porta da frente e a dos fundos. Tudo de novo, com mais afinco. Mas não adiantava, nem forçando abria. Francisco voltou a se espremer pelas grades das janelas e a brechar pelas poucas venezianas abertas que encontrava, mas não enxergava nada. Quando estavam mais uma vez no mesmo ponto, na parte de trás do terreno, olharam-se com uma inquietação crescente, pensando no que teriam que fazer para entrar na residência.

— Tem certeza de que é isso que quer fazer? — Francisco perguntou, agachando-se e pegando uma pedra grande no chão com as duas mãos. — Acho que sei um jeito de a gente conseguir entrar.

Testou o peso da pedra, e Neide entendeu de imediato. Confirmou com a cabeça, apesar da expressão apavorada. Francisco apoiou a pedra no ombro direito, posicionou a perna esquerda à frente e lançou o objeto girando o corpo para ganhar mais força. Chegou a perder o equilíbrio e quase caiu com o movimento. Arremessou o mais alto que pôde e torceu para que acertasse o alvo, mal conseguindo ver a trajetória que o projétil traçava.

A pedra então bateu e saiu quicando pelo telhado do galinheiro como uma pedra num lago, só que quebrando e derrubando pedaço de telha para tudo que era lado. As galinhas cacarejaram, gritaram e bateram asas, assustadas e com ainda mais ódio que da primeira vez que tiveram o sono perturbado.

Demorou um pouco, mas a porta dos fundos da casa foi aberta com estrondo. Gilberto Borges, o irmão do prefeito, correu para o quintal com o mesmo pedaço de pau de antes, berrando e perguntando quem era que estava no terreno deles. No auge de sua fúria, esqueceu a porta da casa aberta e sumiu pelo terreiro, fazendo barulho e batendo no tronco das árvores pelas quais passava em direção ao galinheiro.

Francisco e Neide, escondidos por trás de uma coluna, dispararam para a porta aberta. Diante daquela boca retangular com trancas e dobradiças, ainda pensaram em dar meia-volta. Naquele ponto, porém, entrar já não era mais uma questão de escolha. Tiraram as chinelas para não fazer barulho; Neide apontando para o alto da guarnição da porta. Esconderam as chinelas no alto da tábua de madeira e, sem ter ideia do que poderiam encontrar lá dentro, mergulharam numa escuridão ainda mais densa.

V

Nuno só foi parar de xingar a irmã por não ter deixado ele procurar o feijão quando viu que já estavam longe demais para voltar. Ainda procurou por pedrinhas no caminho, mas, naquele escuro, todas que encontrava do tamanho certo se esfarelavam mal ele tocava. Francineide não deu muita atenção para o irmão, mas também não teve a mesma preocupação de antes de mantê-lo calado. De tão abalada que estava, fez o caminho sem se importar com o que acontecia em volta, só queria saber de andar rápido e encontrar os pais. Assim, passaram pelos fundos de quintais, cruzaram a faixa de carnaubal e atravessaram o rio pelas pedras até parar, pela segunda vez naquela madrugada, nas costas da grande e isolada propriedade.

Diante da cerca, Nuno não teve força suficiente para separar os fios de arame, e Francineide preferiu passar se arrastando por baixo. Melhor que se furar. O irmão riu com a cena e foi logo atrás, deslizando como uma minhoca e se gabando com o quanto já estava pegando a prática na atividade. Pelo tamanho da boca aberta, rindo e falando sem parar, passou quase comendo terra para o outro lado.

Mal entraram no terreno, os dois cachorros vieram correndo, todo satisfeitos, cheirando e lambendo os rostos deles; os rabos balançavam de um lado para outro, rodavam. Apesar de tanta alegria, Francineide reparou que os bichos respiravam com dificuldade pelo movimento das costelas salientes, cobertas por uma pele fina e quase sem gordura por baixo. A menina tirou da bolsinha o pote de margarina e, de dentro dele, os dois últimos pedaços de carne que tinham sobrado. Dividiu em duas partes. Sabia que a mãe ia reclamar, mas não se importou. Tinha ficado outro tanto na geladeira que dava para fazer uma sopa depois.

Olharam ao redor, mas não localizaram os pais em qualquer parte. Tiveram que conter o ímpeto de levar a mão em concha à boca e gritar. Teria sido muito mais fácil.

— Será que deram um jeito de entrar na casa? — perguntou Francineide, preocupada. — Vamos chegar mais perto e ver se a gente acha eles.

— Péra, preciso só pegar uma coisa antes — insistiu o menino, fingindo não notar o ar de impaciência da irmã.

Correu até o galinheiro. Levantou um pouco mais a tela e passou se arrastando pela abertura que tinham feito. Foi até os comedouros, mas não encontrou nem um grão de milho. Ficou desapontado, mas lembrou-se dos tambores que tinha visto perto dos ninhos. Encaminhou-se até o local com cuidado para que as galinhas não acordassem, abriu a tampa e sorriu. Encheu os dois bolsos do calção de milho. Antes de sair, ainda olhou em volta, com vontade de roubar outra galinha. Com medo da cara de recriminação ainda maior que Francineide faria, porém, desistiu.

Arrastou-se para fora e encontrou a irmã com o quadril pendendo para um dos lados; os braços cruzados e a cara antipática de quem não aguentava mais esperar.

— Tô pronto. — E foi só ele se levantar para quase morrer de susto com o barulho que parecia com o de um furacão que tivesse, mesmo acima de sua cabeça, se formado.

Alguma coisa pesada atingiu o teto do galinheiro e correu pelo telhado, quebrando tudo por onde passava. Nuno ainda conseguiu se abaixar, e foi por muito pouco que um pedaço de telha não pegou a testa dele. As galinhas saltaram dos poleiros, e o menino, que parecia ter se enterrado até a altura dos joelhos, presenciou estático aquela confusão de cacarejos pela segunda vez parado.

Francineide agarrou o irmão pelo braço e saiu desembestada para os fundos do terreiro. Estava tão nervosa que não teve coragem de parar nem para olhar para trás. Ouviu o som da porta da casa abrindo e então os gritos do irmão do prefeito, soltando desaforos e batendo nas árvores, descontrolado. Acelerou ainda mais. A pressa e a força que apertava o braço do irmão eram tamanhas que certeza que se ele tivesse tropeçado, teria sido arrastado como um boneco de pano pelo quintal.

E então, uma pisada em falso.

Plá.

Ela não chegou a cair, mas sentiu como se o chão pudesse dobrar.

Estranhou, mas manteve a carreira no mesmo ritmo alucinado até alcançar a proteção de uma árvore. Dali, percebeu com dificuldade a silhueta do irmão do prefeito ao longe, demarcada pela luz do luar. Não fosse a lanterna que ele carregava, talvez nem tivesse o avistado tão rápido. O cone de luz que era projetado pelo homem correu pelo terreno, e Francineide chegou a prender o ar das duas vezes que o halo passou perto deles, tão perto que ela chegou a acreditar que seriam encontrados. Por um momento, ficou na dúvida se tinha escondido ou não o pé por trás da árvore.

Esperou mais um pouco e tornou a brechar. Viu o homem indo até o galinheiro, pegando as chaves no cós da calça e depois o cadeado. Mas então ele desistiu, olhando por através da tela e fazendo menção de que não era necessário. Por fim, ele deu uma olhada rápida de um lado para o outro e voltou na direção da casa.

— Pensei que agora que a gente ia tá lascado — disse Nuno numa vozinha aguda e assustada. — Será que ele não viu o cadeado?

— Também jurava que ele ia perceber o pedaço de cartão quebrado dentro do buraco. Sorte nossa se ele não percebeu — disse ela num tom de alívio, apesar da respiração forçada. — Bora só dar mais um tempo por aqui e depois a gente arrodeia a casa para ver se encontra a mãe e o pai.

— Tomara que já não tenham é pegado eles, isso sim.

— Bate nessa boca, Nuno.

Ficaram em silêncio, observando o grande quintal e, ao longe, as galinhas voltando aos poleiros. Vendo que o homem tinha mesmo sumido, Francineide abriu mão da proteção do esconderijo e voltou por onde tinham corrido, tateando o chão com os pés, devagar. O irmão veio logo atrás perguntando o que diabos era aquilo que ela fazia.

Plá.

— Achei!

E então um outro barulho veio da mata. O homem, que tinha apenas fingido voltar para a casa, apareceu por trás da sombra de

uma árvore.

Nuno pegou um caroço de milho do bolso e, com a arminha de brinquedo, atirou na direção da figura que se aproximava em grandes passadas. Francineide olhou apavorada para a cena e só não correu porque não ia deixar o bocó do irmão para trás. Enquanto assistia ao avanço do homem, perguntou-se com uma expressão de piedade se na imaginação do irmão aquilo seria mesmo capaz de derrubar um adversário. Nuno atirou uma, duas, três vezes, para então levar uma mãozada no rosto que fez o moleque rodar e cair de cara no areal.

O homem, vendo que a menina continuava com um dos pés a tatear o terreno, saltou na direção dela com o pedaço de pau. Foi tudo tão rápido que Francineide não teve tempo nem de se abaixar. Quando o homem estava prestes a atacá-la, a um segundo de acertar-lhe a cabeça, os cachorros apareceram do nada. Um pulou para cima dele, enquanto o outro o agarrou pelo calcanhar. O homem se desequilibrou, chegou a dar um passo em falso, mas caiu de cabeça com um baque metálico. A perna ainda tremeu, e talvez um dedo ou outro da mão, até que finalmente o corpo ficou parado.

Nuno levantou-se, meio tonto, e caminhou até a irmã. Francineide estava boquiaberta e ficou mais ainda quando os cachorros começaram a beber do líquido escuro e viscoso que escapava da cabeça do homem e se acumulava em uma pequena poça ao seu lado. A menina tentou espantar os cachorros, mas eles, pensando que ela estava brincando, pularam para cima dela, querendo carinho, com as línguas e os focinhos cheios de sangue. Ela por fim desistiu, e eles se voltaram mais uma vez para o corpo, morrendo de fome.

— O que foi que você encontrou? — perguntou Nuno, tentando não olhar para o homem.

Ela já tinha até esquecido. Precisou empurrar o corpo com a ajuda do irmão e viu que abaixo da cabeça ensanguentada tinha uma fechadura. Nuno afastou a terra e as folhas caídas com as mãos e logo sentiu as bordas metálicas de uma portinhola se projetando na superfície. Perguntaram-se como iriam abrir aquilo, mas Francineide logo soube. Passou por cima dos cachorros para

alcançar as chaves penduradas na calça do homem. Fez isso morrendo de nojo, com um medo e uma aflição ainda maiores ao constatar que se arrastava por cima de um morto. Pior ainda, um morto que tinha ainda nem esfriado.

Voltou com as chaves e limpou a fechadura suja de sangue com a roupa. Foi tentando uma a uma, e não demorou até que uma funcionasse. Levantou o alçapão e, pela pouca claridade que entrava, viu tratar-se de um pequeno recinto com uma estante e uma escadinha de acesso. Nada mais que isso. Olhou para o irmão, e ele deixou claro pela expressão de pânico que era burrice entrar ali.

Ela não se conteve e desceu pela escada. O local era apertado. A estante ocupava quase todo o espaço do cômodo, e ela precisou se espremer para caber no vão entre o móvel e a parede. Nas várias prateleiras, havia fileiras de sacolas posicionadas lado a lado. Passou a mão pelas sacolas plásticas, quase sem conseguir enxergar nada. Abriu uma delas e puxou de dentro a primeira coisa na qual os dedos se fecharam, algo redondo e cheio de buracos. Descobriu de cara o que era pelo formato. Da sacola aberta, outras peças caíram e quicaram no chão de cimento com um som de gesso. Ficou ainda mais preocupada.

— O que foi isso? Sai logo daí.

— É osso de gente. Tenho certeza. — disse ela, olhando para o rosto do irmão no alto. Teve então uma ideia. — A lanterna! Vê se encontra a lanterna, Nuno.

— Para com isso. Tá inventando coisa pra me deixar com medo.

— Deixa de ser abestado, menino. Tô falando sério. — Fez um muxoxo e continuou: — Tá aqui, na minha mão. Anda, pega a lanterna.

O menino engatinhou até o médico, engulhando com o cheiro e com o som molhado que os cachorros faziam enquanto se refestelavam com o sangue e talvez até já com a carne do homem. Tateou os bolsos dele e encontrou um celular e uma lanterna. Ignorou o celular e pegou a lanterna. Esticou o braço para dentro do buraco para entregá-la à irmã.

— Eu não acredito em você — disse o menino, por fim, desafiando-a.

Em resposta, ela subiu na prateleira mais de baixo e ergueu a mão para além da borda da abertura segurando um crânio. Nuno olhou para os dois buracos escuros onde já houvera olhos e para aquele sorriso de ponta a ponta. Quando a luz veio de baixo então, pensou que fosse desmaiar naquele mesmo instante. Ainda que soubesse que era o braço da irmã, foi o mesmo que tivesse visto a mão de um demônio brotando da terra, só para pregar-lhe uma peça antes de carregá-lo para baixo e fazer sua refeição.

Francineide guardou o crânio de volta na estante e a lanterna na bolsa. Subiu para acudir o irmão.

— Viu como eu não tava mentido? — disse com uma voz de repreenda, ao mesmo tempo em que abraçava o menino. Reconhecia que tinha exagerado, ido além do ponto.

— Eu quero ir pra casa.

— A gente precisa encontrar eles, Nuno. Tem alguma coisa muito errada acontecendo. Temos provas disso. — Fez uma pausa, procurando algo para dizer que o abastecesse de coragem. Era o seu papel de irmã mais velha, e só esperava que funcionasse: — Ainda bem que você pegou munição pra proteger a gente — disse, tentando soar o mais convincente que pôde diante do próprio medo.

— Fala como se tivesse dado certo.

— Ele não diria o mesmo, diria? — E apontou para o homem, que agora era repuxado com ainda mais violência pelos cães. — Você acabou atrasando ele, Nuno. Não fosse você, os cachorros não tinham chegado a tempo pra ajudar a gente.

O menino sorriu um pouco mais confiante.

Francineide fechou a portinhola, jogou um pouco de terra por cima e ajudou o irmão a se levantar. Caminharam em direção à casa de mãos dadas, olhando para os lados. Passaram pelo galinheiro e viram a pedra que tinha acertado o telhado. Ela crispou a testa, pensando em quem poderia ter feito o ataque.

Pararam diante da casa e se depararam com a porta que dava para o quintal. Estava escancarada.

Nuno apontou para o alto da porta, e Francineide avistou as chinelas dos pais em cima de uma tábua. Estavam lá dentro, era a confirmação de que precisavam. Francineide entendeu a ideia dos pais, do porquê de terem escondido as chinelas, e concordou com um balançar de cabeça que deveriam fazer o mesmo se não quisessem fazer zoada. Colocou as deles no alto da guarnição da entrada e pararam à soleira, olhando uma última vez para fora, sem saber se faziam a coisa mais sensata ao entrar naquela casa.

Entraram juntos, e Francineide, com as chaves que ainda carregava, trancou a porta por dentro ao passar.

VI

O silêncio no interior da casa era sólido; a escuridão, densa como uma lama pegajosa. Parecia impossível cruzar essas barreiras invisíveis, mas ao mesmo tempo tão poderosas. Pensar na filha era a única coisa que lhes dava coragem e disposição para enfrentar o medo de cada novo passo. Ainda pensaram em desistir e voltar correndo para o quintal, mas já não dava. Havia o receio de que Gilberto voltasse.

Maria Neide e Francisco adentraram a cozinha enorme. E embora não conseguissem ver quase nada, Neide ficou admirada com o espaço. Era o tipo de ambiente que só tinha visto com tanto requinte, com tantos armários e com tantas panelas penduradas nas novelas que acompanhava. Francisco, que já tinha entrado até aquele ponto da casa na semana anterior, apontou o caminho que dava para a sala. Ela o seguiu, devagar.

Imersa em um silêncio tão alto e incomodativo, Neide chegou mesmo a duvidar que seria capaz de ouvir outra coisa depois daquilo. Se por uma obra do destino ou de um salto avexado da velhice perdesse a audição justo ali, sequer notaria. Estranhou a quietude absoluta do lugar, era até como se não tivesse ninguém na casa, como se invadisse uma residência abandonada e tudo não passasse de uma fantasia da sua imaginação, do seu desejo por encontrar a filha. Mas ela sabia o que tinha visto. E continuou no mesmo ritmo.

Na sala, além da pouca claridade que entrava pelas venezianas, um grande polígono de luz era desenhado na parede da escada, indicando que havia alguma lâmpada ligada no outro andar. Caminharam com passos miúdos, vacilantes. Eram tantos objetos na mesa de centro e nas estantes, que passaram de braços cruzados, com medo de acabar derrubando algo. Pararam de frente a um armário e contemplaram, por através de suas portas de vidro, uma coleção de contornos bizarros.

Francisco aproximou-se e viu que se tratavam de animais. Havia em uma das prateleiras uma jaguatirica e um gato-do-mato.

Em outra, uma raposa e um cassaco. A um canto, perto do sofá, Neide avistou um veado de pé com um olhar sereno e uma naturalidade tão grande que era como se tivesse acabado de entrar e procurasse um tufo de mato. Vendo que ali não encontrariam nada, encaminharam-se para a escada. E já quase a alcançando no outro extremo da sala, depararam-se com um macaco-prego e um soim, presos com fios de arame que saíam das patas, em um galho sem folhas e envernizado.

Subiram a escada com um cuidado exagerado, como se os degraus fossem até minados. Neide ia pisando só com os dedos, sentindo o chão frio e limpo. No andar de cima, pararam ante um amplo corredor e logo avistaram a porta aberta para o único cômodo da casa com a luz ligada.

Seguiram rumo ao aposento e, apesar da hesitação, entraram. Neide reconheceu o laboratório de imediato. Varreu o local com os olhos apertados, acostumando-se aos poucos a toda aquela claridade. Identificou os azulejos brancos das paredes, a maca metálica ao centro, o rádio de pilhas calado. Foi até a cadeira de rodas que tinha visto e encontrou as tiras de tecido com as quais a menina tinha sido amarrada e um pano, ainda úmido, que devia ter lhe servido de mordaça.

Na bancada onde tinha avistado o prefeito organizando algo, encontrou uma pinça, um bisturi, uma espátula e um carretel de linha com uma agulha alinhados e igualmente espaçados entre si sobre uma bandeja de aço inoxidável. Ao lado, um pequeno frasco de vidro vazio e uma seringa. Os instrumentos pareciam prontos para algum tipo de procedimento que fora de última hora interrompido, abandonado.

Neide mexeu na bandeja, e Francisco fez sinal para que ela tivesse cuidado.

— Tenho que salvar a minha filha — disse em resposta, ignorando o pedido que o marido fazia com as mãos para que ela não tocasse em nada.

— A gente tá procurando alguma pista da filha da Teresinha, a Virgínia — disse Francisco, corrigindo-a, e ela continuou, com uma

das mãos agora ocupada, vasculhando em busca de qualquer sinal da menina.

Ela não se importou com o que ele disse e até entendeu o fato de o marido não querer alimentar ilusão alguma. Mas ela precisava, nem que fosse apenas para ter coragem de seguir procurando, mesmo sabendo que o mais provável era acabar caindo no mesmo precipício de dor e tormenta que, na verdade, nunca tinha escapado. Continuava amarrada ao fundo pela dúvida, pois, enquanto não tivesse uma prova cabal e definitiva, continuaria alimentando qualquer centelha de esperança de que encontraria Rita.

De repente, Neide avistou a fresta lateral do que parecia ser uma porta fechada dentro do laboratório. Não tinha percebido ela até então, quase escondida pela parte lateral de uma estante. Aproximou-se. Era uma porta diferente, robusta, mais parecia o acesso para um cofre. Segurou a maçaneta grossa com uma das mãos e sentiu o mecanismo pesado do trinco. Como já poderia ter previsto, ela não abriu. Ainda passeou com os olhos pelas bancadas à procura de uma chave, por cada canto, mas foi em vão.

Bateu devagarinho na superfície lisa e encostou a orelha entre as mãos em concha. Ninguém respondeu. Bateu outra vez.

— Você tá doida? Quer entregar a gente?

Voltou-se para o marido e se deparou com uma expressão de raiva, mas também com um pedaço de pano amarelo que ele segurava, todo encardido e amarrotado. Francisco havia acabado de encontrá-lo em uma das bancadas.

— O vestido. Era esse o vestido que ela tava usando — disse Neide, espantada, olhando para a saída de ar do exaustor e mais uma vez para o marido.

— E essa porta? — perguntou ele, forçando a maçaneta, mas vendo que não adiantava. A porta sequer mexia, por mais força que ele colocasse. — Não vai abrir, Neide. Sei o que você tá pensando, mas a gente tem que ir embora. Melhor a gente vazar antes que o Gilberto volte.

— E se essa menina ainda tiver viva? Se tiver aí dentro? — Respirou com dificuldade e fez sua última tentativa: — E se fosse

alguém que desistisse da nossa filha, Chico, você gostaria?

— Melhor escapar e pedir ajuda, não acha?

Ela odiou concordar.

Correram para fora do laboratório e seguiram em direção à escada. Neide começou a descer, a mão apoiada no corrimão, quando ouviu o barulho da porta dos fundos da casa sendo trancada. Um barulho baixo, quase imperceptível, mas o suficiente para que a fizesse estancar. Francisco, não esperando aquela parada brusca, chocou-se contra ela, e foi por muito pouco que os dois não rolaram escada abaixo.

Recuaram para o corredor, girando como baratas que não soubessem que direção tomar. Se voltassem para o laboratório, acabariam projetando sombras na parede da sala. Seguiram então para o outro lado. E uma vez escolhido o caminho, foi inevitável não serem tomados por um instinto de busca que, dentro do peito, chegava a inflamar.

Havia duas portas no corredor antes que ele fizesse uma curva à direita. Abriram a primeira um pouco, apenas o suficiente para brechar e garantir que não havia ninguém no cômodo, depois entraram. Era um quarto espaçoso e com uma janela que parecia dar para o quintal. A primeira coisa que lhes chamou a atenção, entretanto, foi uma corda jogada no chão. Ela tinha uma das extremidades presa à base de um armário e a outra livre, caída perto da cama com um nó e um laço então folgados. Francisco percebeu o contorno de um penico, e Neide apontou para um vestido pendurado a um armador de rede, na parede do outro lado.

Deram meia-volta e se retiraram; Neide puxando o marido por um dos braços. No corredor, estranharam, com um incômodo ainda maior, o silêncio que se mantinha inalterado. Se Gilberto tinha mesmo voltado do quintal, pensou Francisco, na certa tinha percebido que alguém havia invadido a casa. Por que outro motivo ele se manteria calado? E onde estaria Augusto, que Neide jurava tê-lo visto no laboratório por através das pás?

Francisco então perdeu o raciocínio diante da segunda porta, quando se deparou com uma plaquinha com o nome da filha do prefeito afixada. Neide arrepiou-se ao ler o nome, passou até a mão

por cima para confirmar, e lembrou-se de uma porção de histórias que eram contadas na época da morte da menina, tantos anos atrás.

Abriram a porta e, no mesmo momento, ouviram o barulho de passos que tentavam ser discretos subindo a escada. Não viram outra opção. Pularam para dentro do quarto e bateram a porta, devagar.

Havia uma cama, um guarda-roupa e uma escrivaninha. Bonecas por toda parte. Em uma das paredes, fotos emolduradas corriam em duas filas. Neide aproximou-se para examinar os retratos, com dificuldade, mal conseguia enxergar. Lembrava-se da menina, lembrava-se do acidente no qual ela e Amália haviam morrido. Já devia fazer uns dez anos, no mínimo; fez as contas mentalmente, recordando de que Nuno era um bebê de colo ainda.

Devido ao estado dos corpos, o velório das duas teve que ser feito com o caixão fechado. Um primo de Neide, que trabalhava como coveiro e com o qual ela se encontrara no dia após o enterro, disse não entender como alguém tinha sido capaz daquilo. E não era do acidente que ele falava, mas de algum inimigo político, pois só podia ser isso, que tinha ido ao cemitério para tripudiar do sofrimento da família. Na primeira noite depois do enterro, pela madrugada, quebraram a cruz da lápide da esposa do prefeito e remexeram a cova da filha. Não satisfeitos, quebraram a tampa do caixão e levaram a menina. A polícia foi chamada pela manhã, mas isso só serviu para que a história se espalhasse. Ninguém nunca soube o paradeiro do corpo nem qualquer suspeito foi apontado.

Neide, numa tentativa de interromper aquele fluxo maldito, benzeu-se três vezes. Deu um passo para frente, outro para trás, com dificuldade de manter-se equilibrada. Apoiou-se na cama. Passou a mão pela colcha. Estava limpa, e concluiu que era sempre trocada. Apesar da limpeza do quarto, da decoração infantil, havia um cheiro estranho que empestava. Começou a se arrepender de ter entrado na casa.

Tomada por uma inquietação crescente, quis saber a origem do cheiro azedo. Abriu as portas do guarda-roupa, puxou as gavetas. Mas tudo que encontrou foram dezenas de vestidos com

fitas e babados e um bocado de meias dobradas. Passou a mão pela cama outra vez, para tirar um vinco que tinha deixado, e aproximou o nariz por acaso. O cheiro veio então mais forte. Reparou que o colchão se apoiava sobre uma base fechada, formando algo semelhante a um baú com a tampa. Levantou a colcha que descia pela lateral e encontrou uma placa de madeira, cheia de pregos, unindo as duas partes. Caiu sentada, enojada. Francisco, entendendo na mesma hora do que se tratava, ergueu a esposa pelos braços e ajeitou a colcha na posição em que tinham encontrado.

— Já temos isso de prova, Neide — disse, levantando a bola amarela de pano que segurava. — A gente precisa sair daqui.

Colocaram o ouvido contra a porta e escutaram passadas do outro lado. Recuaram um pouco, de mãos dadas, quando um clarão momentâneo se infiltrou pela fresta entre a porta e o assoalho. Lembraram da lanterna que Gilberto carregava. E se afastaram rápido ao perceber que a pouca claridade da lua que entrava pela janela projetava sombras deles no chão do quarto.

Não tendo onde se esconder, ficaram naquela apreensão, antecipando-se ao que fariam quando a porta abrisse. Para eles, já era mais que certo isso. Neide apertou um dos punhos e encheu os pulmões de ar. Mas a porta continuou fechada.

Deram um tempo, que mais pareceu uma eternidade, e então arriscaram. Francisco se adiantou e colocou a cabeça para fora. O corredor estava vazio. De um lado, a claridade que vinha do laboratório, do outro, a escuridão que antecedia a curva ao final. Saíram do quarto. Francisco queria voltar para a escada, descer e correr para casa. Neide queria seguir pelo corredor, dobrar à direita e continuar procurando por Rita em todos aqueles quartos. E quase que tiveram uma briga de caretas, puxões e gesticulações de braço.

Ainda deram dois ou três passos pelo corredor, por insistência de Neide, mas logo desistiram ao ouvir os gritos do prefeito vindo de um dos cômodos além da curva.

— Gilberto! Gilberto!

E então o som de dois tiros rasgou o silêncio em pedaços.

— Isso é pelo que vocês fizeram com o meu irmão, suas pragas.

Francisco e Neide pararam de súbito; chegaram nem a dobrar o corredor. Ficaram confusos, assustados, sem entender o que tinha acontecido com o irmão do prefeito se o homem tinha acabado de passar por eles. Compreenderam nada, muito menos contra quem foram desferidos aqueles tiros e proferida tanta raiva. Mas nada importava naquele momento, apenas fugir da casa.

Recuaram às pressas. E passando mais uma vez diante do quarto, Neide pisou em algo que, embora fosse pequeno, fez ela perder a força da perna e falhar na passada. Não fosse isso, talvez até tivesse reparado que tinham esquecido a porta aberta pouco antes dos tiros, enquanto discutiam se era ou não prudente continuar procurando pela casa. O que quer que tenha sido, ignorou. Apoiou-se no braço do marido e segurou o gemido de dor. Correram para a escada.

VII

Francineide guardou as chaves na bolsa, junto com o pote seco de margarina e a lanterna, e seguiu mais o irmão pelo interior da casa. Precisavam apenas achar os pais e revelar a localização do que tinham encontrado no quintal para incriminar o prefeito e o médico da cidade. Àquela altura, depois de ter inclusive tocado nas ossadas, Francineide não tinha mais qualquer esperança de encontrar a irmã ou alguém para ainda ser salvo. Quanto ao grito que haviam escutado mais cedo, tão nítido e penetrante, não duvidava que fosse de alguma pobre coitada que já estivesse era morta, ou até que fosse coisa de assombração, de alma penada.

Passaram pela cozinha, olhando para cada canto, quase sem conseguir enxergar. Francineide pensou em pegar a lanterna, mas não lhe pareceu uma boa ideia. No meio da dúvida, viu Nuno abrir a porta de um armário e sussurrou baixinho em seu ouvido se era de fato ali dentro que ele esperava encontrar os pais. O menino respondeu com um muxoxo, só para levar um puxão de orelha e receber o décimo pedido da noite para que ficasse calado.

— Mas é você que tá falando.

— Você que fica me dando motivo pra falar.

Puxou o menino pelas orelhas, e foram para a sala.

Pela luz que vinha do andar de cima, puderam caminhar com mais facilidade, mas também com mais medo de serem notados. Francineide ficou impressionada com o tamanho do sofá; o irmão, com a televisão da sala. Diante de tanta coisa para olhar, foi inevitável que não se separassem por um instante, atraídos pelo mar de novidades que o recinto ostentava. Francineide passou a mão no focinho de um veado, muito realista, mas logo o soltou e correu na direção do irmão ao ver que ele seguia de costas, distraído, para um galho sem folhas que brotava do chão, perto da escada.

Nuno se virou de súbito e deu de cara com um macaco-prego; o soim estava mais ao alto. Francineide chegou a tempo de conter-lhe o grito, mas não o enjoo. E o menino provou de um desconforto

sem tamanho, ainda mais ao ver as unhas e as rugas dos dedinhos do macaco. Uma visão tão agourenta, que fez ele abrir e fechar as próprias mãos, repetidas vezes, e balançar a cabeça como que para se livrar de uma sensação desagradável. Olhou por fim para os olhos de vidro do bicho e, por um momento, pensou até que fosse para uma pessoa em miniatura que olhava.

Francineide apontou para a escada e fez sinal para que continuassem. Foram devagar. Enquanto subiam os degraus, o mais difícil foi levantar os pés sem que fizessem barulho num chão que, de tão limpo, chegava a pregar.

No corredor de cima, seguiram para o único cômodo com a porta aberta, iluminado. Nuno colocou metade da cabeça para dentro e, certificando-se de que não havia ninguém, deu um passo rumo ao estranho compartimento. Francineide foi atrás.

Lembraram-se do laboratório da escola, de imediato, ainda que mal o utilizassem. Os professores e a direção vinham sempre com a mesma justificativa, de que não chegava verba necessária. Para a surpresa deles, estavam diante de um laboratório onde menos poderiam imaginar, dentro da casa do outro lado do rio, muito mais limpo e organizado. As paredes eram alvas e a arrumação das bancadas era impecável. Em uma delas, avistaram uma bandeja metálica com uma pinça, uma espátula e um carretel de linha com uma agulha enfiada. A pinça estava posicionada do lado esquerdo da bandeja, separada por um espaço que era o dobro da distância que havia entre a espátula e o carretel na outra extremidade. Do lado de fora da bandeja, havia um pequeno frasco vazio e uma seringa, que Nuno quis tocar de curioso, só para ser repreendido com um tapa.

Francineide estava inquieta com aquele silêncio todo, com a cadeira de rodas e com a maca. Não parava de correr até a porta para olhar para o corredor que mais parecia, naquela penumbra, o de uma casa mal-assombrada. Nuno, pelo contrário, continuava a bisbilhotar, admirado com cada objeto que encontrava nas prateleiras e nas bancadas, admirado com o tamanho da pia funda que era capaz de caber uma pessoa agachada.

Impaciente, Francineide puxou o menino para saírem logo do laboratório e continuarem procurando pela casa. Na mesma hora, Nuno teve a impressão de ter visto uma porta escondida entre a parede dos fundos e uma estante. Ficou na dúvida e ainda chegou a apontar e dizer que poderia ser importante. Naquele alvoroço todo da irmã, acabou deixando para lá.

Seguiram pelo corredor, passaram pela escada e continuaram. Viram duas portas. Pararam diante de uma, e Francineide reparou numa plaquinha pendurada. Não conseguiu ler direito, ou pelo menos torceu para que estivesse enganada. Passou a mão pelas letras em alto-relevo e ficou arrepiada pela palavra que elas formavam. Tirou a lanterna da bolsa e, olhando antes para os lados para certificar-se de que não havia ninguém mais no corredor além deles, apontou para a placa e acendeu a luz bem rápido, só para confirmar.

ISABEL

Desligou a luz ligeiro, tão assustada pelo nome que se revelara quanto pela claridade assombrosa e desproporcional que se formara.

Nuno então a puxou e apontou para o chão, para uma sombra que se mexia pela fresta de baixo. A sombra sumiu no mesmo instante. Tinha alguém por trás da porta do quarto. Os olhos deles se encheram de lágrimas. Com medo de que fosse o dono da casa, ou coisa até pior e que não queriam nem imaginar, correram com os pulinhos de um gato, e tão arrepiados quanto, até a curva que o corredor fazia ao final.

Assim que dobraram, Francineide e Nuno seguiram para o primeiro quarto que avistaram. A porta, uma grande boca escancarada; as lâmpadas de dentro, assim como as do corredor, desligadas. Já estavam quase entrando, quando se depararam com um contorno volumoso que reconheceram de imediato. Era Augusto Borges, o prefeito da cidade.

Os dois irmãos quase que perderam o equilíbrio e se renderam ao próprio peso, tomados pelo medo, imaginando os braços do homem se fechando em torno deles. Só então

perceberam que o recorte que viam era o de um dorso parado, que ainda não tinham sido notados.

Augusto Borges estava mesmo diante da porta; as costas voltadas para a saída do quarto, os cotovelos dobrados. Francineide percebeu uma das portas do guarda-roupa aberta e, em cima da cama, um estojo de onde ele devia ter acabado de retirar algo. Pelo formato do estojo, deduziu o objeto que ele segurava e foi dando passinhos para trás, com a respiração cortada, agarrando o irmão pelo braço. Sem se dar conta, adentraram em outro cômodo, porta com porta, mais escuro que o corredor e que o outro quarto.

E então o prefeito se virou, apontando a arma na direção do breu em que estavam.

VIII

Francisco e Neide desceram a escada ainda embalados pelo som dos tiros, já não conseguindo medir a força das passadas ou do barulho que faziam. Cruzaram a sala, passaram pela grande mesa e finalmente chegaram à cozinha. Neide puxou então o marido.

Ainda que ela quisesse continuar procurando Virgínia, um pretexto, na verdade, para procurar pela filha, Francisco a convenceu com um olhar ríspido de que continuar aquilo era uma insanidade, uma loucura desmedida e com consequências terríveis para os filhos. Francineide e Nuno não mereciam, num só golpe, perder o pai e a mãe por conta de uma decisão precipitada ou de qualquer tentativa de heroísmo.

Francisco disse isso tudo sem palavras, apenas com a feição e com o vestido amarelo que segurava. Neide concordou, apesar de morrer por dentro de raiva. Não se imaginava chegando na casa de Teresinha, uma mãe que carregava a mesma dor que ela no peito, com um pedaço enxovalhado de pano só para dizer que tinha visto sua filha amarrada, mas que não tinha feito nada. E ainda mais difícil que encarar e assumir a derrota, seria fazer uma denúncia na polícia contra o homem mais poderoso da cidade miserável em que moravam. Não precisava ser inteligente demais para saber que o peso daquele tipo de acusação cairia de uma forma ou de outra sobre ela e a própria família. Já imaginava até furo de bala nas paredes de casa. Era bala perdida que chamavam.

Assim, apesar do conflito, avançaram para a porta que dava para o quintal. Foram com uma sede doida de correr pelo terreno e pular a cerca, livrar-se de tudo aquilo e fugir para casa. E foi por muito pouco que Francisco não amaldiçoou os céus aos gritos ao perceber que a porta da cozinha tinha sido trancada. Procuraram pela chave por cima dos armários e nos ganchinhos das paredes, tateando o melhor que conseguiram com a mãos aos pulos pelos galopes do desespero, mas não havia chave.

Precisavam dar um jeito de fugir dali. E rápido. Depois dos tiros que tinham escutado, era questão de tempo até que Augusto

Borges aparecesse no andar de baixo.

Cruzaram mais uma vez a sala, Neide quase se chocando contra o veado, Francisco quase derrubando um armário. Seguiram desembestados para um pequeno hall onde ficava a porta da frente. Mas ela também estava trancada. Encurralados, voltaram para a sala, onde Neide ainda correu para uma das janelas, apenas para se lembrar de que todas tinham grades. Por entre as venezianas, tentou avistar a luzinha do quintal de casa. Procurou com os olhos, agoniada. Correu para outra janela. E para outra. Francisco então a puxou para junto dele. Precisavam pensar em algo.

Ficaram quietos, no meio da sala, contemplando a calmaria e o silêncio agourento daqueles tantos animais. Parados daquela forma, enganariam sem dificuldade alguém desavisado, que, em seu horror, poderia imaginar que haviam passado por procedimento similar. Diferente da paz eterna e resinada na qual os bichos se encontravam, entretanto, tinham os vasos que saíam de seus corações quase para estourar.

Quando viram os pés do prefeito surgindo no degrau mais alto, e então sua sombra tomando forma no polígono de luz que se projetava, Francisco e Neide só conseguiram pensar num lugar para se esconder. Tinham que ser rápidos. E deslizaram com todo o cuidado e por entre as cadeiras para debaixo da mesa da sala.

Acompanharam o homem descendo a escada até que ele parasse a poucos passos de distância da mesa. Pelo movimento de suas pernas, compreenderam que parecia igualmente agitado. Seu corpo girava em torno do próprio eixo, acusando que ele esquadrinhava o grande cômodo cheio de contornos e sombras à procura de algo que não se encaixasse no habitual.

— Malditos! O que fizeram com o Gilberto? Eles só podem ter tido ajuda. — O homem gritou com uma voz gutural e carregada de fúria que correu como uma enchente e se espalhou pela sala. — Por que mataram o meu irmão?

Neide foi então tomada por uma forte sensação de queda, como se estivesse dormindo e de repente acordasse dum pulo, com a testa enxarcada. Uma ideia pavorosa cruzou-lhe a cabeça e fez seu corpo estremecer no ato. Cutucou o marido, querendo sussurrar

em seu ouvido o que pensava. Francisco levantou a mão ligeiro para que ela se controlasse e tivesse cuidado, e ela percebeu que por muito pouco não o tinha furado. Vendo pela posição dos pés do prefeito que ele continuava olhando para todos os lados, manteve-se quieta, enquanto suas reflexões saracoteavam e a arrastavam pelas beiradas da demência sem qualquer piedade. Se não tinham sido eles, quem teria atacado Gilberto? Se ele não tinha voltado, quem teria fechado a porta dos fundos da casa? Quem teria subido as escadas quando estavam no corredor e depois passado diante do quarto? E para todas essas perguntas, vinha a mesma resposta que para esta última, a que mais lhe atormentava: contra quem Augusto Borges teria atirado?

Lembrou-se então da imagem muito nítida da luz de casa, lá longe, sendo acesa. E balançou a cabeça em negação, repetidas vezes, afirmando para si mesma que não tinha se enganado. Tinha certeza de que era a luz da sua casa que tinha visto e, mais ainda, de que os filhos estavam a salvo. Se não tinha conseguido ver a luz de novo pela janela era por conta do ângulo. Bastava um pé de planta no meio para atrapalhar a visão. Eles não teriam votado para o casarão. Não, eles não teriam voltado.

Ainda escondida, queria se rasgar ao meio ante a dúvida de continuar procurando pela filha desaparecida, e assim arriscar a própria vida, ou fugir dali na primeira chance e correr para casa, para a alegria que ainda conseguiria tirar do sorriso de seus outros dois filhos. Era uma matemática difícil a que sua mente fazia, o coração batendo tão rápido que mal se enchia. As chances de que Rita ainda estivesse viva depois de tantos meses era mínima. Talvez Francisco estivesse certo desde o início. Talvez fosse o momento de desistir. Era bem provável que Francineide e Nuno estivessem preocupados com toda aquela demora e que talvez fosse até por isso que tivessem volt... E repeliu mais uma vez o pensamento sórdido que parecia se divertir brincando de derramar o pouco de bom senso e juízo que ainda lhe restava. Apesar de se manter escondida, vontade não faltou de se levantar e se entregar, apenas para saber o que tinha acontecido, contra quem ele tinha atirado, o que tinha feito com Rita.

Mas não era só a mão de Francisco, ainda erguida ao ar e lhe alertando da importância de todo o silêncio do mundo, que a segurava. Era ainda a lembrança dos filhos que a retinha e que dizia em seus ouvidos aos gritos que não esquecesse deles, que não se precipitasse. Compreendeu que nada era mais importante que eles e chegou a se arrepender de ter ido adiante com toda aquela loucura. Odiou ter que aceitar o fato de que era uma covarde, mas concluiu que não poderia fazer nada por Virgínia. Precisava arrumar um jeito de escapar daquele inferno. Só isso agora importava. E faria aquilo pelos filhos.

Francisco finalmente baixou a mão de alerta, e viram o prefeito seguindo para a cozinha, ainda com as pernas se desencontrando, olhando para as costas e girando em torno de si quase que a cada passo.

Os olhos dela e do marido então se encontraram, como se buscassem um no outro um pouco de fôlego em meio à tempestade. Balançaram a cabeça levemente e concluíram a mesma coisa. Precisavam manter-se vigilantes e atentos à menor chance que se apresentasse. Neide, com uma das mãos já doendo de tão fechada, só esperava ter coragem para se levantar e lutar se fosse necessário.

De onde ela estava, olhou mais uma vez na direção da cozinha. Ainda conseguiu ver o homem parar diante da pia e abrir a torneira do filtro; via ele apenas até a altura do quadril.

Escutou ele tossir, parecer se engasgar e então tomar um copo d’água.

Parte II

Os irmãos Borges e as meninas

IX

Poucos prefeitos da história de Palheiros tiveram outro sobrenome que não Borges. Poucos deles também tinham morado na pequena cidade localizada às margens do rio Palhano. Viviam pulando pela capital ou pelas cidades praianas. Apareciam só para visitar a família e aproveitavam para assinar algum documento urgente, para marcar presença na prefeitura uma vez por semana.

Frederico Borges foi um dos primeiros prefeitos a de fato residir em Palheiros. Pouco tempo depois de se engajar na política, construiu a maior casa da cidade, do outro lado do rio Palhano. A cidade ficava à esquerda do rio, a casa do lado direito. O rio passava estreito, margeando Palheiros até desaguar no Jaguaribe, a alguns quilômetros. O prefeito mandou fazer a casa e uma pequena ponte de acesso. Uma casa de dois andares grande e bonita que não teria como ser construída tão ligeiro não fosse um desvio da verba da merenda ou o superfaturamento de uma obra do município na época.

Em menos de um ano, estava concluída uma casa grande, cheia de quartos em cima, sala e cozinha amplas embaixo. Mudou-se com a mulher e foram muito felizes, pelo menos isso, no pouco tempo que lá moraram. Frederico Borges sonhava com uma família numerosa; já via até os filhos subindo e descendo as escadas, correndo pelo quintal. O que não previra foi a morte precoce da esposa, dias depois do nascimento de Joaquim, rebento único do casal.

Joaquim cresceu do outro lado do rio e, talvez por isso, mas também pelo contato com os primos que vinham cheios de novidades da capital, morria de tédio da cidade. Não gostava da praça, das ruas, da igreja. A única coisa que compensava de morar em Palheiros, como ele mesmo dizia, era a natureza. Passava o dia no quintal fazendo armadilha para passarinho e pegando calango com laço na folha de coqueiro. Subia nas árvores para comer seriguela e ver filhote de rolinha no ninho. Pulava a cerca para tomar banho de rio e pegar piaba com garrafa furada e farinha.

Pelos desenhos que assistia na televisão da sala, colocou na cabeça que queria uma casa na árvore. E o pai, que começava a se preocupar com o futuro do menino, disse que ele e os amigos iam era cair lá do alto.

Em uma das visitas dos primos nas férias do meio do ano, cavou com eles um buraco nos fundos do terreno. Foi quase uma semana cavando o Fosso, como depois o chamaram. O Fosso nem era lá tão grande, mas, para o tamanho que tinham, demandara certo sacrifício por parte deles. Cabiam três garotos sentados de pernas cruzadas; se se espremessem, quatro. Passavam a tarde sem dar na vista, e então apareciam do nada, quando os pais começavam a ficar preocupados. Somente dias depois, Frederico Borges descobriu para onde o filho e os outros meninos estavam indo e ficou doido de raiva, imaginando o perigo de que aquelas paredes desabassem.

Não querendo desmanchar a alegria do filho, mandou cimentar tudo por dentro e colocar uma portinha. O menino pediu ao pai uma estante velha e levou para lá algumas revistas em quadrinhos e outras com gente pelada que conseguira com os amigos.

No começo, ia todo dia; passava a tarde debaixo da terra fantasiando sobre a vida, o mundo, o futuro. Com os amigos, tinha reuniões e horários, até um estatuto. Era um entra e sai de menino, mas que, passada a novidade, foram um a um sumindo. Os primos de Fortaleza já não iam mais tanto. Os amigos da cidade, com o tempo, foram mudando. Não demorou também para que Joaquim mal coubesse, ainda mais com outros garotos, dentro do Fosso. O menino começava a virar homem. Quanto à entrada do clube, a terra cobriu, o mato tomou de conta.

Aos dezoito anos, Joaquim Borges mudou-se para Fortaleza. Isso em 1970, quando foi aprovado no vestibular para o curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará. Entrou para a primeira turma do curso que se iniciava. E o Borges pai, que já tinha desistido de convencer o filho a tomar um caminho que o fizesse tomar gosto pela política, encheu-se de orgulho do mesmo jeito.

Joaquim adorou os anos em que morou em Fortaleza. Também não era para menos, tinha todo o conforto e a abastança que o filho de um ex-prefeito de interior poderia ter na cidade grande. Morava num apartamento na Praia de Iracema, caminhava toda tarde pela Ponte Metálica, subia até o centro para ver os filmes que estreavam no cinema. Quatro anos que pareceram mais rápidos que uma semana em Palheiros.

Quando terminou a faculdade, continuou indo para a câmpus, estagiando no laboratório de Mastozoologia e estudando para tentar alguma seleção de mestrado no final do ano. Pesquisou por universidades que tinham o programa e concluiu que seria o jeito se mudar para outro canto. Tudo bem por ele. Só não queria voltar para Palheiros, pelo menos não até receber uma ligação de um primo dizendo que o pai estava acamado e precisando dele.

O pai tinha adoecido. O coração já não era o mesmo. Abraçaram-se, e Frederico Borges disse que queria o filho ali com ele no dia derradeiro. Joaquim, preocupado com a saúde do pai, adiou seu retorno. Era bom estar de volta em casa, mas não demorou para que ficasse impaciente de novo. Pegou-se certa noite, antes de dormir, contando os dias para que o pai morresse logo e pudesse voltar para Fortaleza. Tinha esquecido o quanto Palheiros era um atraso de vida; um local onde o relógio e o tempo eram decididamente inimigos.

Os dias foram se arrastando e, pelo pai, que não morria nem sarava, acabou ficando. Para se ocupar com alguma coisa, foi em uma das escolas da cidade e conseguiu uma vaga para dar aulas de Ciências. Semanas depois, pediu permissão ao pai e transformou um dos quartos do andar de cima, que mal era utilizado, em um laboratório para que continuasse trabalhando. Estava decidido. Ficaria um ano.

Durante a reforma do novo cômodo, manteve o quartinho contíguo separado e já vislumbrava uma coleção científica particular se formando. A empolgação da juventude era tanta que queria continuar suas pesquisas com mamíferos do nordeste brasileiro de qualquer jeito. Laboratório construído, começou a sair pelas matas da cidade instalando armadilhas e fazendo busca ativa para coletar

animais até tarde da noite. Ia sozinho, entrando nas matas e nos terrenos. Sem mencionar uma só palavra ao pai, comprou uma arma para pegar animais maiores, mamíferos de médio e grande porte. Queria pegar espécie difícil, espécie que não era mais registrada para o estado havia anos.

Viajava ao menos uma vez por mês para depositar na coleção da universidade os animais que preparava a seco. Na maioria, eram roedores, mas já depositara felinos, marsupiais e já levara até um tamanduá-mirim para Fortaleza. Alguns, que pegava além do necessário para o testemunho, dizia tê-los encontrado atropelados. Ficava para ele. Às vezes levava os bichos montados para as aulas na pequena escola em que trabalhava. Gostava de impressionar os alunos, que olhavam boquiabertos para os materiais que ele preparava, com medo de que voltassem à vida diante deles.

Voltando da escola certo dia, parou num armarinho para comprar agulha e linha e esbarrou-se com uma moça no meio da rua. Conheceu Camélia e passou a ver algum sentido a mais em sua vida em Palheiros. Os esbarrões se repetiram nos dias seguintes, de forma deliberada, alguns às escondidas. A popularidade como filho do antigo prefeito não lhe importava, mas a namorada nova e o reconhecimento pelo trabalho que desempenhava como professor fizeram com que, aos poucos, mudasse de opinião quanto à cidade. Quando o pai morreu, nem lembrava mais que tinha sido por conta dele que tinha voltado. Casou-se com Camélia pouco depois e a chamou para morar com ele na casa para além do rio, na maior casa da cidade.

Camélia mudou-se sabendo da existência do laboratório, mas não disfarçou que não concordava em ter um local da casa como aquele, ainda que no final do corredor, cheio de bicho e com cheiro de formol.

Conhecendo Camélia como ele conhecia, limpou as bancadas e organizou os bichos, todos eles, dentro do quarto anexo. A porta trancada direto. E ela ficou satisfeita com aquele cuidado para a sua chegada, pelo menos era o que ela falava. Subiu para o corredor pela primeira vez com um sorriso forçado, com um nariz que

inspecionava. Ele sorria ao ver que ela aprovava, mas sabia que tinha um problema ainda maior para resolver. Não queria que a esposa soubesse da arma.

Passou um dia rodando pela casa, pensando no melhor lugar para guardá-la. Sabia que mais cedo ou mais tarde ela acabaria encontrando a arma *dentro de casa*. E foi só repetir essas três últimas palavras em voz alta para que no cérebro se acendesse uma imagem muito vívida de onde poderia escondê-la. Inalou um ar carregado de nostalgia e sorriu feito um menino. Será mesmo que o Fosso, depois de tanto tempo, ainda existiria?

Aproveitou uma manhã em que a esposa saiu para a feira e correu para o quintal com uma pá. Tudo parecia maior em sua lembrança. Quando chegou ao local, viu um espaço tão pequeno entre as árvores no fundo do terreiro que de imediato riu sem saber se sua imaginação que era grande ou ele que era pequeno demais quando criança. Deu uma volta, o sorriso se desmanchando, e imaginou que o Fosso não passasse de uma antiga lembrança. Vai ver o pai tinha mandado fechar. Antes mesmo que usasse a pá para vasculhar o terreno, entretanto, uma parte do chão cedeu levemente com o seu peso.

Plá.

Tirou a terra e o mato que tinha crescido por cima e arrebentou o cadeado velho e enferrujado com a borda metálica da ferramenta. Desceu pela escadinha e foi impossível não se emocionar ao lembrar dos amigos da infância, dos primos que nem mais falava direito, de uma ou outra pessoa da cidade para a qual agora apenas balançava a cabeça. Folheou as revistas empoeiradas de uma das prateleiras da estante e espantou-se com o quanto a memória visual de uma pessoa era algo impressionante. Batera a primeira punheta entre aquelas paredes.

Meses depois, Camélia apareceu no café da manhã, do nada, com uma conversa de que queria um galinheiro. Ajudara os pais a criar galinha desde a infância e confessou que imaginara um galinheiro naquele quintal gigante, desde que chegara ali para morar mais ele. Joaquim não gostou muito da ideia, pensando na trabalheira e no mau cheiro, mas não se sentiu no direito de

discordar ante as tantas saídas para pegar bicho e as noites que passava no andar de cima trabalhando neles. A cara dela dizia o mesmo. Para o olhar torto do marido, disse apenas não querer entupir os filhos, quando os tivessem, com hormônio de galinha de granja. Ele então contestou, dizendo que isso era invenção do povo, que para galinha de granja não tinha essa de hormônio. Galinha era um bicho que o homem tinha modificado ao longo do tempo, que nem raça de cachorro, escolhendo os padrões de cruzamento, em outras palavras, escolhendo quem cruzava com quem para selecionar as características de interesse. E começou a explicar, com o mesmo tom de voz que teria se estivesse dando uma aula, até perceber que ela não parecia mais ouvir o que saía da boca dele.

O galinheiro foi então construído depois de algumas semanas. O que Camélia não entendeu no dia em que chamou o pedreiro foi o repentino interesse do marido em acompanhar a obra, ou pelo menos o seu começo. Só imaginou que fosse para garantir que o galinheiro não fosse construído perto demais da casa. Ele não queria, na verdade, era que ficasse tão aos fundos do terreno, perto demais do Fosso ou, se fosse muito azarado, mesmo em cima dele.

Um dia Joaquim saiu de casa para conferir umas armadilhas para roedores que tinha instalado, mas apareceu foi com um veado na caçamba do carro. Camélia estava assistindo televisão na sala quando percebeu uma movimentação diferente do lado de fora da casa. Pela janela, viu o marido passando pela lateral do terreno, e ele, quando viu que era observado, acenou de modo breve para evitar puxar conversa, dizendo que já voltava. Camélia correu até o carro para ver do que se tratava.

Definitivamente não estava diante de um bicho atropelado; a cabeça estava inteira, as costelas no lugar. Percebeu então um buraquinho do tamanho do seu dedo no abdômen do animal. Apertou os olhos, desconfiada; nunca tinha acreditado naquela história de que ele só trazia o que encontrava morto na estrada. Correu para a cozinha e, não o vendo pela janela dos fundos, saiu para o quintal, nervosa, tropeçando, olhando para toda parte.

Voltou para dentro de casa e subiu as escadas gritando pelo nome do marido. Procurou por ele em todos os quartos. Procurou por último no cômodo ao final do corredor, perto da escada. Até tinha tentado se acostumar, mas não gostava do laboratório e igualmente não gostava dos bichos que Joaquim mantinha no quarto ao lado. Não gostava da aparência, nem do cheiro, nem do jeito como eles a encaravam. Que construísse um museu na cidade, era o que ela sempre falava.

Quando desceu, avistou por uma das janelas ele voltando pelo terreno, apoiando-se em um dos coqueiros na lateral da propriedade. Ficou confusa de para onde ele tinha ido, mas ele foi logo respondendo que tinha ido só tomar água, que não tinha entrado pela porta da frente para não sujar a casa.

Desconfiada, acompanhou o marido até o carro e ficou ali, enquanto ele abria a caçamba para tirar o bicho. Percebeu então que ele caxingava, ainda que tentasse disfarçar a todo custo. E ela juntou tudo, o pé torcido, os braços arranhados, a camisa imunda. Concluiu que ele tinha corrido pela mata, talvez caído. Tinha participado de uma caçada, no mínimo. Chegou mais perto, passou a mão pela cintura do marido, pelos bolsos, fingindo que tinha medo do animal e que se escondia por traz dele para olhar. Fez-se de desentendida e perguntou como aquele bicho tinha morrido. Atropelado por algum maluco, foi o que ele disse.

Minutos depois, enquanto Joaquim trabalhava retirando a pele do animal no andar de cima, Camélia revirou cada cômodo, cada cantinho no qual conseguiu meter o braço. Sentia-se em desvantagem, quase perdida, procurando algo onde o marido, e não ela, tinha morado a maior parte da vida. Procurou por último no porta-luvas e por baixo dos bancos do carro, mas já sem qualquer esperança de que encontraria a arma.

Depois daquele dia, Joaquim tornou-se vigilante. Sabia que a esposa andava desconfiada pelas perguntas e indiretas que soltava, por encontrá-la muitas vezes remexendo as gavetas dele como se procurasse algo. Passou a ter ainda mais cuidado, evitava descer para o Fosso se ela estivesse em casa.

No final, diminuir o número de vezes que saía com a arma para caçar nem foi tão difícil assim para ele; começavam aos poucos a se desatar os nós que o prendiam às antigas ambições acadêmicas, a esfriar a parte do seu espírito que se inflamava por ciências. Não lhe vinha mais à cabeça a ambição de aumentar a distribuição geográfica de algum animal até então não conhecido para o estado, muito menos a de reconhecer uma variação para que pudesse dizer ter encontrado uma espécie nova. Já quase não indo mais à Fortaleza, sem as conversas e o clima da faculdade, o fio da vontade e o da intenção se soltavam. Aos poucos, foi então entendendo que ainda entrava no mato para pegar e para ver bicho mais pela aventura do que pela real vontade de pesquisar algo.

Influenciado pelas antigas palavras do pai, e pela pressão de alguns parentes, Joaquim viu-se de repente se encaminhando para uma tradição de família que até então não vislumbrava. Candidatou-se para o cargo de prefeito e, nas eleições, foi abraçado pelo povo com entusiasmo. Tinha peso aquele nome. Mas seria injusto dizer que era só isso. Era querido pela cidade. Maior parte dos ex-alunos dele era já tudo grande, votavam. Não fosse ele, bem provável que outro Borges tivesse assumido. Eram primos e mais primos que se revezavam na manutenção de uma espécie de oligarquia que vinha desde os primórdios da cidade. Ao longo dos anos, chegou a assumir mais de um mandato, como que para cumprir uma expectativa, e até gostava, depois voltou para a escola que lecionava.

Nesse meio tempo, entre um mandato e outro, ele e a esposa tiveram três filhos. Primeiro nasceu Gilberto, depois Isadora e então o caçula, Augusto.

X

Augusto contou até vinte; a testa apoiada em uma das árvores. Encontrou Isadora em menos de um minuto, escondida perto do galinheiro, pedindo à mãe que parasse de rir, que parasse de olhar para onde ela estava. Foi atrás do irmão. Procurou por toda parte, por tudo o que era buraco, ou pelo menos assim achava. E como das outras vezes, Gilberto surgiu depois de uns dez minutos, vitorioso, vindo das árvores que ficavam mais ao fundo do quintal.

Quando era a vez de Gilberto contar, não tinha árvore que Augusto subisse, tábua por trás da qual se escondesse, escuridão dentro da qual entrasse. Era encontrado tão ligeiro que a brincadeira até perdia a graça. Começou a suspeitar de que o irmão tivesse um esconderijo especial, pois era isso que o sorriso maldoso do menino dizia ao final de cada rodada. Somado a isso, tinham as tardes em que Gilberto de repente sumia. Aparecia meia hora depois com um olhar sonso, distraído. Se perguntado, dizia apenas que estivera ali pelo quintal mesmo, o tempo inteiro, dando milho para as galinhas.

Num sábado à tarde, determinado a descobrir o esconderijo, Augusto subiu num cajueiro nos fundos do quintal e ficou em silêncio, no aguardo. Sabia que era naquele horário, depois do almoço e quando todo mundo subia para tirar um cochilo, que o irmão costumava escapar da casa sem que ninguém notasse. Havia trancado a porta do quarto e brechado pelo buraco da fechadura do outro em frente só para ter certeza. Ainda estava lá dentro. Se desse sorte, ele logo iria descer e aparecer pelo quintal.

Com medo de ser descoberto, subiu para um galho ainda mais alto. Atrepado com aquela cara de menino assustado e aquelas orelhas de abano, parecia até um macaquinho novo na primeira escalada sem a ajuda dos pais. Depois de vinte minutos que lhe pareceram uma eternidade, avistou Gilberto saindo da casa, desconfiado. Seguiu em sua direção e, no caminho, como que para disfarçar para onde ia, ajeitava uma coisa ou outra com uma naturalidade postiça que Augusto reconheceu de imediato.

O menino parou a poucos passos da árvore; Augusto nem respirava mais. O irmão então empurrou a areia com o pé, repetidas vezes, revelando no chão uma portinhola e uma tranca. Retirou do bolso um chaveiro, o qual Augusto, mesmo lá do alto, identificou como sendo o chaveiro do pai. Na mesma hora, lembrou-se do irmão perguntando, semanas antes, de qual porta era aquela chave, uma chave a mais que o pai carregava para cima e para baixo e que ele também já tinha notado.

O menino abriu o cadeado, levantou a porta e foi para debaixo do chão. Augusto pensou em gritar, jogar castanhas pelo buraco, talvez até fechar a porta só para assustar. Pensou num monte de coisa, mas preferiu esperar um minuto. Desceu então da árvore e, sem hesitar, entrou pelo buraco.

Encontrou Gilberto com uma revista aberta em uma das mãos e o calção abaixado.

— Que merda é essa que você tá fazendo, diabo? — perguntou o menino ao mesmo tempo rindo, ao mesmo tempo assustado. Avançou para cima dele e tomou-lhe a revista de supetão. Subiu a escada, enquanto o outro tropeçava nas calças arriadas.

Do lado de fora, fez cara de nojo ao folhear o material. Não era possível. Sabia que adultos faziam coisas e que essas coisas geravam bebês, mas nunca pensou que fosse daquele jeito. Já tinha escutado algo por trás da porta dos pais e ficou chocado só de imaginá-los fazendo o mesmo.

Quando Gilberto saiu do esconderijo, Augusto esbugalhou ainda mais os olhos ao perceber que o irmão exibia uma cara de ódio no rosto e, pior que isso, apontava uma arma para ele. Soltou a revista e começou a chorar, jurando que não contaria aquilo para ninguém, que podia confiar nele.

— O que vocês tão fazendo? — disse uma voz alegre e ofegante. Era a irmã correndo para brincar mais eles.

O menino apertou o gatilho pelo susto e só viu a lasca de um tronco voando logo atrás de Augusto. Isadora, que até então pensava se tratar de uma arma de brinquedo, gritou com o barulho e levou uma das mãos à boca em sinal de espanto.

— Vou contar tudo pro papai.

— Isa! Não!

Gilberto voltou-se para ela com o braço levantado. E enquanto a menina corria de volta para a casa, cruzou-lhe um pensamento terrível e involuntário de que, não fosse sua irmã, poderia muito bem atirar nas costas dela, ali mesmo, e depois escondê-la debaixo do chão, em uma das prateleiras. Baixou a arma e baniu a ideia maldita da cabeça. Depois correu para o irmão.

Augusto, que ainda estava em choque, paralisado, só recuperou a consciência e a dinâmica com o abraço de perdão forte e apertado. Gilberto beijou-lhe as bochechas chorando, dizendo que jamais teria atirado não fosse o sobressalto. Pediu que lhe desculpasse por tudo o que fosse mais sagrado e reforçou, até que o outro o empurrasse em sinal de basta, que jamais deixasse de confiar nele ou se esquecesse, por favor, por favor, de que com ele podia contar.

Escondida a arma e trancado o cadeado, voltaram para casa de mãos dadas, já prontos para a bronca que levariam dos pais. Mas ao entrarem, tamanha foi a surpresa ao verem a filhinha do papai, como nunca antes nessa vida, sendo ignorada. Joaquim Borges pedia apenas para que a menina se acalmasse, nitidamente aliviado de ver os outros dois filhos adentrando pela cozinha depois do barulho que tinha escutado. Voltou-se para a mesa onde começava a corrigir uma pilha de provas e os debandou com um gesto de mão, pedindo que o deixassem trabalhar.

Quando Camélia desceu, minutos depois, alegou ter sido acordada por um estrondo. Joaquim olhou sério na direção dos filhos para que ficassem calados e, aproveitando-se do tom de incerteza da esposa, disse que não ouvira nada, que ela devia ter sonhado. Isadora ficou vermelha de ódio. Gilberto e Augusto se entreolharam; era até como se o pai os acobertasse. Gilberto então compreendeu que aquele buraco debaixo do chão não era um segredo só seu e sentiu-se seguro de ir até o pai e entregar-lhe as chaves. Pediu desculpas baixinho, mas o homem apenas colocou as chaves no bolso, ainda varrendo uma prova com os olhos e riscando, sem olhar para o menino, os erros que encontrava.

Ao final da tarde, Gilberto reparou que o pai dera uma sumida rápida pouco antes do jantar. Pouco se importava com o que ele faria com a arma, só torceu para que não se livrasse das revistas nem trocasse o cadeado. Na próxima oportunidade, pegaria mais uma vez as chaves.

Apesar da convicção na fala do marido e do silêncio dos filhos, Camélia foi açoitada por uma antiga desconfiança enquanto preparava o jantar. Ainda podia se lembrar do dia em que, anos atrás, antes até do nascimento de Gilberto, revirara aquela casa de cima a baixo a procura de algo que pudesse furar o abdômen de um bicho e que, agora, poderia muito bem ter produzido o estampido. Sentados à mesa durante a refeição, retomou o assunto sobre o suposto barulho que tinha escutado e percebeu uma inquietação perpassando e sacolejando os ombros de todos e mais ainda os do marido. Deteve-se, porém, nos lábios retesados e no olhar furioso da filha. Estava na cara da menina que tinha algo para contar. E deu o comando para que Isadora falasse.

No mesmo instante, o pai e os dois meninos se encararam. Joaquim Borges já imaginava os gritos da esposa e a confusão que ela faria por ter lhe escondido a arma durante todos esses anos, já podia até ouvir ela apontando os riscos de se ter uma arma com três crianças em casa. Quando a menina ia começar a falar, entretanto, calou-se de súbito, e a expressão de vitória se contorceu em agonia quando ela começou a tossir e a sufocar.

Nos anos que se seguiram, fosse pela idade que tinha na época, fosse pela gravidade do ocorrido, Augusto sempre teria dificuldade de se lembrar do final daquele dia. Só lembrava deles sentados à mesa, de uma panela com galinha caipira, de uma travessa com espiga de milho cozida. Ao longo dos anos, mais de uma vez teve que ser lembrado pelo irmão que Isadora havia morrido na mesa da sala de casa, aos doze anos de idade. Engasgada, a comida presa na garganta. Augusto só lembrava da gritaria, da louça sendo derrubada, da correria dos pais pela casa atrás do telefone.

A lembrança mais nítida e que o acompanharia pelo resto da vida, entretanto, seria a do dia seguinte, da mãe pedindo a ele e a

Gilberto que beijassem a bochecha maquiada e perfumada da irmã em despedida. Aquilo o marcou de um jeito profundo e que ele nem entendia. Nunca tinha visto tantas flores juntas nem a irmã tão bonita.

Tudo mudou depois do falecimento da menina. Foi até como se a morte não fosse um capítulo final para quem vai, e um que deve ser lido e então virada a página para quem fica. A morte estava mais para uma substância pegajosa que tivesse impregnado os tapetes e os corredores da casa. Joaquim Borges tornou-se um homem doente, fragilizado. Se tinha ainda alguma intenção com a política do município, deixou para trás. Quando não estava na escola, estava trancado no laboratório de casa, abrindo, lavando, costurando os bichos que encontrava. Com o tempo, passou a beber todos os dias, não só nos finais de semana ou com os amigos. Passou a perambular pela casa sempre acompanhado de uma garrafa.

Camélia, da mesma forma, foi tomada por uma apatia tão grande que chegou a mudar-lhe as feições e a fala. Já não se importava em alimentar suspeitas, em procurar objetos pelos casa, muito menos com o que o marido trazia na caçamba do carro. Permanecia o dia calada. Quando muito, era monossilábica. Passava o dia tirando a poeira dos móveis, limpando a cozinha e mandando os filhos se banharem. Às vezes entrava no banheiro e lavava a cabeça do caçula, colocando mais e mais xampu, esfregando com força como se fosse matá-lo, se não pela força, sufocado pelo tanto de espuma que se formava. Depois do banho, penteava o menino a ponto de doer-lhe os couros; parecia até ganhar algum sentido na vida com os gemidos de dor que ele soltava. E enquanto sua cabeça era repuxada, Augusto se perguntava o quanto a mãe suspeitava de sua parcela de culpa no que tinha acontecido. Melhor seria jamais ter se levantado da cama naquela tarde.

Augusto e Gilberto refugiavam-se um na companhia do outro. Juntos, faziam a dor pela perda da irmã diminuir aos poucos. Pior que a saudade, era enfrentar o silêncio liso e escorregadio que

vazava dos pais e os empurrava para longe, cada dia mais um pouco.

Augusto dizia ver a irmã pela casa, corria assombrado. Gilberto então o abraçava até que parasse de chorar, até que voltasse a puxar o ar com calma. Foi coisa que passou depois de uns anos. Coisa que depois de grande preferia acreditar que tinha inventado para ver se conseguia o mínimo de atenção dos pais. Não funcionava. Com o tempo, porém, descobriram que a única maneira de conseguir um pouco deles era estando junto no que mais gostavam. Gilberto passou a colocar milho para as galinhas com a mãe todos os dias, Augusto preferia acompanhar o pai ao laboratório toda vez que ele subia com algo.

Um dia Joaquim Borges chegou com um soim e um macaco-prego e fez sinal para que os meninos o acompanhassem. No laboratório, ligou um radinho de pilha no alto de uma prateleira para que ouvissem enquanto trabalhavam. Tinha uma satisfação imensa em ensinar as técnicas de preservação que tinha aprendido nos tempos de faculdade e mais ainda as que havia aperfeiçoado. Com o bisturi em punho, recuperava o fôlego e a sanidade. Era como se o ofício tivesse o poder de fazê-lo reviver as ambições do passado, voltar a um tempo em que ainda aspirava por grandes coisas na vida antes de ter estancado, caído num buraco de paredes altas.

Os meninos cresceram e, trilhando os caminhos do pai, foram fazer a faculdade em Fortaleza. Gilberto foi fazer Medicina, Augusto cursou Direito. Anos depois, formados, não tiveram dúvidas quanto a voltar para Palheiros. Camélia se agradou com a notícia. Joaquim, pelo contrário, se espantou com a decisão e disse que sabia estar velho, só esperando o dia do enterro, mas que não voltassem por conta dele. Continuaria por dias, mesmo depois da chegada dos filhos, dizendo que não havia perspectiva nenhuma ali para eles. E repetia com força e insistência o que tanto gostaria de ter ouvido na idade deles. Retornara pelo pai e acabara ficando por conta de uma mulher que nem mais olhava nos olhos direito.

Apesar de nunca terem expressado em palavras o motivo de terem voltado, talvez nem fossem capazes, Gilberto e Augusto sentiam duas coisas quando estavam na cidade que lugar nenhum

do mundo podia lhes dar: o prestígio e a sensação de que eram necessários. Havia algo em seus nomes que pesava, que conferia a eles uma espécie de responsabilidade para com a cidade. Era como se Palheiros, de alguma forma, precisasse deles. Recordavam-se de outros Borges, de quem fora o avô, da influência do pai, e eram tomados por uma vaidade de que ali poderiam fazer algo e ser lembrados.

Pouco depois do retorno dos filhos, Joaquim Borges começou a definhar ligeiro. Nos últimos meses de vida, tinha força mais nem para esticar as pernas e ficar de pé direito. Terminou a vida numa cadeira de rodas, indo e vindo pelo corredor do andar de cima, do laboratório para o quarto. Já quase não descia as escadas, a não ser que Augusto fosse com ele de braços dados, enquanto ele resmungava, enquanto dizia não ter o que fazer lá embaixo. Teve uma parada cardíaca numa manhã de sábado, pouco depois de ter brincado com o filho de que não via futuro para ele e o irmão num fim de mundo como aquele, mas que seria um sonho realizado se um dois levassem adiante a tradição da família e se tornasse prefeito de Palheiros. Augusto foi avisado da morte do pai minutos depois e nem acreditou que alguém com quem acabara de conversar e se maldizer da vida pudera ter o cordão que o segurava rompido assim, num estalar de dedos. Ele e o irmão ficaram arrasados, Camélia correu para varrer a casa.

Com a mãe perambulando pelos corredores dia e noite, nem precisavam de um fantasma de verdade para assombrar a residência. Camélia começou a agir estranho, já quase não falava. Passava o dia limpando, lavando, esfregando. No auge da loucura, pegou-se um dia escovando um dos animais no quarto anexo ao laboratório. Ela mesmo estranhava, para quem morria de medo de entrar ali antes, mas o que importava era ver aqueles olhos, garras e cascos sem nenhum pó.

Augusto, depois de anos estudando leis, decretos e normativas, voltou a frequentar o laboratório da casa. Queria relembrar as técnicas de conservação que o pai lhe ensinara. Ficava um pouquinho todo dia, lendo os antigos cadernos de Joaquim Borges quando chegava do trabalho. Mais de uma vez flagrou a

mãe limpando o quarto vizinho, balbuciando coisas estranhas por lá. Chegava perto, mas não compreendia nada. Tinha a impressão de já ter ouvido os nomes de Joaquim e Isadora, como se conversasse com eles, e morria de medo, não de que aquilo fosse real, mas de que a loucura da mãe de alguma forma estivesse em algum canto quietinha dentro dele.

Embora o mais longe que Camélia andasse fosse até o galinheiro, fez questão de visitar o marido no cemitério algumas vezes. Levou coroa de flores no dia de finados, rezou até um terço. Meses depois, voltou para lá de novo. Mas foi deitada, de olhos fechados, levada para fazer-lhe companhia no jazigo ao lado. E o silêncio, que os acompanhara na maior parte da vida de casados, apenas mudou-se junto dela para a nova morada.

Sem a presença dos pais, Gilberto cogitou de venderem a casa. Augusto não gostou muito da ideia, pediu que tivessem calma, quem sabe até lhe comprava a sua parte. Nessa época, Gilberto trabalhava como clínico geral no hospital da cidade e pegava plantões em municípios próximos à Palheiros. Augusto, cansado de representar um caso ou outro no pequeno fórum da cidade, começou a se engraçar com a política, assim como também com a filha de um deputado.

Quando Gilberto percebeu que o irmão começava levar a namorada cada vez mais para casa, decidiu se mudar. Alugou um quarto próximo ao hospital. Disse que tudo bem, que não se importava, que depois se ajeitavam. Contaria apenas com uma ajudinha dele quanto ao galinheiro. Isso quando não desse para ir cedo. Morava pertinho, o que o permitiu continuar frequentando a casa em que havia crescido. Toda vez que aparecia, Augusto o abraçava e ria, dizendo que só não sabia se ele ia tanto lá por saudade dele ou por ter adquirido o gosto da mãe por criar galinhas.

Cada um tinha herdado um costume dos pais, era o que Gilberto dizia em sua defesa, sorrindo. E vez por outra, chegava com um bicho atropelado para que o irmão colocasse em prática o que um dia tinha aprendido com o pai. Às vezes até lhe ajudava, e sentiam o prazer imensurável de tornar eterno o que o chão na certa tomaria de volta ao barro.

XI

Amália não teve o que se queixar da casa em que fora morar depois de casada. Gostava de tudo nela. Era ampla, confortável; talvez mudasse depois só um ou outro móvel da sala. Achava o quintal um charme, e até inventara de montar um jardim para cuidar nas horas vagas. Quanto ao galinheiro, ainda bem que tinha o cunhado que ficava a cargo de todo o serviço. Ele tinha a chave e entrava cedinho, sem fazer barulho. No começo, não gostava da ideia de que alguém que não ela e Augusto tivesse as chaves, mas logo considerou que ter ovos frescos toda manhã para o café compensava o incômodo das poucas vezes que o encontrava.

Também não se incomodava com o laboratório no andar de cima. Considerava a excentricidade do marido algo engraçado, e até chique, quando contava para as amigas. Das vezes que o vira trabalhando, ficara impressionada com a delicadeza e a atenção aos detalhes, embora ele fosse modesto e afirmasse não ter a metade do talento do falecido pai. Já tinha acompanhado um procedimento ou outro, mas não era algo pelo qual se interessava. E não por nojo. Mais de uma vez, pelo que ela lembrava, já tinham até feito sexo na bancada. Na maca de alumínio, aí não. Aí já era de mais.

Trabalhava como diretora em uma das escolas do município. Passava o dia organizando tanta papelada e dando bronca em alunos que, quando chegava, não queria saber de mais nada que não fosse deitar com as pernas para cima diante da televisão da sala. O marido trazia uma cerveja para cada e lhe fazia companhia; as calças desabotoadas, os pés descalços. Conversavam sobre o dia, sobre o trabalho. E ele contava dos casos que representava nas audiências públicas do município e da assessoria que prestava aos candidatos do antigo partido do pai. Ela não concordava, dizia que era uma perda de tempo aquilo, que já era hora de ele considerar sua própria candidatura política. Augusto lembrava das palavras do pai e dizia sentir o chamado, só achava que não era ainda o momento. Queria conquistar uma vaga pelo trabalho que vinha construindo e não pelo sobrenome que carregava na identidade.

Dividiam as tarefas de casa, faziam as coisas quando dava. A pia vivia cheia e os móveis empoeirados. Augusto, que até então não entendia a dinâmica de limpeza e manutenção de um lar, espantou-se com o quanto as louças, as roupas e o chão de uma casa se sujavam rápido. Embora tivesse morado alguns anos em Fortaleza com o irmão, na época da faculdade, não era a mesma coisa que numa casa enorme e de dois andares. Lembrava-se então da mãe. E ficava triste por nunca ter valorizado o trabalho dela, por nunca ter dito sequer um obrigado pelos pratos limpos e pelas roupas dobradas.

Com pouco mais de um ano de casados, tiveram uma filha. Amália decidiu o nome e teve certeza da escolha ao ver a cara da menina. Tinha mesmo cara de Isabel, disse isso rindo, dias depois do nascimento da filha. Augusto achou o nome lindo, apesar de ter algo nele de que não gostava. Ficou na dele, não disse nada. E demorou anos, até que alguém a chamasse de Isa, para entender o estranhamento, o mal-estar que sentia ao ouvir o nome da menina.

Augusto foi adquirindo uma postura contemplativa e um olhar perdido com o passar do tempo. Parecia sempre aéreo, baratinado, por conta de algo. Fato era que a filha foi crescendo, e a semelhança dela com a finada irmã o paralisava. Às vezes precisava soltar a menina e dar uma volta para recuperar o fôlego, respirar com calma. Quando ela começou a andar, era o mesmo que ver assombração passando pelos corredores da casa, vagando de um quarto para o outro, chamando-o para brincar. Chegava a pegar o telefone e quase ligar para o irmão para que viesse em seu socorro, para acudir-lhe os nervos, para dizer que essas coisas não existiam e que os piores monstros eram de carne, osso, unha e couro. Por vezes, teve medo ao se aproximar da filha. Era difícil olhar para Isabel e não ver Isadora, mesmo à luz do dia. Qualquer mínimo semblante lhe despertava uma lembrança, por vezes uma fisgada, até um arrepio. Fosse pela sua imaginação, fosse por conta do mesmo cenário, estar naquela casa, diante da menina, era como ser transportado por uma máquina do tempo invisível, como ser empurrado às bordas movediças de um buraco profundo e contra o qual precisava se segurar para não cair numa espiral de loucura e

agonia. O tanto que a semelhança entre as duas assustava, fazia também com que amasse mais e mais a filha. Talvez a amasse até demais, ponderou ele um dia. Um amor grande e para duas pessoas, mas depositado em só uma.

Perguntou uma vez ao irmão sua opinião, e Gilberto disse, peidando com a boca na barriga da sobrinha, ela se desmanchando de rir, que Augusto estava maluco, que achava ela mais parecida era com o tio. A própria esposa, já tendo visto fotos da cunhada jamais conhecida, não dava qualquer relevância àquele paralelo levantado pelo marido com tanta insistência e teimosia. Apenas balançava a cabeça e sorria, como se nada daquilo importasse nem merecesse qualquer atenção a mais da que ele já promovia.

Mas eram eles que não eram capazes de ver o que ele via. Estar diante da menina era como recuperar uma chance de abraçar a irmã e sentir aquele cheiro do passado que já tinha dado por perdido, era sentir-se o mais felizardo dos homens por regressar à condição de um garotinho de dez anos e aos dias da infância já idos. Ficava inebriado, falhavam-lhe os sentidos. Às vezes até se perdia entre a memória e a fantasia, enquanto brincavam e corriam, sem saber se era irmão ou pai da menina.

Amália, que optara por ficar em casa nos primeiros anos de Isabel, começou a sentir falta do antigo ofício. Não chegava a se arrepender da escolha que fizera, do pedido de demissão pouco antes do nascimento da filha, mas era estranho assumir de forma integral um único papel na vida depois do tanto que havia investido em si. Ainda que lhe fosse duro admitir, era difícil distinguir os limites entre a inveja e a sensação de injustiça ao perceber que Augusto ajudava cada vez menos em casa e compartilhava cada vez mais as suas conquistas dentro do partido. Sabia que não demoraria até que o marido se candidatasse a prefeito. Era questão de tempo. E tinha medo disso.

Quando voltou a trabalhar na escola, logo no primeiro dia, percebeu que precisariam de ajuda dentro de casa, que não dariam conta de tudo sozinhos. E enfatizou os plurais com severidade, numa tentativa de deixar claro para o menino mimado com quem havia se casado o que também lhe cabia. Querendo alguém de

confiança, procurou a moça que trabalhava na casa dos pais havia anos.

Maria Neide lamentou não ter mais dia livre, mas disse que tinha uma amiga que procurava serviço. Assim, Luciene se apresentou numa segunda-feira às sete da manhã, em ponto, na casa do outro lado do rio. Amália gostou do trabalho dela. Fazia as coisas do jeito que ela queria e, o mais importante, era feia que doía. O problema da mulher só era um: nem sempre tinha com quem deixar a filha, por coincidência, da mesma idade que Isabel tinha. Quando não conseguia deixar com a avó da menina, precisava levar ela junto para o serviço. Augusto não se importava, servia até de companhia para brincar com a filha, ele dizia. Amália, pelo contrário, não tinha paciência para as duas gritando pela casa e se apressava para correr logo para o trabalho e só voltar ao final do dia.

Amália ficava impaciente toda vez que Luciene chegava com a menina. Perdia o humor e mudava até o semblante só de ver, da porta da frente, as duas cruzando a ponte e vindo pelo caminho. Tinha dia que não se segurava e as recebia já perguntando pela avó, do porquê de ela não ter ficado com a menina. Beatriz falava alto, era curiosa, gostava de mexer nas coisas. E eram esses os motivos aos quais se apegava ao lamentar para o marido de que não aprovava aquele tipo de amizade para a filha. Mas Augusto sabia o que a incomodava. Ele não conhecia menina ou menino comportado daquela idade, talvez sonso na frente dos pais, mas não comportado de verdade. Dependendo de quem fossem os pais, do quão reconhecidos fossem naquele fim de mundo em que moravam, aí sim a esposa relevava e até passava a mão na cabeça da peste que fosse dizendo que era a coisa mais linda e abençoada. Beatriz não tinha a mesma sorte. Amália perseguia a menina pela casa para que ela parasse de tocar em tudo e até a beliscava quando Luciene não olhava. Mais doida que isso, só das vezes em que a encontrava no andar de cima, sozinha, brincando no quarto da filha.

Na véspera de seu aniversário de doze anos, Isabel botou na cabeça que não tinha mais idade para ganhar boneca e insistiu mais

que nunca que queria um cachorro. Augusto conversou com a esposa que lhe doía o coração todo ano negar o mesmo pedido da filha e que achava, sinceramente, que ela já tinha idade para assumir a responsabilidade de tomar conta de um bichinho. Amália concordou, contanto que ele ficasse no quintal e não subisse para os quartos. Tinha medo por conta da alergia. Dormiram animados, pensando na surpresa que fariam para a filha. O que eles não sabiam era que a menina, para garantir que teria seu sonho realizado, já vinha perturbando também o tio, mentindo e dizendo que os pais já tinham permitido.

A grande surpresa na manhã foram as duas caixas de papelão furadas, os latidos fininhos e o som de narinas fungando por através das tampas. A menina agarrou-se aos dois filhotes e ficou rodando pela sala, dizendo nunca ter sido tão feliz antes. Amália começou a espirrar e disse que teriam que pensar com calma sobre aquilo. Mas Augusto, vendo aquele sorriso enorme no rosto da filha, soube que não teria coragem de lhe subtrair nem um centímetro. No final, a menina acabou ficando com os cachorros. E uma casinha com portão de ferro foi construído no quintal, uma semana depois.

De noite, ainda no dia do aniversário, receberam uns amiguinhos do colégio da filha. Receberam também alguns amigos da família. Amália comprou bolo, brigadeiros, beijinhos. Como Beatriz não tinha aparecido no dia, a dona da casa respirou de alívio e pediu que Luciene ficasse um pouco além do horário para ajudar a organizar a festinha. Quando deu por si, porém, a mulher tinha sumido. Só foi avistá-la na cozinha uma meia hora depois com uma cara de quem fingia ter estado sempre ali, mas afobada para compensar um atraso mais que nítido. Ficou calada, mas morrendo de raiva por dentro ao entender que ela tinha corrido até a própria casa só para pegar a filha ao ver que tinha comida.

As festas na residência dos Borges tinham voltado a ganhar a pompa de outros tempos. Mesmo quando a ideia era fazer algo simples, nunca era assim tão simples uma festa na casa de um político. Augusto havia se candidatado nas últimas eleições e era então o prefeito de Palheiros, para o orgulho de todos e para a

alegria ainda maior de Gilberto, que se via protegido de uma velha tradição de família.

Enquanto as crianças eram paparicadas e os adultos carregavam taças que jamais secavam, Beatriz era enxotada, ignorada em um silêncio pesado. Era mais como um móvel velho ou uma mancha na parede que a dona da casa tentasse manter escondidos. Amália mal aproveitou a festa nesse dia. Não parava de ficar juntando copo para que a menina fosse deixar na cozinha. Beatriz então, por ordem da mãe, ficou a um canto, olhando para as outras crianças brincando no quintal e para as bonecas amontoadas que a aniversariante tinha ganhado. Se ficasse quietinha e esperasse até o final, quando os convidados fossem embora, talvez pudesse levar as que Isabel não gostasse. Era essa a promessa de Luciene para a filha enquanto botava a menina para enxugar os pratos. Pelo menos era o que já tinha acontecido em outras festas ali na casa. Naquela noite, levaram apenas um pote com o arroz com ervilha que tinha sobrado.

Na semana seguinte, estando pai, mãe e filha à mesa, Augusto por muito pouco não se engasgou comendo milho. Tossiu e respirou aliviado, até rindo. Deu por si então da idade da filha, a idade maldita, e retirou a travessa da mesa com as espigas. Disse que o milho tinha estragado, que estava duro e amargo, antes mesmo que elas provassem. A partir dali, foi-lhe impossível não ser atormentado pela antiga lembrança da morte da irmã uma só vez enquanto comiam. Ficou paranoico e proibiu qualquer conversa à mesa durante as refeições. A filha não entendia. Amália tinha suas suspeitas, mas, por mais que perguntasse o que estava acontecendo, não recebia qualquer resposta do marido. Tentava compreender, não cobrar tanto dele, imaginando toda a tensão que ele poderia estar sentindo com a política.

Apesar de todo o raciocínio e reflexão, Augusto não conseguiu se livrar do que já tinha assumido para si como algo inescapável, uma maldição. Começou a pensar na tragédia se repetindo todos os dias quando acordava. Precisava se esforçar e repetir para si que não eram a mesma pessoa, mas nem ele acreditava. Era tão difícil achar que a filha não teria o mesmo destino da irmã quanto reler

uma história e esperar que o final mudasse. Tinha dia que acordava com um mau pressentimento e os ânimos tão abalados, que sentia vontade de pedir à filha que passasse o dia de jejum, sem comer nada. Vendo que não tinha sentido isso, pedia que a menina não fosse para a escola, que ficasse com a mãe em casa. A menina adorava. Amália, pelo contrário, ficava impaciente com aquela cara de assustado e às vezes levava a menina às escondidas, sem contar de noite para o marido quando ele olhava desconfiado para os sapatos próximo à porta, para a menina fazendo a lição de casa.

Meses depois, em seu gabinete na prefeitura, Augusto recebeu a terrível notícia. A secretária entrou em sua sala tropeçando e derrubando os papéis que segurava. Voltando da escola, Amália e Isabel tinham sido atropeladas. Um caminhão subira a calçada e as esmagara contra um muro. Augusto, que sentiu como se uma carreta tivesse o atingido na sequência e estacionado por cima, entendeu que havia outras formas de morrer que não pela maldade da superfície lisa de um caroço de milho.

Não podia acreditar. Ainda podia ouvir a própria voz pedindo à Amália que não tirasse os olhos da menina. Acordara com o peito sufocado e um medo que se remexia e arranhava diferente naquele dia. Sentiu-se culpado por não ter ficado em casa, por não ter trancado a menina dentro do quarto, quase como se fosse uma doença ou uma praga, até que a idade maldita passasse. Ficou com tanta raiva de Amália que sentiu algo no meio do caminho entre a felicidade e a justiça que ela tivesse pagado com a própria vida.

Devido ao estado dos corpos, as tampas dos caixões não o deixaram se despedir da mulher e da filha. Ficou ali, diante das duas covas recém-abertas e de uma multidão que não via. Era difícil discernir se era real o que se desenhava na retina ou se revivia um pesadelo, se era forçado a assistir a um filme de mau gosto que já conhecia. Quando a areia foi jogada para dentro do buraco, a batida oca na madeira o sacudiu, e ele só torceu para que elas, do outro lado da tampa, não fossem capazes de ouvir, de entender o que acontecia. Mas ele sabia não ser possível. E se apegando nisso para conseguir alguma espécie de conforto, e até alegria, sabendo que não havia mais qualquer tipo de medo ou dor por parte da filha,

constatou que não passava do ser mais miserável que já tinha existido.

A mão de Gilberto em seu ombro era a única coisa que ainda o mantinha firme, que o segurava ao chão e impedia que o último fiapo de razão fosse levado pelo vento como uma pipa. O irmão permaneceu do seu lado, enquanto a areia continuava a ser jogada, beijando-lhe o canto da testa e repetindo sem cansar que estaria com ele até o fim. Por um momento, Augusto sentiu como se seus ossos tivessem encurtado, seus ombros se estreitado, a barriga diminuído. Era o mesmo garotinho de dez anos de outra época, ao lado do irmão mais velho, numa situação parecida. E até se confundiu por um instante, não fosse a segunda cova aberta, sem saber se estava no funeral da irmã ou da filha.

Chegou em casa do enterro e disse para Gilberto que ele podia seguir seu caminho, que gostaria de ficar sozinho. Precisava pensar, andar de um lado para o outro, puxar os cabelos com as mãos até arrancá-los todos. Fechou a porta, olhou para a escuridão da sala. Tudo parecia confuso, fragmentado, como se da malha de realidade que sustentasse sua existência tivessem retirado um segundo talho, como se tivesse caído numa armadilha do tempo e revivesse com ainda mais intensidade a dor da perda do mesmo ente querido. Pensava na filha, pensava na irmã. Embaralhava as lembranças de uma e da outra e se perguntava se não eram a mesma pessoa. Talvez sempre tivesse sido assim.

A lembrança do último beijo na bochecha fria de Isadora, maquiada, rodeada por flores, apresentou-se então de forma escandalosa. A visão da irmã deitada, no meio da sala, tão sólida quanto qualquer outro móvel, despertou-lhe uma ideia por demais perturbadora, mas, não só isso, exequível. Decidido a recuperar sua garotinha, esperou dar meia-noite. Culpados e inimigos políticos não faltariam para ser acusados, e logo o povo esqueceria. O povo sempre esquecia.

Embora os freios do bom senso lutassem, já estava decidido. Não a perderia de novo. Faria o seu melhor para ajudar a irmã, quer dizer, a filha. E foi se calçando e trocando os nomes, Isabel, Isadora, Isadora, Isabel, sem mais nem saber o que dizia.

Correu até o quintal e pegou a pá. Os cachorros começaram a latir, desesperados, como seres de inteligência suprema que farejassem a loucura humana e já tivessem um palpite. Augusto não se deixou interromper nem se abalou com os latidos. Entrou no carro, cruzou a ponte e chegou no cemitério com o farol desligado após alguns minutos.

Jogou a pá para o lado de dentro. Depois pulou o muro sem que ninguém o visse.

XII

Não foi preciso que Gilberto chegasse até o hospital para ficar sabendo o que tinha acontecido com o caixão da sobrinha. Saindo de casa, cedo da manhã, foi abordado por uma vizinha mal colocou os pés na rua. A mulher correu até ele pela calçada, aos pulinhos, nitidamente animada em espalhar a notícia. E apesar de ouvir o que ela lhe dizia num bom e sonoro português, demorou para conseguir juntar as palavras e dar a elas algum sentido. Era inconcebível que alguém pudesse ter feito aquilo.

Pensou em correr para a casa do irmão, mas não teve coragem. Pensou em ir até a polícia, mas reconheceu que não teria o que acrescentar para o caso. De tão abalado, só lhe restou seguir o itinerário. E foi direto para o hospital.

Ao chegar, o silêncio bateu feito um martelo, autoritário, espalhando receio e comedimento aos que lá estavam; médicos e enfermeiros fingiram não notar sua presença, baixaram a cabeça, esquivaram-se. Bastou que o primeiro tivesse coragem de abordá-lo, entretanto, para que o assunto inundasse o recinto como uma maré que tivesse regredido de súbito à sua chegada, mas que tornasse a ficar alta com a mesma velocidade. Apesar de tudo o que teve que escutar, ninguém sabia de muitos detalhes, muito menos quem pudera ter cometido tamanha atrocidade.

Gilberto, depois de ouvir os relatos de um e de outro, juntou as informações que chegavam aos pedaços, desencontradas. Conseguiu, por fim, criar sua própria versão e até mesmo se pegou, não menos abalado, contando para quem ainda não sabia de nada. O fato era que alguém tinha invadido o cemitério durante a noite e roubado o corpo da sobrinha. O túmulo vizinho ao da menina, o de Amália Borges, não tinha sido violado. Quem quer que tenha sido, interessara-se apenas pelo corpo da menina. Pegou-se repetindo a mesma história inúmeras vezes pela manhã como se ensaiasse, de modo inconsciente, a forma mais suave para quando fosse falar com Augusto.

Só depois de muito tempo, criou coragem e ligou para o irmão. E quando o fez, temeroso de que ele já tivesse ficado sabendo das notícias, estranhou a sua indiferença e, mais que isso, o seu tom de marcada satisfação. Parecia tão abalado quanto um menino que tivesse perdido um pirulito com um saco ainda cheio em mãos. Disse apenas que estava tudo sob controle, que tinha colocado a polícia para resolver o caso e que já estavam investigando. Gilberto ficou ainda mais confuso ao final da ligação, quando o irmão disse que trabalharia normal naquele dia, que já estava de saída para a prefeitura, inclusive.

Gilberto adiantou o que pôde, atendeu mais rápido, remarcou alguns pacientes para outro dia. No meio do burburinho, percebeu que ninguém parecia trabalhar de verdade naquele dia. Parecia mais um teatro em que cada ator simulasse mudar os objetos de lugar ou operar uma máquina imaginária apenas para o prazer e a satisfação do público. Aproveitou-se da situação para sair mais cedo e foi ao cemitério ainda no começo da tarde.

Chegando ao local, reparou numa viatura da polícia saindo pelo portão principal e estacionou mais adiante para não ser visto. Não queria ter que falar ou dar qualquer depoimento sobre o ocorrido. Pelo menos não enquanto pudesse escapar disso.

Foi até a cova e espantou-se com o buraco enorme, o monte de areia do lado, a tampa desencaixada no fundo. Com a lembrança ainda nítida do caixão descendo no dia anterior, sentiu uma inquietação que não quis admitir se tratar do mais puro medo correndo dentro de si. Imaginou onde diabos a sobrinha poderia estar, mas não só isso, imaginou a aparência que o corpo teria quando fosse encontrado. Estremeceu com a imagem que lhe veio e entendeu de súbito algo que nunca antes tinha lhe ocorrido. Era então por isso que os mortos eram queimados ou escondidos a sete palmos, para esconder dos vivos a aparência inescapável que todos teriam um dia.

No túmulo vizinho, o de Amália, percebeu não haver sinais de vilipêndio, termo que tinha aprendido àquela manhã mesmo, com o pessoal do trabalho. A terra continuava batida, o tapete de grama colocado por cima intacto. Somente quando chegou mais perto para

olhar, para fazer uma reverência, que constatou que o local não permanecia assim tão intocado. Passou a mão pela borda da lápide e sentiu a textura áspera em um ponto. Olhando em torno e pensando no porquê de alguém ter quebrado o crucifixo, avistou um objeto caído a certa distância, por baixo da sombra de uma árvore. Talvez nem a polícia tivesse notado. Foi até lá e confirmou tratar-se de uma cruz caída ao chão. Quem quer que tenha feito aquilo, pensou, estava no mínimo com raiva de Deus ou das regras por ele criadas. E imaginou o golpe forte, talvez com uma pá, para que o objeto tivesse voado até onde estava.

Ficou ali de pé, embaixo da árvore e com a cruz de pedra na mão, ainda pensando. Lembrou-se então da ligação feita para o irmão, e um pressentimento lhe deslizou cortante pela garganta. Olhou as horas e correu para o carro. Acelerou em direção à única casa do outro lado do rio Palhano.

Naquele dia, não foi direto ao galinheiro como lhe era de hábito. Aproveitou que o irmão ainda estava na prefeitura para dar uma espiada pela casa. Correu para o andar de cima e foi primeiro ao laboratório. Abriu a porta com uma postura vacilante, com medo de olhar para o interior do cômodo. Encontrou alguns materiais cirúrgicos em cima da bancada, pedaços de estofa no chão, um carretel de linha vazio e jogado a um canto. Olhou em volta, apenas um cheiro forte e para o qual não deu muita importância; o exaustor girando. Correu então para o quartinho anexo. Apenas os antigos animais do pai o encarando.

Continuou a procurar pela casa, abrindo uma porta depois da outra, e quase teve um infarto ao entrar no quarto da sobrinha. O coração perdeu uma batida ou duas. E a boca tornou-se pequena para o tanto de ar que lhe escapou dos pulmões num só grito, o maior que já dera na vida. Na plaquinha à porta, o nome Isabel jamais teria o mesmo significado de outros dias.

Ainda estava claro quando Augusto Borges chegou em casa. Encontrou o irmão no sofá com um olhar perdido e as mãos juntas e espalmadas diante do rosto. Abriu os braços para ele com um sorriso, surpreso pela visita. Gilberto, entretanto, levantou-se com uma expressão de repulsa e desviou para o lado como um bicho

arisco. Contorceu o tronco, teve espasmos e foi tomado por ânsias de vômito ao tentar falar o que tinha visto. Das poucas palavras que lhe saíram com clareza, Augusto compreendeu que ele já sabia.

Explicou para o irmão sem arrodeios o que tinha feito e, mais importante, o quanto estava feliz em ter de volta a filha. Gilberto olhou para ele assombrado, os olhos cheios de lágrimas, pedindo que ele procurasse ajuda, pedindo que ele se livrasse daquilo que não sabia dar nem um nome. Uma cena que seria no mínimo curiosa para quem assistisse de longe, um homem desesperado clamando por ponderação e juízo para outro que tinha movimentos finos e um olhar que era só calmaria.

Depois de uma longa discussão, Gilberto desistiu de convencê-lo do absurdo. Fez menção de ir embora; seu tom já era quase histérico a essa altura. Augusto apenas pediu que ficasse, que lhe fizesse companhia, que dormisse na casa que também era sua. Sabia que se ele saísse naquele estado, acabaria fazendo alguma burrice.

— Você acha mesmo que ninguém vai descobrir? — perguntou Gilberto, já quase abrindo a porta.

E então, pela primeira vez desde que Augusto havia chegado, passou-lhe uma sombra de pânico e medo pela fronte.

— Acho — disse, ainda que lhe tenha falhado a confiança. — Mas confesso que ainda não sei o que fazer com a parte de dentro, com o restante. Preciso da sua ajuda, mano. — Cruzou a sala e começou a subir as escadas.

Gilberto acompanhou-o até o andar de cima e parou ao lado do irmão, diante da pia do laboratório, uma pia funda e grande onde o pai já tinha lavado até pele de onça. Levou uma das mãos à boca e foi por muito pouco que não gritou, vomitou ou caiu para trás, tudo junto e no mesmo instante. Estava ali, toda dobrada, a fonte do cheiro azedo e ferruginoso que se espalhava. Não pelo tamanho nem pelo formato, mas o que viu lhe pareceu uma grande tangerina sem a casca. Linhas brancas passavam pela estrutura avermelhada como se a separasse em gomos de diversos formatos. Era muito pior que qualquer coisa que já tivesse visto nas aulas da universidade. O irmão, sem saber o que dizer, começou a calçar um

par de luvas de látex. E Gilberto, sem nem perceber, pegou um outro par da caixa.

Augusto repassou com o irmão a técnica de maceração mecânica que o pai utilizava para a preparação das partes duras, mas nem ele sabia se teria estrutura para executar o procedimento. Demorariam uma eternidade para arrancar os tecidos aderidos, mesmo que colocassem em água sanitária ou água fervente. Depois disso, levariam ainda mais tempo para limpar o que ficasse preso nos cantinhos com uma pinça. Olhou então para Gilberto e percebeu que ele esboçava uma expressão de culpa, mas também de entendimento. A culpa era por saber exatamente o que poderiam fazer para se livrar de toda e qualquer evidência.

Gilberto enrolou a massa fétida num saco plástico grande e a colocou por cima do ombro, pouco se importando se ela estava pingando. Pediu que o irmão pegasse as antigas chaves do pai e que o acompanhasse até o quintal. Agora! Rápido! Augusto entendeu tudo. E se assombrou em como pudera ter esquecido o esconderijo no qual um dia flagrara o irmão no alvorecer da idade. Quase riu, e reformulou o pensamento. O esconderijo, melhor dizendo, que havia descoberto no dia da morte da irmã e que, talvez por isso, tenha feito questão de apagar da mente.

A meio caminho das árvores mais ao fundo do terreno, Augusto foi ficando para trás de repente. Começava a duvidar do plano. Sabia que o cheiro ia escapar pelas frestas da portinhola, se espalhar, atrair bicho e depois gente. Parecia algo sem saída, inevitável. Olhou então para o lado, para a construção de madeira, tela e telhas, e lembrou que as galinhas não tinham feito ainda a segunda refeição do dia. Correu e puxou o irmão pelo braço.

Quando entraram no galinheiro, já era final da tarde. O sol começava a se pôr, e Gilberto agradeceu a quem quer que fosse, no caso de se existisse mesmo um criador, por esse momento do dia em que a luz era escassa e a visão minguava. Foi só tirar o conteúdo do pacote, e ele cair com um baque amortecido no chão de serragem, para que as galinhas corressem para cima, alvoroçadas. E ele lembrou, enquanto elas bicavam e subtraíam do todo pedaço por pedaço, o que o pai certa vez havia dito de as aves

serem os descendentes dos dinossauros que tinham escapado ao grande impacto. Não tinha prova maior que aquilo que seus olhos testemunhavam.

Deixaram o quintal em silêncio. Gilberto concordou que estava abalado demais para dirigir e aceitou o convite do irmão para que ficasse. Mas recusou o jantar. Preferiu recolher-se para o antigo quarto. Subiu as escadas e ficou parado lá no alto. De um lado, o laboratório, do outro, o corredor escuro que dava acesso aos dormitórios da casa. Ligou a luz para espantar o medo e a visão de que algo o esperava no meio da passagem. Foi com dificuldade, imaginando que a porta com o nome da sobrinha se abriria quando estivesse mesmo do lado. Chegou ao final do corredor quase correndo e dobrou à direita. Alcançou o antigo aposento, e também o ar, depois de alguns passos. Antes de bater a porta, olhou de relance para a escuridão que vinha do quarto do irmão, mesmo defronte, e passou a chave.

No dia seguinte, acordou com uma batida à porta. Amanhecia lá fora; os galos cantavam com um vigor renovado. Abriu a porta torcendo para que tudo não tivesse passado de um pesadelo, mas não foi o que vi na cara de Augusto, escorado à passagem. No friozinho da manhã, caminharam até o galinheiro, carregando o mesmo silêncio da noite anterior como um fio que não tivessem cortado e que ainda usassem para se guiar por através das trevas da loucura e da insanidade. Gilberto não contou, mas havia ali duzentas e seis pecinhas de coloração branca e formatos variados. Mas nem todas tinham se soltado, algumas continuaram penduradas às outras, chacoalhando como um colar macabro. Cataram tudo para dentro dum saco preto e saíram à procura da pequena abertura que dava para debaixo do quintal.

Augusto não teve pressa enquanto caminhavam pelo quintal. Sabia que um dia o irmão voltaria a falar sobre aquilo com ele. E conforme previra, passado o choque, Gilberto começou a demonstrar interesse. Durante o café da manhã mesmo, já tirava dúvidas sobre o procedimento e até sugeria modificações das técnicas utilizadas. A conversa foi demorada. Quase perderam o horário.

Gilberto foi para o hospital depois da refeição farta e não mais se abalou com os comentários e as especulações que teve que ouvir sobre o caso que ainda abalava a cidade. Entre um atendimento e outro, simulava terror e perplexidade quanto ao paradeiro da sobrinha para os colegas que chegavam até ele com caras de pêsames e olhares apertados. E para os policiais, que apareceram para ouvir seu depoimento na busca de pistas que indicassem algum suspeito, algum inimigo que o irmão deixara passar, teceu uma conversa chata e desinteressante com a intenção proposital de enfastiá-los.

Saiu do trabalho mais cedo e não voltou para o apartamento alugado. Cruzou a pequena ponte e inventou qualquer coisa para ficar com o irmão mais uma noite. Ainda à porta, forçou uma voz de lamentação e consolo na tentativa de convencê-lo de que a perda da mulher e da filha era ainda recente e de que precisava de companhia, pelo menos nos primeiros dias.

Augusto pareceu não entender o que o outro dizia; no rosto, uma expressão muito óbvia de que não estava sozinho, o julgamento muito assertivo de que o irmão que tinha enlouquecido. Gilberto sorriu e então confessou que voltara por conta da sobrinha. Queria vê-la novamente, sem surpresas nem sustos dessa vez. Talvez até tivesse coragem de pegá-la nos braços. Sim, estava preparado. E assumiu que não parara de pensar nela um só minuto enquanto trabalhava.

Gilberto acompanhou o irmão com dificuldade. Nas escadas, foi dois degraus abaixo, sem saber qual seria sua reação ao segundo encontro. Contava com o fato de que não haveria qualquer novidade que pudesse lhe gerar sobressaltos ou aguçar seus sentidos, exagerá-los. Quando Augusto abriu a porta, olhou por cima do ombro dele e encontrou o que já esperava, Isabel na mesma posição em que a tinha visto no dia anterior, sentada à cama e sorrindo na direção da entrada do quarto.

Entraram. A princípio, foi como estar diante de um parente que não visse havia anos. Mas Gilberto logo tocou o ombro da menina, passou-lhe a mão pelos cabelos, foi se soltando. Augusto ficou tão feliz com a naturalidade do irmão que decidiu que faria

bem para a menina desenfurnar um pouco do quarto, quem sabe até dar uma volta com eles pela casa.

Perambularam pelos cômodos, explicando para a menina onde ficava cada coisa, repassando momentos de sua infância, dizendo onde ela mais gostava de ficar brincando. Após alguns minutos, cansados do ar abafado do final da tarde, saíram pela porta da frente da casa. Era bonito o final de tarde que dava para ser visto do rio Palhano.

Isabel foi posicionada na varandinha para que visse a paisagem. E os dois irmãos ficaram ali parados, um de cada lado. Elogiavam o cenário e os sons e pediam que ela confirmasse. Mas ela não sentia os cheiros da mata nem ouvia o canto das cigarras. Augusto passou a mão no cabelo da filha e, preocupado de que ela não estivesse gostando, inventou de comerem alguma coisa ali mesmo, no chão da varanda. Gilberto se empolgou com a ideia do piquenique, e os dois entraram para pegar as coisas. Voltaram depois de cinco minutos trazendo a comida, uma garrafa de café e uma toalha.

Mal sentaram, entretanto, avistaram um grupo de garotos correndo ao longe pela mata, do outro lado da volta que o rio dava. Perguntaram a Isabel se eles tinham chegado a vê-la. Mas ela ficou calada, apenas sorrindo na direção do tio e do pai.

Augusto e Gilberto não deram muita importância. Duvidava que tivessem percebido algo de estranho daquela distância. Cruzaram as pernas e ficaram conversando e comendo. Comeram pelos três, por sinal. E antes que ficasse escuro, lembraram do quintal, o único canto que ainda faltava.

Na parte detrás do terreno, Augusto carregou a filha no colo para que não sujasse os pezinhos, emocionado, sem lembrar da última vez que passeara com ela nos braços. Seguiram no rumo do galinheiro, mas acabaram desistindo com medo de que a menina fosse bicada. A casinha dos cachorros pareceu então uma opção mais segura. O pai perguntou-lhe o que ela achava, e ela pareceu animada. Os cachorros, porém, com a aproximação do grupo, ficaram acuados, contra à parede, soltando gritinhos enquanto Isabel era colocada na altura do portão para que a vissem, para que

a reconhecessem pelo faro. Quando o ferrolho foi aberto, os bichos começaram a rosnar, a franzir o focinho, a mostrar os dentes. O cachorro mais próximo à abertura tremeu o corpo todo e chegou mesmo a levantar uma patinha à frente, desesperado.

Os dois irmãos ficaram decepcionados. Uma reação que definitivamente não esperavam diante da menina que sempre tinha dado tanto amor para eles apesar do pouco tempo juntos que haviam passado. De castigo, pela forma como a tinham tratado, ficaram sem comer àquela noite. E o mesmo se repetiria depois em muitas outras.

No jantar, Gilberto olhou para o irmão com uma cara de espanto, a princípio, e então soltou uma gargalhada como se somente agora tivesse se tocado de algo. Admitiu, pela primeira vez e para o sorriso de todos à mesa, que Isabel nunca estivera tão parecida com Isadora, a tia que jamais conhecera, a tia que morrera com a mesma idade que ela tinha. Augusto, querendo provar para a filha que era verdade o que o tio falava, correu para um dos quartos como uma criança que tivesse a chance de mostrar para alguém o brinquedo favorito. Voltou com um antigo álbum de fotografias da família.

Enquanto Isabel mirava as fotos que o pai e o tio colocavam diante de seu rosto, ela não parava de sorrir. Era só o que fazia, na verdade. Ao contrário dos pratos deles, os dela continuaram limpos. Mas foram lavados e enxugados do mesmo jeito, ao final do jantar.

XIII

Na sexta-feira, Luciene bateu à porta da casa do prefeito cedo da manhã. Augusto demorou para abrir e, quando o fez, foi só o bastante para mostrar cinco centímetros de uma expressão confusa pela fresta da porta. Examinava-a como se não lembrasse do dia da semana ou, pior ainda, como se não soubesse mais nem quem era aquela senhora.

— Fiquei na dúvida se era pra eu vir ou não ainda essa semana — disse a mulher com uma voz miúda, constrangida. — Lamento muito por tudo o que houve, Seu Augusto. Como é que o senhor tá?

— Pode entrar, Luciene. Tentando levar, você sabe. Gilberto já saiu pro hospital, mas tem ficado aqui comigo esses dias. — E depois de um instante em silêncio, percebeu que continuava sobre a soleira, bloqueando a entrada. Então acrescentou: — Vou te pedir só uma coisa. Não precisa limpar o quarto da Isabel, tá bem? Deixa pra próxima semana. Prefiro manter como ela deixou, pelo menos por enquanto.

A mulher fez que sim com a cabeça, mas continuou ali parada, diante da porta entreaberta, sem conseguir entrar. Foi preciso bater os pés, fingindo limpá-los, para que ele abrisse passagem.

— E a Beatriz, não veio? — Perguntou depois ele, sem muito interesse. Mais para puxar assunto, fingir naturalidade.

— Ficou com a avó — disse a mulher e seguiu para a cozinha, encerrando o papo.

Augusto subiu os degraus de dois em dois e entrou no quarto da filha sem fazer barulho. ISABEL. Fechou a porta e se encostou contra a madeira; a mão agarrada a maçaneta, os olhos fixos para o teto como se pedisse ajuda. Começou a respirar rápido, a ofegar, e então tampou a boca ao soltar um grito. Abafou o barulho com as duas mãos, uma sobre a outra. Não queria assustá-la. A menina estava deitada, virada para a parede, na mesma posição em que a tinha deixado na noite anterior.

Foi até a cama e alisou os cabelos da filha para que ela fosse despertando aos poucos. Mas ao se inclinar sobre a menina, surpreendeu-se com os dois grandes olhos abertos e que brilhavam de tão polidos. Sentou-se ao lado e explicou-lhe sobre a visita inesperada, do perigo que corriam, mas ela manteve uma expressão distraída, sem parecer entender a gravidade do fato, muito menos seu tom aflito. Morrendo de medo de magoá-la, foi direto ao assunto e falou que ela precisaria ficar trancada, escondida até que estivessem sozinhos. Disse isso cheio de culpa, apesar de ela não se opor de forma alguma. Continuava, na verdade, olhando para o mesmo ponto da parede desde que ele tinha chegado.

Ficou um minuto de pé no meio do quarto, pensando no melhor lugar para guardá-la. Teve uma ideia de onde e perguntou o que ela achava. Isabel não respondeu, mas pareceu animada. Quando finalmente a escondeu, entretanto, não teve coragem de olhar para aquele sorriso esticado, com medo que ele de repente se desmanchasse e que ela começasse a chorar. Sabia o quão escuro devia ser ali embaixo.

De volta ao seu quarto, ligou para a secretária do gabinete da prefeitura e pediu que desmarcasse todos os compromissos do dia. Disse que havia acordado indisposto, como se somente agora começasse a sentir o baque do que tinha acontecido à mulher e à filha. E enquanto a secretária proferia um sermão enfadonho de quem já tinha lhe advertido que era cedo para voltar ao trabalho, que deixasse de ser tão orgulhoso e cabeça-dura, achou mais prático ficar calado.

Passou a manhã andando de um lado para o outro do quarto. E duas vezes se pegou seguindo a diarista pelo corredor do andar de cima, aflito. Seu medo era que ela acabasse esquecendo e entrasse no quarto da filha. Só sossegou depois que Luciene terminou e desceu, com baldes e vassouras, para o andar de baixo. Depois do almoço, conseguiu até tirar um cochilo, coisa rápida.

Era final da tarde quando Beatriz apareceu diante da casa. Luciene limpava o terreno em torno do galinheiro e não ouviu os gritos da filha. Augusto então desceu. Abriu a porta para que a menina entrasse e disse que ela ficasse à vontade que a mãe, pelo

horário, já terminava. Ofereceu água, biscoitos e suco. A menina disse obrigado três vezes, toda errada. Comentou para o prefeito ter acabado de comer na casa de uma amiga e que, no caminho, decidira passar ali para voltar com a mãe para casa. Ele estranhou o fato de a menina estar perambulando por aí sozinha, depois sorriu, lembrando que Beatriz já era uma mocinha e que tinha a mesma idade da filha. Depois de um tempo calado, pediu então licença e voltou para o quarto. E a menina ficou no sofá da sala, sentada num cantinho e com as mãos cruzadas.

Conforme o sol caía lá fora, mudando as cores dos móveis e o formato das sombras, Beatriz ficava mais e mais desconfortável com a penumbra que se formava. Ainda que tudo tivesse o mesmo aspecto, era estranho estar na casa onde até outro dia brincava com a filha do dono. Se por um minuto esquecesse da tragédia, seria capaz até de sentir a presença de Isabel, como se ela estivesse no andar de cima a esperando para fazerem tranças no cabelo uma da outra ou para brincarem de boneca. Os pelos do braço se levantaram só de pensar. E ela passou a mão por cima, agoniada, enquanto os olhos corriam pelo cômodo até a escada. O medo era tanto que se espantou até mesmo com a ausência, com o vazio, como se o fato de não ter nada a encarando do último degrau fosse a opção menos provável.

Saber que o corpo da amiga tinha sumido era o mais bizarro. Seria mais fácil de entender se a terra tivesse cuspido o corpo da chata da mãe para fora, não o de Isabel. Recriminou-se pelo pensamento terrível, mas foi de fato a primeira coisa que lhe veio à cabeça até ficar sabendo dos detalhes, que o caixão da amiga tinha sido revirado e o corpo levado, não deixando nem a coitada da defunta descansar em paz.

Tentava não pensar nessas coisas enquanto a sala da casa escurecia, mas não tentar era o mesmo que abrir as comportas para um fluxo ininterrupto de tudo o que tinha ouvido. E não tinha sido pouco, afinal, não teve outro assunto nos últimos dias que mais deixou o povo em rebuliço. Tinha escutado todo tipo de boato, até de que a menina poderia ter escapado cavando pela terra feito bicho. Estaria então vagando pelas ruas da cidade, pelo que diziam,

pelas matas próximas ao cemitério, perto do rio ou da casa em que tinha crescido. No colégio, as crianças se juntavam para compartilhar suas histórias. Gritavam pelos corredores, entre uma aula e outra, assombradas e ao mesmo tempo animadas pelo assunto mórbido. Um menino dizia que a tampa do caixão tinha sido encontrada arranhada por dentro; uma menina, que tinha visto Isabel pelo espelho, no banheiro perto da quadra, passando por trás dela. Beatriz não dava muito crédito. Mas o que a deixou assustada mesmo foi a história de um grupo de meninos que tinha ido pescar no rio Palhano, no dia anterior. Juravam ter visto Isabel parada na frente da única casa do outro lado. A menina só não fez mesmo acenar, pelo que disseram, mas ficou olhando para eles com um sorriso gigante, quase como se os chamasse para brincar mais ela.

Levantou-se do sofá dum pulo e foi até a cozinha. Chegando lá, olhou para o quintal pela janela e viu que a mãe começava a apanhar as folhas secas que tinha varrido. Pensou em correr até ela, mas teve então uma ideia. Não faria aquilo em situação nenhuma da vida, mas não viu problema em roubar algo de quem nem era mais vivo. Se era esse o raciocínio, compreendeu que não teria chance melhor que aquela. Voltou para a sala, morrendo de medo, mas repetiu para si mesma que não acreditava em nenhuma das histórias de malassombro que ouvira no colégio.

Aguçada por um espírito selvagem, subiu as escadas da casa em silêncio. Se pegasse uma das bonecas de Isabel, apenas uma, sabia que ninguém jamais daria pela falta dela. Só precisava escapar da casa antes que a mãe a pegasse em flagrante. Se o prefeito comentasse algo, de que ela tinha estado ali a procurando, diria depois que tinha cansado de esperar e voltado para casa antes. Quando a mãe visse a boneca, mais cedo ou mais tarde, diria que alguma outra amiga que tinha enjoado e dado para ela. Confiante, chegou a dar pulinhos de emoção, no meio da escada, não imaginando o que poderia dar de errado no plano.

No andar de cima, entrou no único quarto do corredor com uma plaquinha à porta. Sentiu um cheiro de produto químico, diferente de tudo que conhecia ou que já tinha visto a mãe usando antes, mas não deu importância. Fungou uma ou duas vezes e se

concentrou para não acabar espirrando. Olhou para as bonecas em cima das prateleiras, com vontade de pegar a primeira, mas percebeu que não podia ser nenhuma daquelas. Lembrou então onde ficava guardado um outro tanto, junto dos outros brinquedos de Isabel.

Deu um passo em direção à cama e estancou de repente. Pensou ter escutado um barulho vindo do corredor, mas não teve certeza. Esperou mais um pouco e concluiu que não passava do medo lhe pregando peças.

Correu até a cama. Levantou o colchão. E quase se engasgou com o próprio grito ao ver as suturas, os dedos retos e sem rugas como varetas e o sorriso distendido de orelha a orelha. Por mais terrível que fosse a visão, não conseguiu tirar os olhos de cima. Sua cabeça ainda virou de um lado para o outro, em negação, mas os olhos continuaram capturados, tentando entender o que diabos era aquilo. A pele descia da boca direto ao peito como uma tenda velha e desarmada, como se bochechas e queixo tivessem murchado. O conjunto era medonho, perturbador, mas o pior de tudo era aquele sorriso terrível, um sorriso grande de quem estava sempre se divertindo. As outras bonecas em volta, da mesma forma, sorriam junto com a menina.

De tão assombrada, nem reparou na porta abrindo. Quando viu as duas mãos vindo por trás e a agarrando, na sua lógica desordenada pelo pânico, chegou a pensar que fossem as da amiga. Mas Isabel era inocente, apesar de não parar de sorrir diante do que acontecia; continuava imóvel e a dois passos de distância, dentro do buraco que, naquela situação, estava mais para um caixão que para a base de uma cama.

Augusto agarrou a intrusa e abafou seu grito, já falho e engasgado, para um simples gemido. Enquanto a menina se estrebuchava, ele pensava no que poderia fazer para que ela se acalmasse e, quem sabe, para que esquecesse o que tinha visto. Mas não dava para arriscar. Era a segurança da própria filha que estava em risco. Apertava-lhe a boca e as narinas e só torcia para que ela parasse, mas a menina se contorcia mais ainda, resistia.

Enquanto a segurava com dificuldade, a menina lhe escapando pelas mãos suadas, lembrou-se dos antigos anestésicos do pai. Arrastou-a pelo corredor até o laboratório e encontrou os frascos velhos na primeira gaveta perto da porta. Arrancou a tampa de uma seringa com a boca e, com dificuldade, sufocando a menina ainda mais para isso, conseguiu puxar um pouco do líquido. Sabia mais nem se aquilo prestava, se estava na validade, mas a perda do vigor de quem se sacolejava com força e energia até a picada logo lhe mostrou que sim. Aproveitou a trégua dos chutes e empurrões e injetou o resto do frasco.

Quando Augusto desceu, minutos depois, Luciene o aguardava na sala, de cabeça baixa e com uma expressão cansada. A mulher então olhou para ele com o mesmo semblante de piedade que tinha usado pela manhã. Era a melhor cara que tinha para um pobre homem que enfrentava a dor da perda de uma filha, uma dor que ela não poderia nem imaginar ainda.

Recebeu o pagamento pelo dia de trabalho e se despediu de Augusto.

XIV

Gilberto saiu tarde da noite do hospital já sabendo do fuzuê que rolava na cidade. Um grupo de voluntários mais a polícia procurava pela filha de Luciene por toda parte. A mãe, caída na calçada de casa, não tinha mais força nem para ficar de pé e só chorava. A avó, desolada por ter deixado a neta sair, foi bater na emergência com a pressão alta. O último paradeiro de Beatriz tinha sido dado por uma amiga, que morava no final da cidade, no caminho para a ponte que cruzava o rio Palhano. Dissera apenas que a menina tinha saído de lá no final da tarde, que não dissera nada quanto a ir para outro canto.

Passou de carro pelas ruas e cruzou com uma viatura. Viu outra, de longe, pelas luzes vermelhas e azuis girando. No íntimo, contentou-se com o alvoroço. Pelo menos servia para tirar a atenção do caso da sobrinha, nem que fosse por um breve instante. Enquanto dirigia, refletiu e julgou o mistério sobre onde estaria Beatriz algo desproporcional e exagerado. Um grande alarde, na verdade. Espantou-se que a polícia já estivesse rondando as ruas apenas poucas horas depois do ocorrido, mas entendeu que era a melhor forma que eles tinham de mostrar serviço. Achou graça. Bem provável que a menina estivesse na casa de alguma amiga, só isso, movida pelo ímpeto de rebeldia da idade.

Chegou em casa e não encontrou Augusto no andar de baixo. Chamou-o ao pé da escada, só para perguntar se já tinha jantado. Esquentava a comida, quando o irmão apareceu na cozinha. Tinha um ar desconfiado. Mas logo ficou de costas e se pôs a encher um copo de água. Tomou um cheio. Depois tomou mais. E conforme Gilberto separava os pratos e os talheres do escorredor para levar para a mesa, contou-lhe o que ouvira no trabalho sobre a filha de Luciene. Pelo visto, ele dissera rindo, Beatriz tinha sumido do mapa. O que será que os jovens dessa idade andavam aprontando pela cidade?

Não teve qualquer resposta. Colocou os pratos de volta na pia e olhou para o irmão. O que mais o espantou não foi nem a sua

indiferença, mas o olhar que se perdia a um canto. E conforme continuava a falar, cada vez mais preocupado, encontrava nos olhos de Augusto a resposta para a dúvida que era não só dele, mas de toda uma cidade.

— Peguei ela assustando a Isabel. — Foi tudo o que Augusto disse; os olhos fixos como se olhassem para além das paredes limpas da cozinha.

Gilberto precisou se segurar na pia para não cair. Recobrou a postura e avançou na direção do irmão. Abraçou-o com força e pediu, aos soluços, para que ele estivesse mentindo, para que não passasse de uma brincadeira de mau gosto o que ele havia dito.

Então, diante do silêncio pesado que se firmava na cozinha, soltou-se de Augusto e se sentou num banco. Pediu que lhe contasse tudo. Mas logo se arrependeu do pedido quando as palavras começaram a lhe bater nos tímpanos. Diante da revelação, foi como se seu corpo fosse empurrado, como se estivesse num carro que fosse, de súbito, acelerado. Apesar do que ouvia, da vontade de sair correndo tampando os ouvidos, não podia se deixar enganar; conhecia o homem bom que era o irmão. Sabia o que ele já tinha feito por Palheiros e, mais ainda, o que ele representava enquanto prefeito para aquela cidade. Se tinha tropeçado, feito algo que não devia, tinha sido apenas para proteger a filha. Na certa, não lhe restara outra opção.

Jantaram em silêncio. Gilberto mais remexia o arroz no prato que mastigava. Augusto percebia e se esforçava para puxar assunto, para parecer agradável, como um menino que tivesse urgência pelo perdão ao reconhecer que tinha errado. Sem qualquer retorno, acabou se calando. Ao final do jantar, já dando por perdida qualquer conversa naquela noite, surpreendeu-se com o pedido do irmão:

— Quero ver você fazendo. Sei que dá pra ficar melhor dessa vez.

Ficaram uns cinco segundos, ou talvez tenham sido até minutos, se encarando. Procuravam o que dizer, mas era como se não existissem palavras adequadas, como se qualquer coisa

pudesse soar absurda demais diante do que estavam, em silêncio, planejando.

Subiram para o laboratório. Viraram a noite.

Já era quase manhã quando Augusto saiu pelo corredor e foi até o quarto da filha. Abriu a porta devagar. Embora Isabel estivesse de olhos abertos, sorrindo para a parede, balançou seu braço como se fosse preciso acordá-la. Diante do guarda-roupa, pediu-lhe um vestido emprestado para a nova amiga. Não teve resposta. E imaginou que estivesse chateada, não só por ter ficado trancada, mas pela situação embaraçosa que a fizera passar. Pegou um dos vestidos assim mesmo e ficou feliz ao ver que ela, no final, pareceu não se importar.

O sol começava a nascer quando desceram e seguiram para o quintal. Nos braços de Gilberto, uma lona preta impedia que sua camisa se sujasse. Augusto, que carregava a chave do galinheiro, foi à frente e abriu o cadeado. Mal entraram, as galinhas, até então sonolentas, foram logo correndo ao perceberem que não era milho o que as aguardava.

Horas depois, enquanto Gilberto estava na cozinha preparando o café, Augusto desceu com Beatriz para a sala. Sentou-a à mesa e correu para buscar a filha. Colocou uma de frente para a outra e sorriu com isso. Começou a puxar conversa com as duas, todo feliz. Tinha algo no sorriso de Beatriz, entretanto, que era artificial, forçado. E então percebeu que a menina parecia desconfortável e aflita na presença da amiga, como se o grito interrompido do dia anterior ainda estivesse entalado em algum canto na altura da garganta, por baixo da pele. Perguntou-lhe qual era o problema e entendeu o seu silêncio. Não fosse seu amor de pai, embora fosse duro admitir, também teria medo de Isabel.

Gilberto apareceu com a comida na mesma hora e se assustou com a cena. Colocou os ovos e os pães em cima da mesa e fez um sinal discreto para Augusto. Foram até a cozinha e, uma vez sozinhos, Gilberto balançou a cabeça em negação, estranhando a si mesmo por ter chamado o irmão para conversar às escondidas.

— Sei que é difícil o que eu vou pedir, mas essa loucura tem que acabar o quanto antes. Vai ser muito mais difícil depois. Escuta

o que eu tô falando. Além do mais, não dá pra correr o risco, Augusto. Alguém pode acabar vendo as meninas um dia. Elas têm que ficar escondidas o tempo inteiro, e eu tenho uma ideia de onde.

— O que você sugere, então? Já viu que não dá pra deixar aquelas duas juntas, né? — Augusto falou baixinho, olhando pela porta para ver se elas estavam escutando.

— Tô falando sério, porra! — Gilberto falou alto, pouco se importando que o irmão tentasse manter a discrição. — Essa é a última vez que a gente fica zanzando com elas pela casa, tá me ouvindo? Vai que alguém aparece de novo sem avisar? Vai que alguém breche a gente pelas janelas? — disse, batendo na testa do irmão para que ele acordasse para a realidade. — Ajudei você, agora é a sua vez de fazer o que eu tô mandando.

— Acha que vou querer me desfazer delas depois de todo o trabalho que eu... quer dizer, que nós tivemos?

— Sabe o que mais me preocupa? Você tem mesmo condição de ficar vendo Isabel todo dia assim, daquele jeito? — E apontou na direção da sala; a outra mão na cabeça. — Você já conseguiu o que queria. Ela tá aqui, debaixo do mesmo teto que você. Não tá mais sozinha. Não tem porque você ficar se maltratando com o que já aconteceu e não tem mais volta.

Augusto então ouviu a ideia do irmão, os olhos se enchendo de lágrimas, mas acabou concordando. Tudo bem se cada uma tivesse o seu canto. E ainda que não fosse mais ver a filha, servia de consolo saber que continuaria tendo sua companhia, que poderia continuar a visitando. Animou-se por outro lado. Pelo que Gilberto tinha falado, poderia continuar vendo Beatriz. Sabia que ele, no fundo, também tinha orgulho do resultado que tinham alcançado. Voltou para a mesa da sala e pediu apenas que fizessem uma última refeição. De tão empolgado, não calou a boca um minuto. Gilberto, pelo contrário, forçava um sorriso torto, parecido até com o da sobrinha, e mal tocou na comida.

Vinte minutos depois, Augusto subiu com Isabel para o quarto dela. Gilberto foi logo atrás, levando o martelo e um saco de pregos. Passou por Beatriz e fez sinal para que ficasse quieta, para que aguardasse a sua vez. Por um momento, nem acreditou no próprio

gesto. Subiu a escada de olho na menina, pensando besteira, com medo de que ela respondesse. Mas Beatriz continuou à mesa, sem dizer nada, diante de um prato limpo e uma xícara seca. Acelerou o passo e fez questão de espantar a ideia ligeiro. Sabia que a loucura era como um pequeno demônio que a gente alimenta e depois começa a tomar de conta sem nem perceber.

Quando os dois irmãos voltaram para a sala, Augusto ainda enxugava as lágrimas, repetindo que não deixaria de visitar a filha um só dia enquanto fosse vivo. Olhou para a outra menina à mesa e alegou precisar sentar-se para descansar um pouco. Gilberto entendeu que ele só queria ganhar tempo e foi incisivo. Disse apenas que precisavam terminar logo com aquilo.

Beatriz foi carregada para o quarto anexo ao laboratório. Lá chegando, Augusto perguntou o que ela achava do espaço. Esperava alguma mudança em sua expressão, mas ela continuou com o mesmo sorriso amuado, como se algo a incomodasse. Gilberto disse então para o irmão, sem muita paciência, que ela logo se acostumava. Chamou-o embora, mas Augusto ainda ficou um tempo pensando, e não soube dizer se era a luminosidade do aposento ou os macacos, as onças e as jaguatiricas que ela não estava gostando.

Como última precaução, Gilberto insistiu que trocassem a porta do cômodo por uma porta de segurança, uma que não pudesse ser arrombada nem aberta com nada a não ser com a própria chave. Ainda lembrava da casa de um amigo em Fortaleza que tinha instalado uma porta dessas depois de um assalto. Ficara impressionado com o material. Porta e dobradiças de aço e treze pontos de travamento espalhados. Não que achasse que alguém fosse ter a ousadia de invadir a casa do prefeito, mas, para algumas coisas da vida, nunca era demais ter cuidado.

Augusto achou a porta caríssima quando soube, mas não teve muita escolha. Era a condição do irmão se quisesse ficar com Beatriz. Quando a empresa responsável pela instalação chegou da capital, na semana seguinte, os funcionários ficaram surpresos de que não fosse a porta da frente da casa que fosse ser trocada. Bem,

serviço era serviço e fizeram o trabalho sem questionar. Beatriz ficou escondida, por trás dos bichos, enquanto a equipe trabalhava.

Como prometido, Augusto continuou visitando a filha. Ia antes de dormir. Às vezes lia uma história, às vezes só jogava conversa fora. Ria e lembrava dos velhos tempos, falava de Amália, do quanto tinham sido felizes. Ficava deitado na cama, o pensamento perdido, sentindo o cheiro da filha. Embora não pudessem se ver, sabia que ela sentia sua presença, ouvia sua voz e, com certeza, sorria. Ficava lá um tempão, depois seguia para o quarto anexo ao laboratório. Todos os dias, como se fosse a primeira vez que visse Beatriz, se encantava com a beleza da menina e não cansava de agradecer ao irmão pelo trabalho que tinham feito juntos.

Gilberto ouvia os relatos emotivos de Augusto tentando fingir alguma simpatia. Mas logo pedia que o irmão se calasse e corria para o quarto. Chorava quase todo dia quando estava sozinho, de forma exagerada, como se clamasse por piedade ante um juiz invisível. Para a sua própria sanidade, precisava acreditar que era réu num julgamento da vida, superior ao dos homens, e para o qual bastava mostrar-se arrependido para ser absolvido. Era o que tinha aprendido.

Passaram meses sem tocar no assunto, mas não era preciso palavras. Um olhar ocasional já insinuava o fato. Quando menos esperavam, deparavam-se com a verdade no gesto mais simples, no relance mais rápido. Sem nem se dar conta, enquanto comiam ou viam televisão, trocavam olhares carregados de cumplicidade. E era inevitável, em diferentes proporções para cada, que pontadas de vaidade e culpa não se mesclassem.

Semana após semana, Gilberto foi ficando na casa. Quando deu por si, já ocupava em definitivo o antigo quarto, o mesmo dos tempos de infância. Apesar do desconforto, do remorso e do medo que lhe assaltavam, feito bestas à espreita pelos corredores da casa, começou a sentir que aquele era mais uma vez seu lar. Nem entendia essa aparente contradição, essa angústia em seu peito que não passava, só sabia que precisava manter-se firme e vigilante, que não poderia deixar o irmão para trás, sem seus

cuidados. Em menos de um mês, entregou o apartamento que tinha alugado.

Quando Luciene sentiu-se pronta para voltar ao trabalho, decidiram que eles mesmos ficariam responsáveis pela limpeza da casa. Era arriscado demais, mesmo com as meninas guardadas. A mulher foi então avisada de que não precisavam mais de seus serviços, e ela agradeceu imensamente, principalmente ao prefeito, pelo montante que lhe pagara pelos serviços já prestados. Mais que isso, agradeceu-lhe pelo apoio que dera à família e disse aos quatro cantos, para quem quisesse escutar, que demoraria mil anos para nascer outro homem tão bom quanto aquele em Palheiros.

E assim Augusto foi cumprindo seu primeiro mandato como prefeito. Agradando a uns e outros com migalhas, espalhando simpatia e discursos inflamados, aumentando ainda mais a popularidade que o sobrenome já lhe dava. Para constar, fez algumas melhorias ridículas na cidade. Uma pista e uma praça. Levantou também um hospital que nunca chegou a ser inaugurado. Mas as pessoas não enxergavam os fatos. Viviam ignorantes, cegas e na mais pura felicidade.

Quando viajava para a capital a trabalho, participava de reuniões enfadonhas com outros prefeitos das quais não entendia a metade. Mas não tinha uma só vez que não se lembrasse de Beatriz e não trouxesse algo para ela quando voltava. Uma tiara, um vestido, um sapato. Fazia por ela, com todo o amor que tinha, o que não podia mais fazer pela filha. O que mais o entristecia, porém, era perceber que nada adiantava. Beatriz não parecia feliz de fato.

Decidido a fazer tudo o que estivesse a seu alcance, teve então uma ideia. Certo dia, mudou todos os animais para o andar de baixo. Talvez fossem eles que a incomodassem, que a cutucassem de noite, que a assustassem com seus rosnados. Espalhou-os pela sala, dentro dos armários, próximo ao sofá. E Gilberto, encantado com o resultado ao chegar do hospital, lembrou-lhe de que aquilo era inclusive um antigo sonho do pai.

Nada mudou, porém. Beatriz, em seu pequeno aposento, continuava tímida, retraída, calada. Pelo menos até o dia em que Augusto, já de saída, deu um salto e quase tropeçou a caminho da

porta grossa e pesada. A voz era baixinha, mas ele sabia que não estava ficando maluco. Sabia que tinha ouvido algo. Não a forçou. Despediu-se. Deixaria que ela tomasse o tempo que fosse necessário. E assim a vozinha se repetiu nos dias seguintes. Só quando se virava para sair que ouvia a menina falar. Em uma das vezes, ela o chamou de pai, em outra, disse que sentia saudades do tio. Quando finalmente teve coragem de olhar para trás, ficou angustiado ao ver a menina parada, de pé, naquele cômodo vazio e pequeno, mas que era todo o mundo que ela tinha. Teve vontade de correr até o outro quarto e arrancar os pregos, libertar Isabel, só para que Beatriz não ficasse nem mais um dia sozinha. Já saía do quarto, decidido, quando percebeu que poderia gerar o efeito contrário, que poderia era assustar ainda mais a menina com a presença da filha. Ele mesmo não sabia se teria coragem. A verdade era que ainda era tomado por uma paz inexplicável ao ver aqueles tantos pregos, tão bem encaixados, quando a visitava.

Naquele dia, Augusto deitou-se triste ao concluir que o que faltava para Beatriz era uma companhia. E ele passou a noite mirando o teto, sem conseguir dormir.

XV

Os cachorros ficavam cada vez mais magros. Augusto passava de semanas sem lembrar deles e dizia que só não os matava porque Isabel ficaria com raiva. Chegara mesmo a lhe pedir autorização para se livrar deles, mas ela não deixava. Toda vez que olhava para os cachorros, ainda se lembrava do dia em que tinha levado a filha para que vissem como ela tinha ficado. Uma ingratidão que não dava para esquecer assim tão fácil. A menina, que já passara dias correndo para cima e para baixo com eles, que já passara horas fazendo cafuné em suas cabeças, não merecia ter sido recebida com todo aquele assombro e desespero; foi até como se estivessem diante de um monstro, de uma aberração, de uma criatura abominável. Não conseguia se livrar da lembrança de como tinham tratado a filha depois da morte e continuava a tomar as dores para si, ainda que ela nunca tenha se queixado.

Gilberto, da mesma forma, não tinha muita paciência com os dois cachorros. Descia todos os dias para o quintal, mas não era sempre que ia até a portinha da pequena construção de alvenaria colada com a parede dos fundos da casa. Soltava-os uma vez por semana apenas, só para tirar o cocô que se acumulava. Limpava e xingava o irmão, chamando-o de preguiçoso e dizendo que era ele quem devia fazer aquele trabalho. Augusto ficava só olhando, brincando com a antiga arma do pai, apontando de um cachorro para o outro, sorrindo como um menino mimado. Sentia um prazer imensurável em saber que tinha algum poder de decisão sobre a vida deles. E fazia Pufo! Pufo! com a boca, rindo e sacolejando a arma como se atirasse.

Soltos, era o único momento em que os cachorros esboçavam algum tipo de felicidade. E quando pulavam na direção dos donos da casa, querendo brincar, querendo conquistar uma mínima atenção com a patinha erguida para o alto, eram mal interpretados. Apanhavam, levavam chutes, tinham as orelhas puxadas até gritar. Eram trancados de volta no pequeno cubículo e voltavam a viver de ar, pois era só isso o que tinham de forma liberada. Nos dias que

comiam, era o que sobrava do almoço e do jantar, se sobrasse, e a sede era tanta que bastava um dos Borges aparecer pelo quintal que já corriam para a vasilha de água, de olhinhos levantados, com a esperança de que a completassem. Teve noite até que só não morreram de sede porque deram a sorte de chover e pingar pelas goteiras. Coisa mais difícil era que os irmãos se lembrassem de dar água e comida para eles. Para as galinhas não. Comiam duas vezes por dia e já tinham comido até mais que milho. Só duas vezes, mas o suficiente para que continuassem a ciscar pelo terreiro, ansiosas por uma terceira.

Quase um ano depois do desaparecimento de Beatriz, foi dado o sumiço de outra menina, um pouco mais velha. Meses depois, foi a vez de outra um pouco mais jovem virar notícia. Augusto se pronunciava, falava com sua voz solene e altiva, dava sua palavra de conforto e esperança para as famílias. Ninguém ligava os fatos. A própria polícia, por falta de pistas, se atrapalhava toda e não chegava nem a montar um caso. Corria todo tipo de boato, até o de que as meninas tinham se mandado de Palheiros, pulado na boleia de um caminhão atrás de oportunidades, de fazer a vida em outro lugar.

Embora ninguém tivesse coragem de falar às claras, verdade seja dita: as três jovens até então desaparecidas eram de famílias humildes e que moravam perto da área de carnaubal da cidade. Para uma parcela mais favorecida da população, que morava próximo ao centro em casas de azulejo e portões largos, a notícia nada mais era que um ruído triste, uma mosca que viesse a pousar num bolo doce e macio para logo ser espantada. As buscas pela polícia e as falas do povo mais pareciam uma formalidade, uma demonstração passageira de solidariedade. Os problemas de um artista famoso que passasse na televisão tinham a incrível capacidade de gerar muito mais apelo e ganhar mais atenção que um problema de outro habitante da mesma cidade.

Para Gilberto era diferente. Bastou ouvir os boatos do primeiro caso para que ficasse paralisado. E quando, meses depois, o assunto se repetiu, já não conseguiu vestir a máscara da ignorância com a mesma tranquilidade. Trabalhava o máximo que podia,

repassava os casos mais simples até mais tarde, pegava os plantões que ninguém queria, tudo só pra não ficar em casa.

Augusto encarava o irmão nas refeições, provocava-o, deixava sapatinhos e vestidos espalhados pela sala. Em duas manhãs, dissera a Gilberto que não precisava se preocupar de alimentar as galinhas, mas que ficasse à vontade para ver se elas tinham comido tudo lá no quintal. Queria despertar-lhe a dúvida, a curiosidade. Queria, acima de tudo, ser abordado. Gilberto, porém, comia de cabeça baixa, se esquivava e corria cedo para o hospital. Não era estúpido, sabia que não era coincidência a fala do irmão nas duas vezes, mesmo no dia seguinte aos desaparecimentos que ouvira falar. Aos domingos, passou a comer peixe, boi ou porco. Comia calado, dizia apenas ter enjoado da galinha caipira, da receita original da mãe e que o irmão tão bem preparava.

De noite, Gilberto passou a se trancar no quarto. Subia com uma garrafa de água cheia; preferia não correr o risco de sentir sede de madrugada. Tinha medo de sair pelo corredor, seguir em direção à escada e se deparar com a luz acesa do laboratório, na outra extremidade. Seus olhos poderiam espiar, e se contorcia todo só de pensar. Às vezes vomitava. Em mais de uma noite, chegou a fazer as malas. Depois as desfazia e se deitava. Se forçava a respirar devagar até que o corpo entendesse que era uma ordem para que se mantivesse calmo. Não entendia o que ainda o segurava naquela casa. E oscilava, sem saber o que fazer, até apagar.

Certa manhã, como a bolinha de um pêndulo que tivesse se soltado, correu livre depois de muito ponderar qual lado tomar. Procurou o irmão pelo andar de cima e, não o encontrando, desceu para a sala. Corria rápido como se para não ser agarrado pelo fio invisível da dúvida, rápido para que não desse tempo de mudar de ideia, para que não pudesse ser puxado de volta para o outro lado. Voltou-se para o irmão, antes mesmo de sentar-se à mesa ou dar bom-dia, e pediu-lhe para ver como as meninas tinham ficado.

Augusto, que não esperava por aquele tipo de abordagem, tão súbita e sem preliminares, pensou até que seria agarrado pelo pescoço e depois denunciado. Foi logo se defendendo, a voz alcançando notas altas, dizendo que Beatriz que havia lhe

implorado. Alegou que a menina estava se sentindo sozinha, que chorava todas as noites quando a deixava. Então recuperou a postura e o fôlego ao ver que nos olhos do irmão não havia o mesmo tom seco e acusatório da voz, mas uma espécie de fascínio, curiosidade. Pediu-lhe licença e seguiu para a escada. Precisava de um minuto, só para avisá-las de que teriam visita, pela primeira vez na vida, naquele horário.

Gilberto esperou um momento e então subiu para o laboratório, ao seu chamado.

Nunca tinha acreditado naquelas histórias do irmão, de que ele conversava com Beatriz ou com a filha. Mas, lá chegando, viu a porta de segurança entreaberta e ficou arrepiado com a gritaria que vinha de dentro do cômodo.

Augusto olhou para ele e sorriu. Disse que Beatriz já não se sentia mais infeliz, que era uma animação como aquela que estava ouvindo todos os dias. Sempre que ia ao laboratório, tinha inclusive que bater na porta para que elas maneirassem naquela festa sem fim que davam. Falava escorado em uma das bancadas, todo orgulhoso, fazendo com a mão para que ele entrasse.

Gilberto parou diante da porta com o braço levantado, mas hesitou por um instante. Sabia que a estreita fresta indicava mais que a entrada para um quarto oculto da casa. Era a entrada para um fosso sem fundo de escuridão. E mais ainda de loucura e desgraça.

Criou coragem e empurrou a porta. O silêncio então se fez, talvez nunca antes tão alto. Reconheceu Beatriz de imediato, no meio. Às outras duas, uma de cada lado da sobrinha, lembrou-se de quem eram filhas ao chegar mais perto; crianças que já tinha atendido, alguma vez perdida, no hospital da cidade. Estavam todas de vestido, laços no cabelo e sorrisos animados. Parou diante delas e passou a mão pelos rostinhos corados. Naquele momento, não soube se ria ou chorava. E talvez tenha feito os dois, na verdade, horrorizado e ao mesmo tempo encantado pelo trabalho realizado pelo irmão.

A partir daquele dia, Gilberto passou a visitar as meninas, não com a mesma frequência de Augusto, mas ele ia. Passou também a alimentar a hipocrisia de exercer o papel de irmão mais velho e a

censurá-lo, ao mesmo tempo em que alimentava sua curiosidade e o enchia de perguntas. Queria saber sobre os pontos, sobre o molde, sobre o que misturava ao bórax para não alterar a cor dos tecidos. Augusto sorria com paciência por tudo o que precisava escutar, mas também com a vaidade de quem era finalmente reconhecido. Sua postura era a de um artista incompreendido e de grande talento, mas que não podia mostrar seu trabalho para o resto do mundo.

Gilberto passou então a brigar com ele toda vez que uma nova menina por volta dos doze anos de idade desaparecia. Abordava-o mal chegava em casa, mal ficava sabendo das notícias. Quando Augusto demorava para falar, bastava ir até o andar de cima para que suas suspeitas se confirmassem. Dava lição de moral e tentava deixar claro os riscos que corriam. Entrava no laboratório e participava, sem nem se dar conta, enquanto a boca protestava. Ficava acordado até tarde da noite acompanhando tudo, escapando para o corredor só quando não conseguia, quando o estômago contraía e ameaçava expulsar o que tinha jantado. Mas então voltava. Sempre voltava. Ajudava nos procedimentos, a levar o que sobrava para ser limpo pelas galinhas e a guardar as partes duras em uma das prateleiras do antigo esconderijo no quintal, por baixo do chão e do mato.

As prateleiras começaram a ficar sem espaço. Ainda assim, não era o bastante para que Gilberto reconhecesse a contradição entre as suas palavras e os seus atos. Tentava convencer o irmão de que bastava, de que logo faltaria espaço também no quartinho em que as mantinham. E o discurso, já tão repetitivo, terminava sempre da mesma forma, com ele pedindo apenas para ter cuidado, para não deixar vestígios, para, de repente, até dar uma chance para moças de outras cidades. Augusto acatava, fazia o melhor possível para segurar a ânsia que lhe dominava. Abria uma vaga por ano, como ele mesmo dizia. Às vezes duas. O que eles não queriam reconhecer era o fato de que aquilo havia se tornado um vício, uma fixação em acertar, em fazer cada uma melhor que a última.

Apesar da atenção que tinha que dar para todas as meninas, Augusto jamais deixou de visitar a filha. Nunca esqueceu de passar em seu quarto, nunca esqueceu de mencionar sua presença dentro de casa, nunca esqueceu um só aniversário. Comemorava a mesma idade todo ano com um bolo e doze velinhas. Ia para o quarto de Isabel e cantava alto para que ela ouvisse. Ao final, de forma inconsciente, balançava o bolo perto da janela até que as velas apagassem. Sorria. E mais ainda ao lembrar-se de que ela também estava rindo, ainda que não a visse. Depois seguia para o laboratório e entrava no quarto das meninas. Oferecia do bolo toda vida, mas já não se incomodava de que elas nunca queriam. Comia então sozinho, puxando conversava e querendo saber o que tinham feito durante o dia.

Quando as visitava, penteava uma a uma, mudava o laço de lugar na cabeça, trocava a tiara por uma fita. Na vez de Beatriz, era comum que fizesse isso com um carinho particular, com um pouco mais de calma. Ainda lembrava de quando a menina, sozinha, não parava de pedir para que trouxesse mais amigas. Ficava feliz pela família que agora tinham, porém reconhecia que atender às súplicas que ouvia todas as noites não dera muito resultado. A barulheira e os gritos só aumentaram. As outras pareciam ter se juntado no mesmo pedido, em coro, por trás da pesada placa de metal com dobradiças. Não era fácil para ele conseguir uma menina especial e que se encaixasse no grupo, mas o que importava era que elas continuassem sorrindo.

Ao longo dos anos, Augusto cumpriu seus dois primeiros mandatos na prefeitura e saiu mais querido pelo povo que nunca. Era influente em seus discursos por escolher as palavras certas, por saber promover bem o pouco que fazia. Após quatro anos afastado da política, candidatou-se novamente e bastou seu nome correr pelas ruas para já saber que seria o vencedor nas urnas. Nos comícios, apertava a mão do povo, acenava para os que estavam mais distantes, beijava a testa e a bochecha das crianças com um sorriso paternal gigante. Se fosse bebê de colo, paciência para a mãe, fazia questão de segurar nos braços no alto do palanque e

posar para as fotos da campanha. Tinha sido assim desde as suas primeiras eleições.

Gilberto, que nunca levara jeito para a política, ficava feliz por ter o irmão para levar adiante aquela tradição de família. Acabou ganhando, por sua vez, reconhecimento no hospital da cidade por ser o médico mais atencioso, o mais pontual, o mais comprometido. O que ninguém imaginava era que usava o trabalho para se esquivar da vida e das relações que ela podia trazer consigo. Temia estabelecer laços mais fortes ou criar intimidade com qualquer pessoa que pudesse acabar indo dormir em sua casa, ou até mesmo o tirando de lá. Não havia brecha para isso, precisava manter-se firme em seu posto, acompanhando os passos do irmão, averiguando o que ele fazia.

Para quem nunca fora religioso em toda a vida, passou a frequentar a igreja todos os domingos. Se chegasse cedo do hospital ia até numa quarta, numa quinta. Rezava ao acordar e antes de dormir. Falava com Deus, em voz alta mesmo, quase como se conversasse com um amigo. Fazia isso enquanto dirigia, chegando do trabalho, andando de um cômodo para outro da casa. Mais do que nunca, considerava importante essa ligação com algo superior, com essa crença cega que não se deixa abalar pela falta de um caminho. Sabia que era isso ou entregar sua cabeça numa bandeja para a loucura e o desvario. Não era perdão que buscava, era mais dividir com Deus o que acontecia, pois se existia mesmo um ser que a tudo vê e sabe, não parecia estar se importando muito com o que era feito ali na casa. O teto bem que já podia ter desabado, o chão cedido, ter sufocado no próprio vômito nas tantas vezes em que enjoava. Mas nada acontecia. Era quase como se um guarda de trânsito acenasse e sorrisse para um motorista após uma infração cometida, como um professor que desse uma piscada de olho para um aluno que pescasse, como um policial que abraçasse um assassino e ainda dissesse baixinho que sorte grande que ninguém além dele tivesse visto. Conversar com Deus era para ele quase como dividir uma responsabilidade antes de deitar-se ao final do dia. Contanto que ele soubesse, não tinha mais com o que ficar preocupado. Assim, com sua fé alimentada e em dias, tinha a

convicção sólida de que o que acontecia era com o consentimento e a permissão de um ser que, pelo visto, tinha orgulho demais e uma vontade exagerada de testar suas criaturas só para um dia, depois de um julgamento que podia ser a qualquer momento, mas que, pelo visto, até ele tinha esquecido, ser exaltado com toda honra e glória por toda a eternidade. Caía então no sono, sentindo-se um pouco melhor e até mesmo aliviado com isso.

XVI

Era cedo da manhã quando Augusto passou de carro pela rua e viu uma menina saindo da padaria. Ela carregava um saco de leite e um pão comprido. O jeito como se mexia, a vivacidade com que olhava em volta e a forma como os cabelos lhe caíam nos ombros fizeram Augusto se lembrar da filha. Estacionou um pouco à frente e ficou a observá-la, agarrado ao volante.

— Virgínia! O troco da tua mãe! — gritou a mulher do balcão.

A menina voltou correndo para a padaria com um riso de vergonha. Vergonha de um segundo. Pegou o troco e tornou a seguir o mesmo caminho, andando e pulando e numa estripulia tão grande que era quase como se quisesse, de propósito, deixar que tudo caísse no chão.

Augusto continuou olhando pelo retrovisor o quanto pôde, depois virou-se todo no assento, tronco e pescoço. Não piscou. Não respirou. Mas viu, num último relance, ela sumindo por uma das entradas que dava para o carnaubal da cidade. Quando já não foi possível mais vê-la, limpou as mãos frias e suadas na calça. Assustou-se com a garganta rígida e o peito apertado, pedindo por ar. Recomposto, foi embora depois de alguns minutos; o ritmo do coração voltando ao normal.

Chegou à prefeitura às oito. Entrou no gabinete e aguardou que a secretária trouxesse o café e a agenda do dia. Foi difícil se concentrar nas duas reuniões e no papo chato e desinteressante de todos que apareciam. Não leu nenhum e-mail, não despachou processo algum. Na volta para casa, fez o mesmo caminho da ida. Passou pela rua da padaria, então movimentada de gente, mas nada da menina. A única coisa que lhe chamou atenção foi, em contraste, o passo lento e arrastado de uma velha cheia de sacolas, de costas tortas e ombros caídos.

Lembrou-se na mesma hora de Virgínia. Não pelo aspecto, obviamente, mas por saber que alguém jovem e cheio de vida teria sempre o mesmo destino. Bem, corrigiu-se, não fosse um certo imprevisto, se era que dava para considerar a morte como algo que

já não fosse certo desde o primeiro dia. Pensava nisso e era tomado por um sentimento que o acompanhava desde a morte da filha. O sentimento de que viver era teimar em dar gosto doce a algo amargo, de que viver era nada mais que lutar contra um prazo de validade inescapável. Tanto esforço e energia para se produzir carnes e ossos para no final definharem e voltarem ao pó, ao lamaçal primitivo, à sopa de matéria-prima de um ciclo sem fim e sem sentido. Sorria o riso do vencido, resignado, e lamentava pela efemeridade, pelo sopro que era a vida.

Em casa, jantou com o irmão. Comeu em silêncio. Fingiu não notar o olhar de preocupação que mais de uma vez lhe caiu pesado sobre os ombros durante a refeição. Conhecia o faro de Gilberto para as suas emoções e sabia que, àquele ponto, só lhe faltava mesmo um nome para dar início a um falatório que duraria dias. Não lhe deu atenção. Pouco depois, subiu para o laboratório e adentrou no quarto das meninas. Diante delas, percebeu que a garotinha que tinha visto pela manhã tinha a mesma cor das bochechas, o mesmo brilho no olhar, a mesma altura. Contou-lhes então sobre Virgínia e, como já esperava, elas ficaram do seu lado, sorrindo para tudo o que dizia. Ficou até tarde a contar a mesma história, repetindo tudo desde o início, satisfeito que elas não se cansassem nunca.

Era mais de meia-noite quando seguiu pelo corredor, dobrou à direita e, depois de alguns passos, parou diante da entrada do quarto. Parou porque ouviu o som de chave passando na porta atrás de si. Ficou cismado. Olhou na direção e entendeu que a fechadura havia sido trancada naquele exato instante, ao som de seus passos. Teve certeza de que o irmão estava ali de pé, com a mão na maçaneta pelo lado de dentro, torcendo para não ter sido notado. Pensou em bater e perguntar se estava tudo bem, se queria conversar e livrar-se logo de suas suspeitas e dúvidas. Apenas se virou, entretanto, e trancou-se na escuridão do próprio quarto.

Antes de se deitar, foi ao banheiro e parou diante do espelho. Encarou as marcas da velhice que não tinha visto se formarem, que foram chegando às escondidas e surrando o seu corpo um pouco todo dia e sem falta. Estava virando um velho decrépito e repugnante, essa era a verdade, marcado pelo açoite dessa mata

invisível e cheia de espinhos pela qual cruzava com toda uma horda de desgraçados.

Na cama, ficou de olhos abertos, mirando as ranhuras do teto como se procurasse por um caminho num mapa escondido, que só ele visse. Ficava ainda mais confuso com a busca, perdido, como se estivesse no meio de uma encruzilhada para a qual não soubesse a melhor saída. Quieto, ouvia os mínimos sons que vinham do corredor, do quintal, da cozinha. Sentia a morbidade do silêncio em cada canto da pele, não só nos ouvidos. O coração então palpitava, o corpo tremia. Não adiantava tentar fugir. Era quase como se o silêncio tivesse patinhas que corressem velozes, como se fosse líquido que escoasse por entre os móveis, espalhando-se pela casa e passando pelas frestas das portas como uma névoa tóxica, mudando de forma quantas vezes fosse preciso só para encontrá-lo e ficar de pé do seu lado da cama, todos os dias. O silêncio, algo que insistiam de associar à calmaria, era para ele uma coisa medonha e que não carregava paz alguma; estava mais para um monstro invisível, sem boca e de olhos gigantes, que semeasse o delírio. Sem sono, desistia do teto e se virava na cama. Na escuridão do quarto, via contornos que preferia não dar nomes nem uma segunda chance. E entre um devaneio e outro, com as pálpebras apertadas, torcia para que o inferno, se houvesse mesmo um, não fosse tão terrível quanto as suas noites insones.

Nada era mais perturbador que constatar que, dentro daquela caixa de concreto muda, ele e o irmão eram as únicas testemunhas do tempo e do seu efeito corrosivo, os últimos da família que continuavam sobre a superfície. Recuperara apenas a filha; cavara e tirara ela lá do fundo com as próprias mãos e não se arrependia. O grande e silencioso imóvel era, assim, dos três. Mas era também das meninas. Não fosse a companhia delas, sabia que já teria enlouquecido. Eram elas que lhe davam um pouco de sanidade e à casa, vida. Pensava nelas e logo sorria, sem nem se dar conta, mas havia algo que parecia continuar faltando. Virava-se então para o outro lado. Queria dormir, mas era o mesmo que tentar passar por uma brecha estreita, apertada. E não adiantava o esforço que fizesse com os olhos fechados, era como um homem que quisesse

escapar pelo buraco de um rato para o outro lado. Privado do direito e da dignidade de ter algumas poucas horas de descanso da vida, e até de si, debatia-se então na cama até ser vencido pelo cansaço. Parava e tornava a olhar para o teto com a visão embaçada. Tinha medo de ficar maluco, tinha medo de já ter ficado e ainda não ter sido avisado. Sentia vontade de fugir daquela casa e recomeçar a vida. Sentia vontade de morrer ali.

No café da manhã, Gilberto até tentou esquivar-se, mas não teve muita opção. Foi praticamente forçado a ouvir a história do troco e da corrida ligeira de uma menina chamada Virgínia. Pediu cautela ao irmão e disse que ainda era cedo. Lembrou-o de que fazia apenas seis meses desde que a última tinha chegado e sido acolhida com tanto amor no andar de cima.

Augusto ficou irritado. Temia perder o interesse se deixasse o tempo passar, se esperasse demais. Já tinha feito isso antes. Já tinha deixado o assunto esfriar na cidade para então, meses depois, deparar-se com uma menina escolhida previamente na rua e ver que ela já tinha perdido o brilho, que já não lhe lembrava a irmã, muito menos a filha.

Como das outras vezes, Gilberto não se deixava levar por argumento que fosse e repetia o sermão como um padre, a missa. Perguntava se já não tinha sido o bastante, se já não tinham prometido que essa ou aquela seria a última. Augusto não só concordava como realmente sentia, após cada uma que chegava, que não havia mais necessidade de continuar com aquilo. Por muitas vezes, chegara a acreditar em si, a acreditar que sua solidão naquela casa enorme já estava mais que preenchida.

Não sabia, porém, o que lhe acontecia. Estava tudo bem e, de repente, era como se caminhasse sobre um trilho estreito agarrado a um corrimão e esse então sumisse, como se houvesse uma armadilha dentro de sua cabeça e uma mão impiedosa aparecesse só para acionar o gatilho. Tentava encontrar explicações para a ânsia, para a pulsão, para o formigamento que lhe perpassava a nuca, mas não conseguia. Repetia então, vezes sem fim, que a culpa era das meninas, elas que não se calavam um só minuto e atormentavam seu juízo.

Apesar da dificuldade em refrear o impulso, seguiu os conselhos do irmão. Nos dias seguintes, passou a evitar ir para a prefeitura pela rua da padaria. Começou a sair mais cedo, a atrasar meia hora se fosse preciso. Fingia mesmo estar doente e até remarcava uma reunião ou outra toda vez que se sentia vulnerável, abatido.

Passou a semana com o nome da menina na cabeça, entretanto. Virgínia. Gostava do nome. Se aceitasse vir morar mais eles, talvez nem precisasse mudar por outro, pois era isso que fazia quando não gostava, ou quando não sobrava tempo para apresentações. As que tinham o nome mudado, até preferiam o que ganhavam depois de serem acolhidas pela nova família. Pelo menos era o que ele lia em seus sorrisos. Sabia o nome de todas e tinha orgulho por nunca ter se confundido.

Nas noites seguintes, com muito esforço, conseguiu por mais de uma vez escapar pelo buraco do rato, passar pela abertura estreita e cair do outro lado. Mas nem mesmo dormindo parecia estar livre da maldição que lhe abatia. Sonhava com Virgínia chegando até ele na rua e lhe pedindo para participar da grande festa, a festa secreta que era dada no casarão do outro lado do rio. Acordava assombrado e com as mãos no peito, massageando-o para livrar-se do assombro. Corria para o espelho e era como se estivesse diante de outro homem. Não se reconhecia e ainda pior ficava se chegasse mais perto. Um monstro com as suas feições. Afastava-se, voltava para a cama, reprimindo o desejo infame e repassando as palavras que já tinha decorado do irmão.

Não durou muito, porém, para que o frágil corrimão em que se apoiava sumisse, para que a ratoeira mental saltasse com um estalo dentro de si. Assim como conseguira salvar outras meninas da grande e inevitável tragédia da vida, sabia que poderia salvar Virgínia. Certa noite, deitou-se pensando na menina e, de repente, sentiu que já a amava como uma filha.

Tornou a passar pela rua da padaria todos os dias, cheio de expectativas, olhando para o relógio a cada cinco segundos, tentando lembrar a hora exata em que a tinha visto. Começava a ficar preocupado de não mais encontrá-la, até que a avistou, de

longe, na semana seguinte. Virgínia saía da padaria aos pulos que nem no outro dia, carregando sem muito cuidado, quase derrubando, para ser mais exato, o saco de leite e o pão. Antes que ela o visse, desviou seu caminho e entrou por outra estrada de terra que também dava para o carnaubal.

Estacionou o carro perto de uma moita e ficou esperando. Sentia-se seguro naquele ponto. Longe das casas. Cercado pelo mato alto. De vez em quando alguém passava; era só questão de ficar atento, vigilante. Já previa a reação de Gilberto quando chegasse em casa, mas ele acabaria entendendo suas intenções. Era bom para as meninas uma nova amiga para conversarem, para compartilharem toda aquela alegria. Só mais essa vez e pronto. Estava em seu controle parar quando quisesse e ele sabia. No último instante, pegou-se pensando em quantas vezes já tinha dito aquilo.

Respirava com dificuldade, com um olhar confuso e uma sensação de que algo crescia e pulsava, pressionando seus olhos para fora, fazendo-os arder como se tivessem sal em cima. Esfregou-os com as mãos e sentiu o velho formigamento na região posterior da cabeça, mesmo lá no fundo, correndo para dentro e se espalhando pelo céu da boca como uma lâmina fina. Olhou-se no retrovisor e ficou assustado com a expressão que encontrou diante de si.

Viu então Virgínia no cantinho do espelho, competindo por espaço com a figura horrenda que ocupava a maior parte da imagem. Afastou-se, pensou em desistir. Da mesma forma, também não lhe era novidade aquele sentimento repressor e moralista que de vez em quando aparecia. Precisava manter-se confiante, firme. Virou-se para ver a menina, cada vez mais próxima; a mão posicionada na maçaneta interna da porta. Reparou no vestido amarelo e furado, nas chinelas velhas e desgastadas. Sabia que poderia dar-lhe uma vida muito mais confortável, mais duradoura, mais feliz. Só precisava abrir a porta e pular em cima.

No último momento, porém, repetiu as palavras de Gilberto. Fez o que o irmão sempre tinha lhe pedido. Abaixou os ombros tensos, fechou os olhos e prestou atenção na respiração, no ar que

entrava e saía, como se não houvesse nada mais no mundo a não ser aquilo.

A menina então passou pelo carro, aos pulos. Chegou mesmo a olhar para dentro, mas não notou ninguém do lado do motorista por conta do fumê do vidro.

Augusto abriu os olhos novamente. E lá estava Virgínia. Indo. Continuou olhando para ela como quem olha para um passarinho que voa e escapole para longe. Pena que era de uma gaiola de ouro que estava escapando. Pensou em correr até ela e tornou a fechar os olhos, a puxar o ar lentamente para os pulmões. Sentia-se triste por ter perdido a chance e ao mesmo tempo orgulhoso por estar no controle ao menos uma vez na vida, por ter conseguido resistir ao que lhe parecia impossível. Contaria de noite para o irmão.

Recuperados as feições e o tino, decidiu ir embora antes que alguém o visse. Só precisava de mais alguns segundos. Por garantia. As mãos não mais tremiam. As costas não mais suavam. E mesmo o coração já tinha se acalmado, apesar de desapontado, quando a tira de plástico pela qual Virgínia segurava o saco de leite, mais adiante, arrebentou e o pacote estourou no chão.

A menina deu um gritinho assustado. E começou a chorar.

XVII

Augusto saiu do carro e correu até onde ela estava.

— Não precisa chorar, Virg... O que foi que houve, menina? — Emendou ligeiro. — Qual seu nome?

Ela respondeu chorando. E ele só entendeu porque já sabia, tendo o repetido noite e dia por mais de uma semana. Pelo olhar dela, percebeu que não tinha o reconhecido, o prefeito de Palheiros, e ficou um pouco mais tranquilo.

— Entra aqui comigo que levo você de volta pra padaria. Não precisa chorar por causa disso, Virgínia.

— Não tenho mais dinheiro, senhor — disse a menina, enxugando as lágrimas com as costas dos dedos. — Mamãe vai me matar. Pode ter certeza.

— Que exagero. Posso comprar outro pacote pra você. Vem, anda.

A menina deu um sorriso tímido e entrou no carro com ele.

Quando Augusto viu aquele sorriso, no banco do passageiro, duvidou de que houvesse, no mundo, emoção mais forte que a que corria dentro dele. Gilberto que o desculpasse. Seria mais fácil juntar cada gota do leite e até mesmo reconstruir o saco plástico a permitir que ela escapasse. Era tudo muito lindo o que tinha pensado em dizer para o irmão àquela noite, que tinha se mantido firme, que tinha conseguido ser mais forte, mas não perderia por nada aquela nova oportunidade.

— Qual a sua idade, Virgínia? — Só precisava ter certeza. E disfarçou a ansiedade desviando o olhar para o painel enquanto ligava o carro.

Ela disse doze, e ele balançou a cabeça, refletindo como se ouvisse uma resposta muito complexa e para a qual precisasse de tempo para entender.

Seguiu por outro caminho, no rumo da pequena e única ponte da cidade. Quando a menina olhou pela janela com uma expressão de dúvida, ele alegou que estava sem dinheiro e que precisava passar rapidinho em casa para pegar a carteira.

Dez minutos depois, eles chegaram. Desceram do carro, e Augusto deu a mão para levá-la pelo terreno até a entrada. Ela hesitou, mas acabou segurando aquela mão enorme e áspera. Augusto então reconheceu a mesma cara de desconforto que já tinha visto nas outras meninas da primeira vez que tinham ali chegado. Nunca havia entendido qual o problema, o que elas viam de tão assustador na paisagem. Ou talvez fosse na sua cara, pensou enquanto a puxava. Não sabiam que era apenas questão de tempo até que o conhecessem e passassem a amá-lo, até que se sentissem em casa.

Bateu a porta, passou a chave e ofereceu um copo de água. Ela disse que não precisava. Apesar da resposta negativa, ele foi até a cozinha e a deixou sozinha na sala. Ela nem percebeu o movimento. Parecia distraída, olhando para o veado e para os macacos lá do outro lado, perto da escada. Quando ele voltou, assustou-se com o copo quase derramando e acabou aceitando, só para não se passar por mal-educada ante a gentileza do homem. Tomou um gole, ele insistindo que tomasse outro, quando sentiu as pernas dobrando.

Augusto pegou o copo ligeiro e a segurou entre os braços. Ergueu-a por cima de um dos ombros e levou-a para o laboratório com todo o cuidado para que não batesse nas paredes, nos corrimões da escada. Não queria que ela se machucasse. Depois de deitá-la na maca, voltou para o corredor com passos largos e agitados. A excitação era tanta que chegou mesmo a sacudir o tronco e os braços, dando saltinhos sem nem notar. Retirou o celular do bolso e ligou para a prefeitura. Disfarçou o tom de entusiasmo e disse ter acordado indisposto, enjoado. Terminada a ligação, correu de volta para o laboratório, como um menino que tivesse um peixe novo e colorido no aquário. Por ele, começaria o procedimento naquele exato instante. Mas não queria deixar Gilberto ainda mais chateado. Esperaria a noite chegar, esperaria o irmão chegar do trabalho.

Passou a mão pelo rosto da menina e constatou que a pele era macia como a casca de uma manga madura. O cheiro era suave, cheiro de quem tinha acordado e logo saído para a rua.

Ficou atento às ranhuras da pele, aos pelos e às unhas. Beliscou perto do cotovelo só para ver a pele retomando a forma, só para sentir o viço da juventude. Analisou-a de todos os ângulos, quase como se avaliasse um esboço, os traços de um rascunho. Perto do meio-dia, quando ela começou a se mexer de novo, injetou mais anestésico em uma veia do braço, com todo o cuidado para que não ficasse marcado.

Quando o irmão chegou do hospital, já passava das dez da noite. Augusto disse, sem cerimônias, que precisava de ajuda no que sabiam fazer de melhor juntos. Abordou-o na entrada mesmo, mal ele tinha chegado, e então complementou, numa tentativa de apaziguar os ânimos de quem já começava a partir para cima dele, que talvez fossem os melhores do mundo naquele ofício.

Gilberto demorou para se acalmar. Mas Augusto não o apressou de forma alguma. Deu o tempo que ele precisava para repetir o discurso já tão batido, para cumprir aquela formalidade tão distinta. Só então Gilberto ouviu a história de que a menina que tinha aparecido diante do carro e pedido para ser levada, pedido para fazer parte da família, praticamente implorado. A única coisa que estranhou do relato, entretanto, foi o horário, como se todo o resto fosse concebível, aceitável. Repassou a história e concluiu que já faziam horas desde que eles tinham chegado. Perguntou ao irmão se tinha injetado o suficiente, e ele disse que sim. Fora mais de uma vez ao longo do dia verificar e repetira a dose, mas poupou-lhe de que tivera que subir outras três vezes para limpar as imundices da menina. Estava tudo bem lá em cima.

Primeiro jantaram, depois subiram para o laboratório. Era quase meia-noite quando começaram a organizar os materiais na bancada. Haviam aprendido a trabalhar tarde da noite com Joaquim Borges. Ele dizia que mais tarde era melhor para se concentrar, que era o momento mais produtivo do dia, que era o horário em que só os gênios e os bêbados ficavam em vigília. Ainda podiam lembrar do pai dizendo aquilo, todo orgulhoso, colocando-se nas duas categorias.

— Vou esperar aqui fora — disse Gilberto, após checar o corpo da menina. A pulsação era fraca, apenas o rescaldo de uma

fogueira já quase extinta.

— Você nunca vai se acostumar mesmo?

— Sabe que não me sinto bem nessa parte.

— E olha que você que é o médico aqui.

— Talvez por isso. — Retirou-se para o corredor e fechou a porta.

Augusto então se virou na direção da bancada para pegar a seringa. Sempre era bom reforçar a dose ao início do procedimento para evitar imprevistos horrorosos como os que já tinha visto. Os gritos eram terríveis, e, se chegassem a se levantar, dava um trabalho inacreditável para depois limpar o que caísse e se espalhasse pelo chão. Era até difícil imaginar, após juntar tudo com um rodo, como era que cabia lá dentro aquele tanto de coisa. Encheu a seringa, voltou-se para a menina. E quase caiu para trás de susto ao vê-la de pé e por trás da maca, no meio do cômodo.

Virgínia tinha a coluna encurvada; os braços balançando mole, pernas que mal se equilibravam. Viu a seringa e correu para a primeira porta, mas a maçaneta grossa não girava. Correu então para a segunda e sentiu o mecanismo da tranca cedendo. Puxou a porta e escapou rápido. Só não esperava encontrar o médico da cidade do lado de fora, num corredor longo e mal iluminado do que mais lhe pareceu uma casa. Ficou confusa. Não saberia dizer onde estava nem como havia chegado naquele lugar. Parou diante do homem, tonta; o chão sambando como uma moeda depois de muito girar e ir perdendo velocidade. Conhecia o médico das vezes que tinha sido levada ao hospital pela mãe. Era um homem gentil, simpático. Durante uma consulta, certa vez lhe dissera que se parecia com a sobrinha tão querida, menos o sorriso. O sorriso de Virgínia era muito mais bonito. Lembrava de tudo isso enquanto lutava com as próprias pernas para não perder o equilíbrio, sem saber, diante dele, se pedia por socorro ou corria.

Ainda que a imagem dele fosse a de um salvador, os longos braços estendidos para os lados, os lábios em arco, não era a mesma história que seus olhos contavam. Virgínia voltou a correr. Conseguiu passar por baixo de um dos braços e dar dois passos em

direção à escada, quando uma mão agarrou seu tornozelo, e sua testa bateu no chão.

Gilberto carregou Virgínia de volta ao laboratório e deitou-a na maca. Segurou-a pelos braços enquanto ela ensaiava golpes com as pernas soltas, golpes tão fracos e sem direção que não matariam uma barata.

Augusto continuava parado no mesmo ponto, com uma cara de espanto e um ar de profunda decepção.

— Não esperava por essa ingratidão toda, Virgínia. Se você soubesse o quanto as outras meninas estão ansiosas pra te conhecer. — E arriscou um passo, dois, na direção da maca.

A menina ficou quieta, sem entender direito o que tinha ouvido. Ainda mantinha uma expressão enjoada, os olhos perdidos, quando estremeceu o corpo inteiro com o grito súbito de frustração do homem ao chegar mais perto. E então sentiu, no mesmo instante, uma ligeira dormência e um fio de sangue lhe escorrendo pela testa.

— Cacete! Não vai dar pra fazer com ela desse jeito. — Augusto deu um segundo berro.

— O que você sugere? Soltar ela depois de tudo?

— Não, seu imbecil. Vai ser o jeito esperar até que cicatrize.

— E se você desse só um pontinho? Acha que não dava certo?

— Um ponto mesmo no rosto, Gilberto? Só pode tá brincando. — Deu as costas para o irmão e caminhou até a bancada lateral. Apoiou-se com as duas mãos e olhou para o teto. — Quanto tempo acha que demora pra cicatrizar?

— Sei lá. Uns quinze dias talvez.

— Duas semanas? — disse ele, pensativo. — Vai ficar pro feriado então. E aí a gente finaliza.

— E o que vai fazer até lá com ela? — Segurou Virgínia com um pouco mais de força contra a maca, percebendo que ela, embora não entendesse do que falavam, ficava cada vez mais assustada.

— Cuidar dela, é claro. Da minha parte, sabe que ela vai ter todo o amor do mundo.

XVIII

Augusto amarrou Virgínia a um armário fixo do antigo quarto dos pais pelo tornozelo. A corda tinha tamanho suficiente para que ela alcançasse a cama, ao lado, mas não a janela que dava para o quintal, na outra parede. Temendo que ela continuasse a se machucar, calçou suas mãos com meias, até a altura do cotovelo. Improvisou também uma mordaça para que não gritasse ou tentasse, com os dentes, tirar as meias. Deixou um penico ao seu alcance e o trocava por um limpo todo dia, ao menos duas vezes.

Gilberto se recusou em ajudá-lo em qualquer tarefa que tivesse a ver com manter a nova hóspede, mas Augusto não se importava, até preferia fazer as coisas do seu modo. O reflexo disso foi notório. Parecia mais satisfeito que o normal ao longo dos dias, cheio de energia, sentindo-se importante e, mais que isso, necessário por saber que alguém dependia dele. Acordava cedo, dava uma caminhada pela cidade e arriscava até uma corrida rápida de tão animado, satisfeito. Acenava para as pessoas e, por mais irônico que fosse, lhes servia de exemplo de superação; um modelo de homem que aprendera a enfrentar as dores que a vida podia trazer. Voltava para casa e, antes de ir para a prefeitura, subia para dar bom-dia à filha, às meninas e por último à Virgínia. Aproveitava também para levar o café da manhã de Virgínia.

No primeiro dia, a menina não comeu. Ficou chorando e pedindo para ir embora nos cinco minutos que tinha lhe dado. Da água, só deu tempo de tomar a metade. No segundo, pediu que ele deixasse sua boca desamarrada para que comesse mais tarde, alegando que a fome ainda não tinha chegado. Ele rejeitou a proposta com um sorriso paterno. E nos cinco minutos que lhe disse já estar contando, ela engoliu tudo em desespero, com pressa. No terceiro, ela tentou conversar e entender o que estava acontecendo. Augusto, muito paciente, disse apenas que ela tinha se comportado mal, que aquilo nunca tinha acontecido, que não precisava estar sendo desse jeito. Era até bom que ela passasse uns dias ali pensando na vida antes de se juntar às meninas. E acrescentou, ao

se retirar, que aquela cara emburrada não combinava em nada com a festa que elas davam no outro quarto.

Com o passar dos dias, Augusto percebeu que a menina estava cada vez mais deprimida, comendo menos. Começou a ficar preocupado. Ela precisava comer e tomar água para manter a pele íntegra, para que os cabelos não caíssem, para que o corte na testa cicatrizasse direito. Parava diante dela, pedia que sorrisse para ele. Mas ela ficava era com ainda mais medo. Então deixava o quarto com passos arrastados e um ar de profunda tristeza. Era doloroso para ele ver toda aquela repulsa de alguém por quem fazia tudo e que até já amava. Insistia para ela que em breve o amaria também, da mesma maneira. Tudo que lhe pedia até lá era um pouco de paciência. Nada mais que paciência.

Um dia, para lhe animar um pouco, pediu que ela escolhesse uma cor. Virgínia ficou calada pela mordaça, mas não tinha também vontade. Ele saiu e voltou com dois vestidos verdes. Disse que era um presente de boas-vindas da filha e pediu que escolhesse um deles. Ela limitou-se a um gesto qualquer de quem o mandasse para o inferno, e ele sorriu, entendendo que para ela não fazia diferença, que os dois eram lindos e que preferia que a decisão ficasse a cargo dele. Augusto escolheu o que mais gostava e deixou-o pendurado em um armador na parede.

Todas as noites, depois de pentear as outras meninas, ia ao quarto de Virgínia e a penteava com uma escova grande e cheia de fios de cabelo. A menina tinha nojo e se afastava o quanto a corda deixava. Ele então a segurava com força e dizia que não precisava ter medo. Ao final, depois de muito repuxar sua cabeça, colocava ela para se ver num pequeno espelho. A única parte que ela tinha interesse e até se demorava, embora não fosse para os cabelos que olhasse.

— Elas não param de perguntar por você, Virgínia. — Ele falou em uma das vezes. — Sei que você vai ser muito feliz aqui com a gente.

Na maior parte do tempo que ficava sozinha, Virgínia tentava desamarrar a corda do móvel com os pés, tirar a mordaça com os pés, arrancar a meia dos braços com os pés. Mas não funcionava.

Às vezes apenas perambulava até onde a corda deixava e se esticava toda para conseguir ver pela janela o que fosse possível da paisagem. O quintal era grande, bonito e cheio de árvores. No meio dele, dava para avistar um galinheiro com o telhado velho, rachado. Ao longe, via algumas carnaubeiras e imaginava sua casa em algum ponto escondido por trás da mata.

Ainda não acreditava que não tinha reconhecido o homem como sendo o prefeito de Palheiros quando foi abordada. Foi preciso ver o médico e lembrar-se da ponte que havia cruzado de carro para só então juntar com o fato de que eram irmãos, de que eram os únicos a morar naquela parte da cidade. Ficava desconfortável a princípio, mas logo entendia que não teria feito qualquer diferença tê-lo reconhecido. Talvez fosse mesmo isso que ele tivesse usado para convencer as meninas de quem tanto falava para enganá-las e fazer com que entrassem no carro. Pensava nessas meninas e se perguntava onde elas estavam. E ficava ainda mais perturbada com o silêncio da casa.

Em uma das noites, choveu forte, forte de um tanto que Virgínia nunca tinha visto na vida. Ela chorou, mas chorou tanto, que foi como se o mundo lá fora chorasse mais ela. Não era algo que saía por aí contando, mas ainda morria de medo de trovão. Apesar da idade, sabia que já teria pulado para a cama da mãe se estivesse em casa, e era bem provável, naquele céu quase rachando, que estaria sendo abraçada e recebendo beijos na testa. Pensou nisso e chorou mais ainda pela certeza de que a mãe também estaria acordada, ouvindo aquela barulheira toda da chuva caindo no telhado e pensando nela. Essa certeza ardeu, machucou e quase não a deixou cair no sono.

No outro dia, despertou com a voz de Augusto. Vinha lá de baixo, aos gritos. Pelo silêncio entre uma frase e outra, imaginou que estivesse ao telefone. E se concentrou para entender o que ele dizia:

— Isso mesmo. Aquele telhado velho de amianto foi levado pelo vento.

“O que eu tenho a ver com isso? Ora, já cansei de dizer que ele não aguentava mais muito tempo.

“Engraçado que justo hoje você acordou cedo e se mandou. E olha que já tinha umas três soltas pelo terreno quando eu fui me dar conta.

“Sabe que a gente precisa dessas galinhas. Tá lembrado que o feriado tá chegando, né?

“Só tem essas galinhas ainda por minha causa? Não fui eu que insisti pra manter o galinheiro depois que a mãe morreu. Tá me ouvindo?

“Uhum, você que venha aqui resolver.

“Tá beleza então, pois vão passar a noite no relento. Se tiver outra chuva dessas, vão tudim morrer. Tô dizendo.

“Um pedreiro?

O silêncio dessa vez foi tão longo que ela pensou que a ligação tivesse acabado. Mas Augusto continuou:

“Tá, posso ficar em casa de tarde para receber esse homem. Vou quebrar esse galho pra você.

“Claro, né? Com certeza. Não se preocupa que eu tomo cuidado.

“Que é que você acha? Tem uma papelada em cima da minha mesa há mais de um mês pra eu assinar. Mas fica tranquilo. Um dia a mais, um dia a menos, não vai fazer diferença.”

E Virgínia não ouviu mais nada depois de entender que alguém entraria na casa que não o médico ou o prefeito. Naquele momento, sentiu como se os músculos e mesmo o cérebro queimassem, como se uma corrente elétrica passasse e preenchesse cada célula do corpo de vida mais uma vez. Era um misto de alegria e esperança que nem sabia ser possível sentir ali dentro, naquele quarto com cheiro de abandono, naquela casa em que o silêncio era soberano e ao mesmo tempo revelava seus segredos. Quando Augusto entrou no quarto pouco depois para trazer o café da manhã, precisou disfarçar o entusiasmo, o fogo que voltava a queimar no peito. Fingiu que dormia, então olhou para ele e para a comida com a mesma expressão de indiferença, lutando a duras custas para segurar um canto da boca que se repuxava e insistia em querer trazer-lhe um sorriso.

Ao final, depois de assistir a menina comendo, Augusto calçou-lhe de volta as meias nos braços e ajustou-lhe a mordaça. Pegou os talheres e o prato. Já saindo do quarto, voltou para pegar o penico e disse que já o traria limpo. Mas não voltou mais.

De tarde, ela ouviu o bater da porta seguido pelo boa-tarde do prefeito e o de uma segunda voz mais grossa. Ficou atenta, mas não ouviu sons de passos pela casa. Imaginou que caminhassem pela lateral da propriedade e confirmou sua suspeita quando as vozes, depois de alguns instantes, chegaram aos seus ouvidos pela janela que dava para o quintal. Apesar da ansiedade, só teve coragem de se aproximar quando a conversa sobre telhados e galinhas acabou e começou a batucada. Deu uma espiada com a corda esticada ao máximo para ver se Augusto ainda estava por lá. Não estava. Ficou mais confiante, sem dúvida, mas melhor que isso foi reconhecer o homem que trabalhava lá embaixo. Era Francisco, o pedreiro que morava com a mulher e os filhos de frente para a pequena praça do bairro, alguns metros de distância de sua casa. Foi tomada por uma alegria e uma esperança sem tamanho. E então o medo. Lembrou-se de que a filha de Francisco tinha desaparecido meses antes e que ouvira todo tipo de história sobre o paradeiro da menina. De repente, uma certeza muito incômoda lhe veio de que somente ela sabia o que tinha acontecido. Olhou para o vestido pendurado na parede e, embora ainda estivesse confusa quanto ao que se passava naquela casa, foi como se um buraco do tamanho do quarto se abrisse e a puxasse para baixo. Precisava fazer algo urgente.

Respirou fundo e foi para o mais perto que conseguiu da janela. Começou a acenar, mas Francisco não olhava de jeito nenhum para ela. Às vezes, ele chegava a olhar para algum local muito próximo, mas logo baixava a cabeça e voltava a bater com o martelo. Tentava gritar, mas o pano amarrado à boca não deixava. Tentava alcançar um dos ferrolhos, mas suas mãos encobertas chegavam nem perto. De tão esticada, apoiada em uma só perna, os ombros e o quadril fadigaram depressa. E só entendeu o porquê de Augusto ter levado o penico, e não mais trazido, quando lhe veio a ideia de jogar algo na janela.

Continuou acenando até que os ombros não aguentassem mais de tão cansados. Passou então a tarde assistindo à reforma do telhado e ao drama das galinhas, correndo de um lado para o outro e batendo asas. A esperança, que antes se acumulava dentro dela aos montes, mais parecia a areia de uma ampulheta que caía e se convertia em frustração no compartimento de baixo. A cada segundo perdido, sentia como se sua única chance escapasse. Começou a ficar desesperada com a ideia de que o homem logo terminaria o serviço e iria embora, mas prometeu a si mesmo continuar tentando. Acreditava com toda a convicção que Francisco olharia na direção dela e veria uma sombra se mexendo, desesperada, pelas venezianas abertas. Estaria pronta, levantaria o braço no momento certo.

Quando o homem já estava quase finalizando, ela percebeu, ainda que sem entender direito, que alguma coisa havia lhe tirado a concentração do trabalho. Francisco havia se abaixado e ficado um tempão de cócoras, segurando algo. Nitidamente sem foco, soltou o martelo e ficou andando de um lado para o outro do terreno. Colocou as mãos na cabeça, depois uma delas no bolso da calça. Caminhou até a casa e voltou. Fez isso de novo. Fez isso pelo menos três vezes, até que se aquietou. Ficou parado, mirando um ponto qualquer, até que recobrou os sentidos e voltou ao trabalho. Pouco antes de colocar as últimas telhas, parou o serviço outra vez, com um estremecimento quase elétrico do corpo que ela identificou no ato. Virgínia lembrou-se da tremedeira que ela mesmo tivera mais cedo ao ouvir a ligação de Augusto e entendeu que o homem tinha sido tomado por uma ideia, pois era isso o que elas faziam quando brotavam. Ficou ainda mais atenta e esticou-se o máximo que pôde. Viu o homem tirar a carteira do bolso, correr até a entrada do galinheiro e puxar a chave do cadeado. Ele ficou então de costas, olhando de instante em instante na direção da casa, como se temesse ser flagrado fazendo algo errado. Naquele momento, ela não conseguiu enxergar mais nada e ficou irritada. Tão irritada que se a boca estivesse livre, certeza que pediria para ele se virar antes mesmo de gritar por socorro ou para que a salvasse. Mas ele não se

demorou de costas. Devolveu a chave ao cadeado e logo finalizou o trabalho.

Quando o prefeito apareceu lá embaixo, Virgínia recuou um passo. O homem fez o pagamento e falou algo apontando para a parte lateral da propriedade. Parecia pedir um último favor. Francisco entrou na casa para pegar uma cadeira e foi na direção indicada. Depois de alguns minutos, voltou com um cacho de coco. Augusto agradeceu e pagou pelo serviço prestado. Saíram pela lateral do terreno, e ela não ouviu mais nada. Então uma batida da porta da frente; o prefeito entrando de volta na sala. Não demorou muito e escutou a voz dele reclamando ao telefone que o homem havia levado uma eternidade para consertar um telhado e que ainda tinha esquecido uma das cadeiras do lado de fora da casa. Gilberto que fosse depois pegá-la.

De noite, Augusto subiu para o quarto de Virgínia com a última refeição do dia e uma jarra de água de coco. Insistiu para que ela tomasse toda. Era importante não só que se alimentasse, mas que se mantivesse bem hidratada. Não fazia sentido perder a maciez da pele por um capricho. Brincou e sentou-se às costas dela. Penteou-lhe os cabelos com cuidado, fazendo questão de tocar em seu rosto toda vez que puxava os fios da frente da testa.

Pela primeira vez, Virgínia ficou quieta, só torcendo para que ele acabasse logo e a deixasse em paz. Quando terminou de ser penteada, olhou para o espelho que ele lhe ergueu e ficou assombrada. Mas não queria chorar na frente dele. Olhou para um canto, e foi ainda pior de segurar as lágrimas ao bater com os olhos mesmo no vestido pendurado.

Quando tornou a ficar sozinha, Virgínia passou as mãos com meias pelos cabelos e fez questão de assanhá-los. Sacudiu a cabeça e assanhou os cabelos até cansar os braços. Estava desesperada, repassando a chance perdida, achando que podia ter se esticado um pouco mais, gritado mais alto. Francisco, o pedreiro, não a viu. Foi embora e levou junto qualquer esperança que ela ainda tinha de fugir da casa. Foi como uma corda, uma boia ou uma vela que tivesse deixado escapar no meio de uma tormenta, no meio de um mar de insanidade. Fechou os olhos sem um pingo de

sono, só para não ter que olhar para a escuridão do quarto. E foi tentando parar de pensar que mais lembrava do que tinha acabado de ver no espelho.

O ferimento estava sarando rápido.

XIX

Augusto ficava triste ao perceber que Virgínia definhava um pouco a cada dia. O que o consolava era saber que era só questão de tempo até que ela conhecesse as outras meninas. Seria muito feliz, ele tinha certeza disso. E com essa expectativa, manteve a rotina de levar-lhe água e comida sempre nos mesmos horários enquanto mais uma semana se arrastava. O ferimento na testa já era quase imperceptível e, para a sua alegria, não deixou qualquer cicatriz ou marca. Combinou com o irmão a melhor data e concordaram em deixar mesmo para o feriado. Fariam na madrugada da sexta-feira para o sábado.

Um dia antes, entrou no quarto cheio de ansiedade e não conseguiu deixar de comentar que o grande dia estava chegando, que era amanhã que ela se tornaria a mais bonita dentre todas as meninas.

— A última é sempre a mais bonita, Virgínia. Nem se preocupe com isso.

E sem saber o que estava fazendo, ela apenas deixou escapar, com muita naturalidade, a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Papai — e percebeu que o atingira em cheio —, eu queria conhecer as meninas.

— Mas você vai conhecê-las, minha filha. — Ficou de cócoras, diante dela, com os olhos brilhando e com um sorriso que tremia tanto quanto as mãos agitadas que começava a lhe passar pelos ombros e pelos braços.

Virgínia ficou em pânico com aquela proximidade, mas sabia que tinha que aguentar a presença daquele toque e daquele delírio se quisesse ter alguma chance de sair acordada do quarto. Temia que ele a colocasse para dormir que nem no primeiro dia. Temia ser privada do direito de uma última tentativa. Diante dele, porém, apenas sorria e concordava. E sem saber o que dizer para que ele parasse de lhe fazer carinho, olhou para o vestido pendurado.

— Queria que elas me vissem do jeito que eu tô. — E apontou para a parede. — Queria que elas soubessem como eu sou antes de me vestir com ele. Elas vão ficar ainda mais orgulhosas do senhor. Eu tenho certeza.

Augusto ficou confuso e ela conseguiu, pelo menos por ora, o que mais precisava. Um pouco de ar e espaço. O homem se levantou, foi até um canto do quarto que ela não conseguia olhar por conta da corda que lhe prendia, e disse apenas que precisava pensar, que precisava perguntar ao irmão o que ele achava.

No dia escolhido então, pouco depois da meia-noite, Augusto entrou no quarto da menina com um copo d'água. Afrouxou a mordaça e pediu que o tomasse todo. Só para ficar hidratada, acrescentou. Virgínia, que tinha comido pela última vez de manhã, queixou-se de fome. Ele não deu muita importância, disse apenas que já passava, que daria mais trabalho para ele se comesse algo. Ela não entendeu, mas disfarçou o receio do que aquilo significava.

— Posso mesmo confiar em você, papai? — perguntou Virgínia, olhando para o copo que segurava. Mas ela não tinha muita escolha.

Tomada a água, Augusto pediu que ela usasse o penico uma última vez e esperou do lado de fora. Cinco minutos depois, voltou acompanhado do irmão.

Virgínia estremeceu ao reconhecer o segundo homem. Ainda podia sentir ele a agarrando pelo pé quando tentou escapar, nem sabia mais quantos dias antes. Embora não o tivesse mais visto, podia ouvir sua voz e seus passos pela casa. Ao longo dos dias, já sabia até dizer quando era um ou o outro que passava diante da porta do quarto.

Gilberto foi até a parte escondida na lateral do guarda-roupa com a parede, que até então ela não imaginava que tivesse algo guardado, e puxou uma cadeira de rodas com uma expressão solene, concentrada. Nem parecia ele com aquela cara. Augusto pediu que ela se sentasse, e só depois de amarrá-la na cadeira, desatou o nó da corda que a prendia ao móvel perto da cama. Virgínia, aproveitando-se da distração dos irmãos, manteve a

cabeça baixa o tempo todo, os cabelos lhe cobrindo a face, para esconder a mordaça que tinham esquecido abaixada.

Foi então conduzida para fora do quarto. Mal saiu, sentiu vontade de gritar por socorro, mas não fazia sentido gritar em um corredor sem janelas ou qualquer tipo de acesso para o exterior. Quando chegou ao último cômodo do corredor, reconheceu o laboratório e a maca. Lamentou que o percurso que tivessem feito não tenha passado de alguns poucos metros, que não tenham descido para o andar de baixo. Estremeceu ao lembrar-se do primeiro dia e pela certeza de que dali não seria mais levada para qualquer outro lugar da casa.

Augusto foi na frente, muito animado. Pediu a ela só um pouco de paciência enquanto pegava a chave do outro quarto. Estava tomado de vaidade e orgulho, dava para notar. Finalmente iria mostrar para alguém a evolução do seu trabalho. Imaginou que as meninas estivessem empolgadas da mesma forma, talvez até preocupadas. Tinha falado com elas havia pouco, enquanto as visitava, que aquela seria uma noite diferente de todas as outras.

Virgínia continuou de cabeça baixa, tentando girar os punhos e se soltar sem que eles notassem. Mas as amarras estavam apertadas. Levantou os olhos e avistou o que precisava. Uma saída de ar com três pás que giravam. Quando Gilberto empurrou a cadeira em direção à porta que o irmão abria nos fundos do laboratório, ela esperou que passassem mesmo embaixo do buraco. Encheu os pulmões numa inspiração lenta e profunda e deu um grito alto.

Gilberto segurou Virgínia pelos ombros. E Augusto correu até ela, tropeçando, sem entender o que tinha acontecido. Subiu e apertou o pedaço de pano imundo à sua boca com a cara de mais profundo desgosto e espanto.

— Você ainda não entendeu que eu só quero a sua felicid...

Um barulho então veio do quintal. Do galinheiro, para ser mais exato. Pelo som, as galinhas pareciam agitadas, cacarejando, batendo asas. Um alvoroço no meio da madrugada. Augusto olhou para o irmão de canto de olho, deixando claro o seu receio de que alguém tivesse a escutado.

— Deve ter algum bicho assustando as galinhas. Só isso. Fica tranquilo que eu vou dar uma olhada e aproveito pra soltar os cachorros.

— Não quer levar a arma?

— Não tem precisão, Augusto. — E deu um sorriso de quem tentava disfarçar o próprio medo. — Vai ver é só uma raposa.

Gilberto saiu do laboratório, e Augusto continuou lá, parado, encarando Virgínia. Ela tinha algo diferente no olhar, algo selvagem e vivo, como se naquele segundo tivesse recuperado a rebeldia e o vigor dos primeiros dias, como se tivesse de repente se deparado com um bote salva-vidas quando já desistia de bater pernas e braços e começava a se afogar. Nem parecia mais a sua menina. Havia no olhar dela maldade. Mas também expectativa, esperança, torcida. Torcida de que alguém pudesse ter escutado o grito mais alto que já dera na vida.

Quando Gilberto voltou, disse que não tinha ninguém no quintal, que podiam continuar. Augusto então viu aquele brilho se perder nos olhos da menina como se uma chama lá dentro tivesse apagado. Ele, pelo contrário, respirou aliviado. Chegou mesmo a rir junto do irmão, enquanto Virgínia chorava baixo. Passado o susto, pegou o velho radinho de pilhas do pai e ligou na rádio da cidade. Talvez até ela se animasse.

— Já vai sair de novo? — perguntou ao ouvir os passos de Gilberto.

— Ah, você sabe que não aguento essa parte.

Depois que o irmão saiu, ainda tentou puxar conversa com Virgínia. Empurrou a cadeira e um lado para o outro, puxou para perto de uma das bancadas. Tentou convencê-la de que não precisava ter medo, de que estava segura nas mãos dele. Quanto mais falava, porém, mais Virgínia se agitava. Queria tirar-lhe a mordaça, mas não tinha mais coragem. Cansado de esperar que ela se acalmasse, pegou a seringa e injetou o anestésico em seu braço. Cantarolava, enquanto ela resmungava. E não demorou para que ela fechasse os olhos e pendesse a cabeça para um lado. Augusto sorriu e deu-lhe um beijo na testa. Aquilo não mudava em nada o amor que tinha por ela. Ficou uns dez minutos, talvez mais, olhando

para ela como um pai atencioso e preocupado. Acima de tudo, estava orgulhoso que tudo tivesse corrido bem desde que ela havia chegado. Sabia que no fundo ela também já o amava, talvez só estivesse com dificuldade para demonstrar, para entender o quanto esse amor era grande, tão grande que a machucava. Ao final, sabia que ficaria animada e agradecida com o resultado. Certamente teria muito o que contar para as novas amigas quando estivesse pronta e a elas se juntasse.

Perdeu a noção do tempo ante seu deslumbramento. E temeroso de que tivesse passado tempo demais diante dela, até para evitar problemas durante o procedimento, injetou um pouco mais do anestésico. Só para garantir que acordasse na hora certa, quando estivesse já com o vestido verde e um laço do lado da testa.

Conferiu, pela décima vez àquela noite, se não faltava nada, se o material a ser utilizado estava todo na bancada. Estavam alinhados e igualmente espaçados em uma bandeja metálica. Gilberto lhe ajudara a organizar pouco antes de irem até o quarto. No último momento, olhou com atenção para o bisturi e decidiu trocar a lâmina por uma nova. Fez isso enquanto balançava ao ritmo de uma música que tocava.

De repente, escutou o som de algo batendo nas hélices do exaustor e voltou-se com os olhos saltados para a escuridão que era cortada pelas pás. Apesar do vazio do outro lado, sentiu-se nauseado com a possibilidade de que alguém pudesse estar espiando. Desligou o rádio com um tapa. Espantou a ideia ao dizer para si mesmo que estava no andar de cima e que não havia como, que não fazia qualquer sentido. Estava exagerando, estava ainda impressionado com a ideia de que havia alguém no quintal. Era só isso.

Ficou em silêncio, atento a qualquer outro barulho que pudesse vir do lado de fora da casa. Pensou em chamar o irmão, mas esperou a razão tomar o controle e o pânico se dissipar aos poucos. Tentou ouvir algo que não a batida do próprio coração no peito e finalmente recuperou o controle. Tornou a ligar o rádio.

Desatou os nós que prendiam Virgínia à cadeira de rodas e a levantou nos braços. Deitou-a na maca, tirou-lhe o vestido imundo e

jogou-o em cima da bancada. Passou a mão pelo corpo, sentindo a maciez e a integridade da pele jovem. Apenas os pés exibiam uma textura um pouco mais grossa. Todo o resto parecia mais fino, sensível. Avaliava e esfregava um canto ou outro que acumulara sujo ao longo dos dias. Resolveria isso depois quando lavasse a pele na pia. Não era preocupação daquela etapa ainda.

Pegou o bisturi para fazer a primeira incisão. E foi-lhe impossível não ficar com os olhos cheios de lágrimas de tanta felicidade. Não havia prazer maior que poder exercer a sua arte. No meio de tanta emoção, era incapaz de dizer se o que sentia era apenas alegria ou uma pontinha de inveja pelo que podia oferecer àquelas meninas. Era algo que jamais saberia. E se perguntava do que lhe adiantaria a eternidade no seu caso, em que a juventude já lhe tinha sido soprada.

Diferente do pai, que fazia uma incisão ventral desde o pescoço dos bichos, preferia fazer um Y; ficava mais fácil depois de esconder a costura com o vestido. Quando encostou a lâmina próximo ao ombro esquerdo, na altura da clavícula, a mão então sacudiu pelo susto. Augusto deu um pulo para trás e quase perdeu o equilíbrio. Um barulho que mais pareceu o fim do mundo veio do galinheiro e ficou ecoando em seu juízo. Não havia mais dúvida, havia alguém sádico do lado de fora se divertindo à custa deles.

Posicionava o bisturi com cuidado entre os outros instrumentos da bandeja quando foi surpreendido pela expressão idiota do irmão. Ficaram se encarando sem dizer nada, tomados pelo mesmo medo. Para Augusto, que já tinha os olhos marejados pela emoção de seu trabalho, foi-lhe impossível não deixar cair uma lágrima. Com o discernimento do que acontecia ao seu redor arruinado, bateu com a mão no rádio para desligá-lo. A música, que até então o acalmava e lhe dava ritmo, tensionava-lhe os tendões e os nervos quase como se entrassem em ressonância com as cordas de um instrumento maldito.

Gilberto, percebendo que Augusto estava à beira de um colapso, deu-lhe um abraço forte e desajeitado, agarrando-o ao mesmo tempo pela cabeça e pelo tronco. Era o mesmo tipo de

abraço que lhe dera tantas vezes na infância, toda vez que o irmão chegava naquele ponto.

— Vai ficar tudo bem. Isso é coisa de ladrão de galinha. Vou lá fora resolver isso e já volto — Gilberto disse, correndo para a porta do laboratório.

— Leva a arma. Dessa vez é de verdade.

— Prefiro que você vá pegar. O mais importante agora é proteger as meninas — E saiu.

XX

Augusto entrou no quarto anexo ao laboratório com uma expressão de terror, mas ainda maior de culpa. Primeiro cumprimentou as meninas, uma por uma, depois pediu desculpas por fazê-las passar por aquilo. Pediu então licença e voltou carregando Virgínia, nua e mole em seus braços. Deitou-a no chão a um canto, para onde algumas das meninas olhavam. Até pensou que fossem gritar, assombradas pelo estado da nova amiga, mas ficaram caladas. Agradeceu pela compreensão de todas e se aproximou com os braços esticados.

Seria coisa rápida, acrescentou, apenas enquanto ele e o tio descobriam o que acontecia no quintal. Estava quase chorando de medo, mas se esforçava para manter a postura e a voz firme. Faria o que fosse preciso e só queria que elas soubessem disso.

— Não vou deixar que nada aconteça. Eu prometo. — E despediu-se, tocando a mão de cada uma mais uma vez. Pela expressão de indiferença delas, ficou na dúvida se tinham ouvido ou não o barulho. Barulho esse que, pelo menos dentro dele, ainda ribombava e lhe revirava da cabeça às tripas.

Trancou a porta de aço, mas não teve coragem de colocar a chave na gavetinha de um armário próximo, onde costumava ficar guardada.

Com a chave apertada em uma das mãos, olhou para as bancadas, para a maca, para a bandeja metálica. Sentiu o medo crescer e tomar a forma de um monstro ao perceber que o irmão ainda não tinha voltado. Manteve um olhar perdido, assustado, tentando criar coragem para dar o primeiro passo. Era quase como se a ausência dele, ou o medo que ela gerava, tivesse se tornado uma massa sólida que se espalhasse por cada canto do laboratório e bloqueasse a sua passagem.

Pensou em ligar para Gilberto. Mas teve medo de que o telefone do irmão tocasse e o colocasse numa situação de risco. Tirou o celular do bolso e mandou uma mensagem perguntando onde estava, o que tinha acontecido que não voltava. Ficou

esperando a notificação de que ele digitava, mas não aparecia nem que ele tinha lido a mensagem. Guardou de volta o celular.

Saiu finalmente para o corredor escuro; apenas a luz do laboratório às suas costas projetando uma longa e disforme sombra dele sobre o assoalho. Ainda pensou em descer para procurar pelo irmão, para saber se estava tudo certo, mas não podia arriscar. Então continuou pelo corredor, sem acender qualquer luz enquanto passava. Estava em sua casa e sabia estar em vantagem. Só precisava chegar até o quarto e pegar o antigo revólver do pai.

Passando próximo à escada, começou a ouvir barulhos vindo lá de baixo. Era até como se fantasmas perambulassem pela casa. Talvez fosse o irmão. Não, não podia ser. Gilberto teria feito algum sinal ou falado qualquer coisa lá da cozinha mesmo, assim que tivesse voltado. Não havia outra explicação, por mais que tentasse achar uma que o acalmasse. Alguém tinha invadido a casa.

Avançou para o final do corredor, dobrou e seguiu até o quarto. Entrou e, por hábito, foi por muito pouco que não ligou a lâmpada e entregou onde estava. Precisava ter cuidado. Ficou ali quieto, em silêncio, ainda agarrado à chave do quarto das meninas com toda a força que conseguia juntar. E enquanto pensava no melhor lugar para escondê-la, entendeu que o melhor lugar seria mantê-la junto dele mesmo, até que toda aquela confusão acabasse. Faria o que fosse preciso para manter a chave em segurança. Só não sabia se teria coragem.

De costas para o corredor, perto da porta, abriu o guarda-roupa e localizou o que procurava na prateleira mais do alto. Colocou o antigo estojo do pai na cama, abriu-o e tirou de dentro a arma. Sentiu um pouco do alívio que ela trazia, quase como se fosse um tambor de ar fresco e novo ainda não contaminado. Pegou de outra caixa as balas e carregou o revólver no escuro mesmo, com dificuldade, ainda segurando a chave.

De repente, pôde jurar que tinha sentido alguém parado no corredor por trás dele. E por conta de um ruído mínimo que ele não seria capaz de dizer se tinha ouvido ou imaginado, virou-se e apontou a arma na direção do outro quarto.

Apertou os olhos para tentar distinguir algum detalhe, mas só via a escuridão de piche que vazava do cômodo. Pensou de chamar o irmão pelo nome. Faltou coragem. E torcendo para que aquela sensação não tivesse passado de coisa da sua cabeça, começou a recuar, ainda com a arma levantada. Tentou se acalmar, recuperar o controle da respiração, mas continuou apontando para os quatro cantos do próprio quarto. Sabia que todo canto escuro podia servir de abrigo para um diabo.

Ficou por um momento paralisado, coberto pelas trevas e pelo silêncio. Até parecia, naqueles segundos de espera intermináveis, que essas duas ausências de algo tinham se mesclado e formado um novo elemento, uma substância nova que preenchesse os vazios e o sufocasse. E ainda que seus olhos e ouvidos lutassem para captar qualquer perturbação, a mais fraca onda de luz ou som que cortasse aquela massa, aquele tecido espesso e de textura suave, só conseguia sentir o coração batendo e a arma balançando em um dos braços. Precisava ouvir a voz do irmão, precisava que ele voltasse e lhe desse outro abraço. O tempo, porém, se arrastava, perverso, tornando real para ele a pior das possibilidades.

Não vendo mais opção, pegou o celular e completou a chamada. Concentrou-se o melhor que pôde e ouviu o toque do celular. Baixinho, de longe, quase não dava para escutar. Voltou-se na direção da janela, assombrado, e reconheceu que o som vinha do quintal. Correu para a parede oposta e, mal colocou a cabeça para fora, teve o vislumbre de um corpo caído e sendo devorado. Reconheceu-o de imediato. Sacudiu os braços, balançou o tronco, contorceu os músculos da face. Mas o que mais o deixou perturbado, mais até que a visão dos cachorros arrancando nacos de carne do corpo do irmão, foi constatar o local onde ele estava deitado.

Chamou o nome dele duas vezes. E atirou na direção dos cachorros no automático, quase como se fossem moscas que quisesse espantar.

— Isso é pelo que vocês fizeram com o meu irmão, suas pragas. — Augusto gritou alto, talvez mais alto que o som da explosão da bala. Precisava espantar um pouco da angústia, da

raiva, mas não do medo. Esse não dava para dissipar assim tão fácil. O medo era como um veneno sem antídoto, um erro sem reparo, um parasita que tivesse se incrustrado por baixo da pele em definitivo e não parasse de arranhar.

Cogitou trancar-se no quarto e ligar para a polícia. As viaturas chegariam no minuto seguinte. Era só ligar. No mesmo instante então, entendeu que não tinha o que pudesse fazer, não depois do que o invasor, pelo local onde o corpo do irmão estava, tinha encontrado. Naquele momento, não tinha mais com quem pudesse contar. Precisava proteger sua casa. Precisava, principalmente, proteger sua filha e as outras meninas de qualquer mal.

Olhou na direção do corredor e foi tomado por uma certeza assustadora. Havia alguém ali parado, para além da passagem, assistindo a ele daquele pedaço de noite do outro quarto. O ruído mínimo e a agitação do ar que tinha sentido às suas costas não tinha sido coisa da sua cabeça ou delírios provocados pelo medo.

Disparou para o corredor, sem nem olhar para os lados, e entrou no quarto de Gilberto, apontando a arma. Ligou o interruptor na parede de dentro, mirou para todos os lados, mas não havia nada ali além do silêncio de um quarto vazio e metodicamente organizado. Bateu na parede e avançou pelo corredor com violência. Dobrou à esquerda e, passando diante da porta do quarto da filha, parou de súbito, surpreendido por uma pressão em um dos calcanhares.

Tinha pisado em algo pequeno, duro, pontudo. Abaixou-se e pinçou entre o polegar e o indicador algo que realmente não esperava. Um grão de milho. Ficou pensativo. Era a confirmação de que quem quer que fosse já tinha passado pelo andar de cima e poderia muito bem estar à espreita, escondido, em qualquer lugar da casa. Apertou com ainda mais força a arma. Na outra mão, a chave.

Estava quase abrindo a porta do quarto de Isabel, só para conferir se estava tudo bem com a filha, quando viu uma pequena sombra projetada no chão, a apenas alguns passos. Mais um caroço de milho. Suas sobrancelhas então se inclinaram ao reparar

que havia mais. Descreviam uma rota confusa até o final do corredor, para a entrada do único cômodo com a luz acesa da casa.

Correu até o laboratório. Encontrou dois grãos junto à maca e outro próximo à porta de segurança, na outra extremidade. Procurou pelas bancadas por algum outro vestígio da invasão e parou com os olhos a um canto, tomado por uma dúvida que chegou a queimar o estômago. Não lembrava se tinha, no meio do alvoroço, escondido ou não o vestido de Virgínia.

Abriu a porta do quarto anexo e, pela primeira vez em anos, entrou sem cumprimentar uma a uma das meninas. Olhou em volta, mas nem sinal do vestido amarelo imundo. Virgínia era a única, dentre todas, nua. Estava caída no chão, no mesmo estado deplorável em que a havia deixado. Não combinava em nada com o ambiente alegre e ao clima de festa do pequeno recinto.

Trancou a porta e manteve a chave apertada entre os dedos. Saiu do laboratório caminhando devagar e com a arma à frente; os olhos acostumando-se mais uma vez à escuridão da casa. Não poderia dizer quantos tinham invadido a propriedade, nem o que queriam, mas sabia que teria que lutar. Lutaria por elas. Não permitiria que alguém os separasse, que terminasse daquele jeito o que ele tinha começado.

Pensou em continuar revistando os quartos, depois os outros cômodos da casa, mas precisava, antes de qualquer nova tentativa, descer até a cozinha. Não sabia se teria coragem, mas era o mais seguro a ser feito se quisesse mesmo esconder a chave.

Desceu a escada e ficou parado na base, olhando para a sala e contemplando a atmosfera pesada que o medo criava. Chegou perto da mesa e procurou por outros contornos que não os dos móveis ou dos bichos espalhados. Movido pelo ódio, gritou alto:

— Malditos! O que fizeram com o Gilberto? Eles só podem ter tido ajuda. — E pensou na quantidade de vezes que já pudera ter matado aqueles cachorros, não fossem os pedidos da filha. — Por que mataram o meu irmão?

Deparou-se então com algo medonho debaixo da mesa. Eram braços e pernas de gente que pareciam até surgir do mesmo ponto, não conseguia ver direito. No escuro, parecia mais um animal

de outro mundo, uma aranha com braços e pernas humanas, escondida eternamente entre as sombras e jamais vista por qualquer pessoa até ele. Pensou em atirar, em abater a criatura ali mesmo, mas teve medo de não ser o único com a capacidade de desferir um golpe. Recuou um passo. Sabia que teria que enfrentá-los, mas precisava antes esconder a chave.

Continuou com um andar indeciso, como se não tivesse visto nada, como se continuasse a procurar por qualquer sinal de um invasor pela casa. Fingiu-se distraído, apesar de seguir atento, certificando-se a todo instante que aquela coisa continuava parada.

Entrou na cozinha. Encheu um copo de água. Lembrou-se de Isadora enquanto escondia a chave.

Voltou para a sala no mesmo passo vacilante, fingindo que fosse passar pela mesa; tossiu uma ou duas vezes. Parou então e chutou o móvel. Cadeiras tombaram do outro lado. No mesmo movimento, bateu com a mão no interruptor e ligou todas as luzes da sala. A visão da grande criatura se desfez, e viu que eram apenas duas pessoas. Reconheceu de imediato o maldito pedreiro junto da esposa ao lado.

O homem até então agachado se levantou ligeiro, querendo pular para cima dele, mas só até ver o revólver apontado para o meio do peito.

Augusto quase atirou. Mas não o faria antes de saber o que tinham descoberto. Ordenou com o cano da arma que ele se sentasse, que ficasse quieto. A mulher, que continuava no mesmo canto, puxou o marido para baixo com uma das mãos, enquanto a outra mantinha por trás das costas, guardada.

— O que vocês fizeram com o Gilberto?

Parte TRÊS

A malhação de Augusto

XXI

A sensação era a de que tinham, sem nem se dar conta, mergulhado em um tanque vertical e cheio de um líquido opaco que, por alguma propriedade única, não derramasse. Francineide demorou a entender que tinha entrado em outro quarto, mas continuou calada, assim como Nuno, preso com força pelo braço. Estavam diante do prefeito; o cano da arma a alguns palmos da cabeça, do pescoço, do peito deles. Mas o homem não os enxergava.

Pela primeira vez na vida, Francineide compreendeu a real natureza do medo. Ele era como uma mão pesada que lhe agarrasse o pescoço e a sufocasse sem piedade. Não dava para respirar nem para pensar direito. Não conseguiria gritar nem se fosse da sua vontade. E imaginou que o irmão estivesse sentindo o mesmo. O braço dele, que até ali lutava e exibia alguma resistência, não passava de um fiapo de carne cobrindo um ossinho que parecia tão fino quanto o de uma galinha, mais fino até que um ossinho da asa.

Observou o vulto à sua frente com dificuldade e percebeu que a mesma mão invisível que a estrangulava, passeava também pelo pescoço e pelos ombros do prefeito e provocava nele arrepios e sobressaltos. Jurou que fosse levar um tiro, até que o homem desviou e começou a apontar a arma em direção a outros cantos escuros do próprio quarto.

Acompanhou cada movimento dele com dificuldade. Mas ficou mais fácil de perceber seu contorno quando ele finalmente parou e pegou o celular. Ficou tensa ao vê-lo, depois de mexer no aparelho, levar o telefone ao rosto. Ele girou o corpo de um lado para o outro, como se tentasse ouvir algo, e logo estava correndo para a parede oposta à da porta e colocando a cabeça para fora, pela janela que dava para o quintal.

— Gilberto! Gilberto! — Ele gritou com uma nota de desespero marcada na voz. E Francineide compreendeu que o homem tinha

acabado de avistar o corpo do irmão, lá embaixo, quando ele começou a atirar.

— Isso é pelo que vocês fizeram com o meu irmão, suas pragas.

Naquele silêncio, a violência do som gerado foi tanta que ela e Nuno pularam de susto e foi por muito pouco que não gritaram. Nuno puxou o braço dela com força, e ela entendeu o que ele pensava. Apesar das lágrimas involuntárias que lhe caíram ao também se lembrar dos pobres cachorros, apesar do momento de aflição e terror que enfrentava, teve uma fagulha de discernimento, uma corrente ligeira que passou pelo cérebro e lhe trouxe a súbita revelação de onde os pais estavam.

Um segundo depois dos tiros, chegou à conclusão óbvia. Se um dos donos da casa estava morto, e o outro atirava para o quintal, sabia então de quem eram as sombras que tinha visto por baixo da porta do outro quarto. Aproveitando-se da distração e da ira do prefeito, puxou o irmão de volta para o corredor e correram em disparada.

Ouviram passos pesados e pensou até que tivessem sido notados. Chegando à curva ao final do corredor, uma claridade maior se fez, como se a lâmpada de um dos quartos tivesse sido ligada. Mas logo eles dobraram.

Para a surpresa deles, a porta do quarto com o nome ISABEL estava aberta. Francineide se adiantou para dentro, mas nem sinal dos pais. Certa de que não os encontraria mais ali, já estava quase correndo para a escada, quando o irmão fez sinal para que ela prestasse atenção ao som das passadas e à sombra do prefeito na parede. Sabendo que não conseguiriam chegar na escada antes que ele dobrasse, entraram e bateram, no último segundo, a porta do quarto.

Apesar do terror e da boca seca, em contraste com o suor que lhe escorria da testa e até pingava, Francineide olhou em volta e ficou deslumbrada. Seria um sonho ter um quarto como aquele. Os móveis projetados, o enorme tapete, a cama com cabeceira alta e acolchoada. Tudo parecia muito lindo, não fosse pelo cheiro

desagradável. Percebeu então a claridade que entrava pelas frestas da janela e puxou o irmão para junto dela, para os fundos do quarto.

Pela pausa repentina dos passos lá fora, entendeu que o homem tinha parado diante da porta. Estremeceu com o pensamento que lhe veio quase como uma certeza. Nunca pensara que fosse morrer tão nova. Nuno ainda engatinhou, procurando por abrigo debaixo da cama, quando percebeu que ela tinha uma base fechada. Ainda colocou os dedinhos por baixo da madeira, querendo forçar sua entrada. Parecia um ratinho querendo se espremer por um buraco, desesperado. Voltou-se então para a irmã e ficaram juntos, abraçados, esperando o inevitável.

Mas a porta do quarto não abriu. E as passadas se fizeram ouvir num ritmo mais forte, afastando-se pelo corredor, para o outro lado. Respiraram fundo, divididos entre o alívio de terem escapado e a aflição de saberem que os pais estavam no andar de baixo.

Ficaram em silêncio por um longo tempo, perguntando-se mentalmente quem dos dois teria coragem de dar o primeiro passo. Nuno olhou para cima, mas só viu o contorno de um queixo largo. Começou a se remexer, impaciente, como se cobrasse de Francineide, enquanto irmã mais velha, que os tirasse daquele estado de atonia em que se encontravam.

Ela então se adiantou, apesar do receio de pisar na faixa de luz que vinha da lua e projetava sua sombra na direção da porta. Foi assim mesmo, morrendo de medo e puxando Nuno, de mãos dadas. Tocou a maçaneta e, antes mesmo que pudesse girá-la, deu um pulo com o barulho de cadeiras sendo derrubadas lá embaixo. Aproveitou o caos que se operava para abrir a porta e puxar o irmão para fora do quarto.

Mal saiu e empacou de súbito no corredor, atordoada, apreciando a ironia do quanto as luzes às vezes podem assustar mais que a escuridão de um quarto.

O corredor estava mais claro. Tudo estava mais claro. Percebeu uma iluminação difusa que vinha da escada, indicando que alguém tinha ligado as luzes do andar de baixo. Já começava a pensar em como iria passar pela sala sem ser notada, quando ouviu as vozes do pai e da mãe aos gritos, mais a do dono da casa. Eles

pareciam se enfrentar, se insultar com vontade, com um ódio infinito que fosse até o inferno e voltasse.

Agarrou a mão de Nuno com ainda mais força, preocupada que ele não aguentasse e começasse a chorar. Conferiu a chave da porta da cozinha na bolsa e se perguntou se não era sua culpa que os pais tivessem ficado presos na casa. Sentiu um aperto ao concluir que melhor seria não ter voltado. Somente agora, quando o perigo lhe mostrava sua real face, longe de ser apenas uma aventura ou uma possibilidade distante, que ela conseguia sentir os dentes que ele tinha e a forma dolorosa como cravavam. Tudo o que queria era ter uma segunda chance de acatar o apelo dos pais para que não se metessem, para que ficassem longe, para que deixassem com eles o que quer que tivessem que resolver naquela casa.

Olhava para a cabeça de Nuno, para os cabelos arrepiados e para um redemoinho que se formava no alto. Puxou-o para junto dela e brincou com os dedos no sentido dos fios, quase um cafuné sem jeito para que o menino se acalmasse. Pensou na mãe e chegou mesmo a ouvir sua voz pedindo que procurassem outro esconderijo, que esperassem amanhecer para escapar sem ser notados. Sentiu o peso da responsabilidade pelo irmão que tanto amava, pelo último pedaço de família que talvez lhe sobrasse.

Ficou parada no alto da escada, ouvindo a gritaria e segurando as lágrimas. Pelo caminhar da discussão, sabia que não demoraria até que ouvisse o som dos tiros. Parecia inevitável. E mesmo ciente de que o mais prudente seria recuar, a vontade de ver os pais, nem que fosse pela última vez, falou mais alto. Olhou para Nuno e encontrou o apoio que precisava. Queriam não só vê-los, mas, com toda a imaturidade que ainda lhes era natural da idade, acreditar que poderiam fazer algo.

Começaram a descer devagar, ouvindo os gritos lá de baixo com mais intensidade a cada passo. Francineide parou e puxou a mão de Nuno, a meio caminho do térreo, e ficaram sentados nos degraus, assistindo a tudo por entre os balaústres de madeira da escada.

Os pais estavam sentados no chão, de costas para eles, pareciam dois animais acuados e prestes a ser executados. A mesa da sala estava deslocada a um canto, algumas cadeiras tinham tombado. O prefeito estava de pé de frente para eles, de frente também para Nuno e Francineide. Mas não conseguia ver os dois irmãos; estavam seguros ali na parte mais alta. Francineide estremeceu com a ideia de serem percebidos e reforçou com um gesto para que Nuno não se mexesse, para que ficasse calado.

O pior de tudo era assistir à expressão doentia do homem enquanto ele apontava a arma do pai para a mãe, da mãe para o pai. E embora não pudessem ver a cara deles, arrepiava só de ouvir as vozes que lhes saíam forte, sem medo. Vozes que nunca antes tinham mostrado tanta coragem, nem tanto desespero. Havia neles uma necessidade de deixar claro o que tinham descoberto, mesmo com a plena consciência de que iriam morrer naquela noite, de que não haveria mais nada no mundo que pudesse salvá-los.

— Eu já sei de tudo! — A voz de Maria Neide saiu num tom valente e seco que os filhos quase não reconheceram. A mulher fez uma pausa e olhou de um lado para o outro da sala, como se avaliasse o que via e começasse a compreender algo. Recuperou o fôlego, mas ficou parada, diante do carrasco e da arma apontada. Os ombros tremiam, mas a cabeça continuou levantada. Ainda que não fosse possível ver o olhar da mãe, havia em sua postura a dignidade de quem começava a aceitar os fatos. — Um dia todos vão saber o que vocês fizeram com essas meninas e com a minha Rita.

O silêncio que se seguiu então denunciou que não havia mais nada a ser dito por nenhuma das partes. Não era o tipo de discussão em que se entra em um consenso e em que se apertam as mãos no final. Teria sangue derramado naquele chão e já era quase possível sentir seu cheiro se antecipando ao de pólvora queimada. O prefeito deu um passo e apontou para a testa de Maria Neide com uma cara de desprezo pelo que ela havia falado. Francisco, a dois passos de distância do homem, se retorcia numa tortura entre o não saber o que fazer e a necessidade de criar coragem.

Nuno não conseguiu mais se segurar diante da cena. Começou a chorar. No mesmo instante, sentiu a mão da irmã tocar seu joelho. Até pensou que fosse para repreendê-lo, para alertá-lo de que acabaria fazendo barulho e atraindo a atenção para eles. Mas não era isso. Olhou para ela com um ar de desconsolo, até mesmo de quem pedia desculpas, e achou que a irmã tivesse ficado maluca, pois o que ela fazia naquele momento era sorrir. Um sorriso largo no meio do rosto e um par de olhos enormes que brilhavam. Um sorriso de quem tinha perdido o juízo. Ou de quem tinha descoberto algo.

Francineide percebeu que a mãe mantinha uma mão escondida para trás apesar de toda a agitação, mesmo depois de já ter esbravejado, xingado e gesticulado com grosseria com uma única mão para o alto. Apertou os olhos e viu que ela segurava um objeto metálico, escondido o tempo inteiro do dono da casa. Apontou aquilo para o irmão e balançou a cabeça em afirmação. Ela só precisava de uma chance. Ainda não tinha conseguido um momento seguro para atacá-lo diante do cano da arma.

Nuno entendeu o recado da irmã e tateou o bolso. Sua alegria veio ligeiro, mas se desfez ainda mais rápido. Foi tomado por uma frustração sem tamanho quando seus dedos passaram pelos buracos dos bolsos e sentiu as próprias coxas. Já havia perdido bombons, uns trocados e, naquela noite, a cópia de uma chave, mas nada era pior que perder um caroço de milho justo quando mais precisava.

Francineide entendeu sua expressão e chegou mesmo a murchar o riso. Então viu um único, solitário, num cantinho do degrau logo acima da cabeça do menino. Agarrou o carocinho e passou para ele. Nuno retribuiu o gesto com um sorriso cheio de lágrimas e esperança, ao mesmo tempo se sentindo ridículo por acreditar que poderia salvar os pais com um grão de milho.

No fundo, ele sabia que não. Mas, naquele momento de desespero, nada pesou mais que o sorriso confiante da irmã.

E ela disse baixinho em seu ouvido:

— Vai, Nuno! Você consegue fazer isso.

XXII

Neide e Francisco não esperavam pelo golpe. Por baixo da mesa, viram o prefeito voltando da cozinha no mesmo andar confuso e sem rota. Tossia. Trôpego e errante, parecia não saber para onde estava indo. Foram então surpreendidos com a mesa sendo empurrada e as luzes da sala sendo acesas de súbito.

Francisco se levantou dum pulo e ainda pensou em agarrar o homem pela cintura. Mas viu um revólver na mão dele. Obedeceu ao gesto que o prefeito fez com a arma e sentou-se no chão, ao lado de Neide.

— O que vocês fizeram com o Gilberto? — Augusto apontava de um para o outro. Estava trêmulo, ofegante, mas com um olhar muito seguro.

— Rita! — Neide deu um grito longo, comprido, sem nem se dar conta do perigo. Era a primeira oportunidade de poder gritar pela filha desde que havia entrado na propriedade. Era quase uma necessidade, como se aquele grito estivesse preso, quase a sufocando, desde a sua chegada. Apesar do medo pelo cano de um revólver que estava a menos de um metro de distância de sua cabeça, era a única coisa que ainda queria nessa vida. Mais que qualquer outra coisa, até mesmo que sobreviver àquela noite, queria apenas saber o que tinha acontecido com a filha.

— Cala a boca! Não tem Rita nenhuma aqui — disse Augusto, impaciente. — Quero saber o que fizeram com o meu irmão. Por que mataram o Gilberto?

Francisco e Neide se entreolharam. E ficaram em silêncio por um momento, acuados, ainda sem entender o que ele falava. O homem continuou então contando o que tinha visto da janela do quarto. Tomado pela fúria, não reparou no semblante de Neide, mas ela perdia um pouco do peso ao ver que não havia qualquer menção dos filhos na história dele.

— A gente não fez nada com o Gilberto. Não sei do que o... — Francisco fez uma pausa para engolir o *senhor* que quase lhe escapara e com a qual já o tinha tratado. — Não sei do que tá

falando — continuou com frieza, apesar de tentar manter um tom de voz pacífico, negociando com o homem sua própria vida e a da esposa a cada palavra. — Viemos aqui à procura da nossa filha.

— Não sei o que eu tenho a ver com a filha de vocês. Se ela achou um futuro melhor fora dessa cidade de merda e partiu, não venham jogar essa culpa pra cima de mim. — Sem paciência para aquelas caras de desentendidos, soltou aos gritos: — Ainda não entenderam? O Gilberto tá morto. Tá lá no fundo do quintal. Invadiram minha casa e mataram meu irmão. Foi isso o que vocês fizeram.

Neide continuava achando aquilo um mistério. Não conseguia acreditar no que o homem dizia. Tinham visto Gilberto passar e correram logo depois para a porta aberta da cozinha. Devia ter acontecido algo com ele no quintal, mas não era culpa deles se não tinha voltado, muito menos se tinha morrido. Cogitou que algum acidente poderia ter ocorrido ao homem enquanto caminhava pelo escuro, nada mais que isso. Foi então tomada mais uma vez pelo mesmo mal-estar de que os filhos pudessem ter voltado, que pudessem estar na propriedade. Pior ainda, dentro da casa. E espantou a ideia absurda dizendo para si mesma que duas crianças não poderiam matar um homem ou fazer qualquer coisa do tipo em hipótese alguma.

— O que vocês descobriram no meu quintal? — Continuou o dono da casa.

— Achei a fivela da Rita quando eu tava ajeitando o telhado do galinheiro na semana passada. Quero saber o que você fez com a minha filha, Augusto — disse Francisco num tom humilde, quase de súplica. — O que você fez com essas meninas?

— Que meninas? — E apesar de a postura ser convincente, ele empalideceu com aquele plural no mesmo instante. — Do que você tá falando, seu imbecil? Parem de repetir isso. Não tem menina nenhuma aqui. Moramos só eu e meu irmão nesta casa. Vocês sabem disso. Toda a cidade sabe disso. Só morávamos eu e o Gilberto aqui, desde a morte da minha mulher e da minha Isabel. Agora vocês tiraram ele de mim. — E a arma balançou mais ainda, no mesmo ritmo da respiração pesada e dos gritos.

— Não adianta mentir. Eu vi a Virgínia pela abertura do laboratório — disse Neide, e Francisco levantou o vestido amarelo que segurava.

— Augusto, você é o prefeito — ele disse. — Devia cuidar dessa cidade, não isso que você tá fazendo com essas meninas.

E o homem ficou estático, sem falar mais nada. Era até como se tivessem lhe tirado por completo o ar, lhe arrancado a verdade mais íntima sem qualquer aviso.

— O que você tem feito com elas, Augusto? — insistiu Neide. — Devia ter procurado ajuda antes de ter perdido o juízo, antes de ter virado esse monstro e ter levado adiante essa loucura. — E por fim disse, com medo das palavras que lhe escapavam: — Entrei no quarto de Isabel. E acho que sei, depois de todos esses anos, onde é que tá a menina.

Augusto ficou ainda mais perturbado; o medo de ser descoberto e a loucura lhe desenhando novos traços. Balançava a arma de um para o outro num ritmo frenético, sabendo que não lhe restava escolha. Não era como gostaria de terminar aquela noite. Não era um criminoso que saía matando gente por aí a tiro. Nunca precisara atirar em ninguém antes. Não tinha muito o que fazer, entretanto. Coisas da vida. Ela quem colocava as pessoas em situações em que não tinha muito o que ser decidido. Teria que matá-los e faria aquilo para se vingar do que tinham feito ao irmão e para proteger sua casa. Faria aquilo, principalmente, pelas meninas. Estava de consciência limpa.

— Pode me matar, mas fala pra mim antes, por favor. Eu só preciso ter certeza — disse Neide. — Mais que tudo nesse mundo, eu só quero saber onde é que tá a minha filha.

— Cala a boca. Não tenho nada pra falar pra vocês. Nada! — Ele gritava e cuspia; os olhos enormes, saltados.

— Eu já sei de tudo! — E esse foi o último grito que Maria Neide deu àquela noite. Olhando em torno, para os bichos espalhados pela sala, lembrou-se do laboratório e ficou apavorada com a ideia que se expandia e poluía seu cérebro como fumaça. Ainda pensou em se levantar e atacá-lo, mas sabia que acabaria levando um tiro antes mesmo que pudesse dar o primeiro passo.

Com a mão ainda escondida atrás das costas, lamentou pelo vazio e pelo silêncio sem fim no interior da casa. — Um dia todos vão saber o que vocês fizeram com essas meninas e com a minha Rita.

Augusto se adiantou na direção de Neide e só torceu para que acabasse logo com aquilo. Não tinha mais tempo a perder decidindo o que precisava ser feito. Passaria a noite limpando a casa e dando comida às galinhas. Era isso. Mas talvez tenha ficado ali bem um minuto, com a arma apontada, tentando não desviar os olhos da expressão dura e consciente que a mulher mantinha. Pressionou o gatilho e então sorriu ao sentir o mesmo que quando apontava o revólver para os cachorros. O fascínio pelo poder de decisão que só uma arma trazia. Um poder que o tornava, pelo menos enquanto a segurava, num Senhor da Morte e que tomava para ela seus escolhidos.

Respirou fundo, mirou no meio da testa de Maria Neide e...

Disparou.

Mas não é de Augusto a que me refiro. Não foi a bala que saiu do revólver, embora talvez o fizesse no segundo seguinte, mas o milho que escapou da arminha de cano e bola de encher de Nuno no momento certo, de modo preciso.

Maria Neide e Francisco nem entenderam o que tinha acontecido. De repente, o prefeito se contraiu com violência e levou as duas mãos ao rosto; o revólver preso ao indicador pelo buraco do gatilho. Gritava de dor e agonia. Ao perceber que a mulher e o homem tinham saído de suas posições, atirou. Mas, com um olho naquele estado, não saberia nem dizer para qual sentido. Francisco agarrou-lhe o braço e tentou tomar a arma. Maria Neide, por sua vez, aproveitou a oportunidade e só torceu para que tivesse mesmo coragem. Levantou-se dum pulo e começou a furar a barriga do prefeito com o bisturi que tinha pegado no laboratório. A lâmina era tão pequena e fina que não surtiu o efeito rápido que ela esperava. Augusto continuou girando pela sala como um touro, carregando ela e o marido juntos em cada giro que dava. Ele lutava para atirar nos dois, mas só conseguia atirar para o alto.

— Mais fundo, mãe. Mais fundo! — gritou Francineide, agarrada ao corrimão da escada; o irmão ao lado. Era até como se

assistissem a um espetáculo selvagem de uma arquibancada.

Maria Neide voltou-se na direção dos gritos e não acreditou no que via. Pensou até que tivesse pirado de uma vez por todas ao ver os filhos dentro da casa maldita. Mas não era ilusão. Lá estavam Francineide e Nuno. A raiva que lhe subiu à cabeça foi tanta que pensou em largar o homem que furava apenas para dar uma surra nos filhos. Eles entenderam o ódio e a confusão da mãe só pelo olhar e gritaram da escada que ela cuidasse, que não perdesse o foco, que antes de mais nada o matasse.

Para quem não gostava de matar nem bicho na frente dos filhos, não acreditou que começava a socar o bisturi era com ainda mais força. A cada golpe que dava, sentia ele entrando mais um pouco. Em uma das vezes, chegou a perder o cabo. Puxou-o com a ponta dos dedos e recomeçou. Sentiu estruturas outras além da gordura e da pele, sentiu a lâmina arranhar as costelas. Tinha órgão que era mais esponjoso, tinha órgão oco que rasgava feito couro. Apesar dos furos, o homem girou e girou. E então parou.

Augusto tombou no chão. Francisco guardou o revólver entre o quadril e o elástico da calça e deu a mão para Neide. Olharam para o rosto do homem e viram um buraco no olho vazado. Um pontinho amarelo lá no fundo. E um gel grosso e transparente, que lembrava até clara de ovo, começou a escapar.

Voltaram-se então para os filhos, numa tentativa de encobrir a visão grotesca. Francineide e Nuno desceram a escada às carreiras. Abraçaram a mãe e o pai tão forte, que era até como se não se vissem há meses. Para os que sabem que cada segundo diante da morte tem sua própria eternidade, foi quase isso mesmo. Os quatro continuaram agarrados por um longo tempo, chorando de felicidade, sorrindo de tristeza. Quando se soltaram, repararam que havia sangue fresco na pele e na roupa de todos, mas ninguém ganhava de Maria Neide, que tinha o antebraço direito todo pintado de vermelho.

Nuno, mal saiu da formação, quis curiar o corpo do homem. Francisco empurrou o menino para o lado, pedindo que se afastasse. Pegou um saco de pano que tinha sobrado com ele e cobriu a cabeça do prefeito. Nuno, porém, insistiu, ainda mais

curioso depois de o saco ter sido colocado. Aproximou-se, parecendo hipnotizado com a imagem. E o pai puxou o menino para junto da mulher e da filha, dizendo que ele que não reclamasse depois se ficasse com medo e sem conseguir dormir direito.

— Mas a luz lá de casa acendeu, não acendeu? — perguntou então Neide para os filhos, desatenta à conversa de Francisco e Nuno, ainda tentando entender o que tinha se passado.

— Não se preocupa, que as galinhas tão bem guardadas. Fui só pegar isso aqui pra salvar vocês — disse o menino, num tom exibido e brincalhão, com o pedaço de cano levantado.

— E o Gilberto? O que vocês fizeram com ele? — perguntou o pai, temeroso do que poderia escutar. Neide competia, ao lado dele, pela cara mais assombrada.

— Tá morto lá no quintal. Mas foi um acidente, não vão jogar a culpa pra cima da gente — disse Francineide. Então contou o que tinha acontecido desde que tinham voltado. Falou que Nuno encasquetara de pegar milho dentro do galinheiro e que quase tinha sido atingido por uma pedra enorme arremessada sabe lá por quem no telhado.

Francisco começou a rir, e Neide levou as mãos à boca, chocada por terem de certa forma usado os próprios filhos de isca para invadir a casa.

Nuno, embora comentasse uma coisa ou outra, e até risse com a família, continuava distraído, olhando fixamente para o corpo do homem caído e com a cabeça dentro do saco.

XXIII

Quando a euforia de terem escapado da morte passou, começaram a perder o entusiasmo na fala, já não riram mais tanto e até resumiram alguns fatos. Estavam em pé ao lado do corpo, no meio de uma sala que só agora conseguiam discernir os detalhes. Por um momento, foi como se nem o vissem, ou não se importassem de invocar um pouco de alegria diante da queda de quem havia lhes causado tanta tormenta, de quem havia lhes tirado um membro da família e de outras tantas daquela cidade.

Maria Neide e Francisco ficaram perplexos com o que os filhos tinham descoberto no quintal. Preferiram nem ir lá conferir. Trocaram olhares pesarosos entre si, cheios de significado, e foram tomados por uma certeza implacável e cruel de que teriam que aprender a viver com a dor da perda, não mais com a angústia da especulação e da dúvida que até o dia anterior lhes assombrava. E muito embora o incômodo fosse quase o mesmo, algo dentro deles parecia girar e se reencaixar numa nova realidade. A certeza do que havia acontecido à filha meio que desatava um nó que os agarrava e os prendia ao passado de uma forma perversa e da qual achavam, até então, que nunca poderiam escapar.

Ao final da conversa, concluíram que o mais seguro era que ninguém da cidade descobrisse que eles que tinham matado o prefeito e, de certa forma, o irmão dele. Contavam com os filhos para que guardassem aquele segredo. Sabia da parcialidade das leis e do perigo que a família poderia correr quando o escândalo vazasse. Bastava para eles que descobrissem com os próprios olhos o que vinha acontecendo na casa. Não demoraria até que alguém sentisse a falta deles na prefeitura ou no hospital e fosse lá dar uma olhada.

Maria Neide, cansada daquela conversa, adiantou-se para uma das janelas e viu que lá fora a noite continuava sólida. Talvez ainda tivessem tempo. Passou para o marido e os filhos a tarefa de encontrarem Virgínia onde quer que ela estivesse escondida na casa. Só isso agora importava. Era a única das meninas para a qual

ainda alimentava alguma esperança de encontrar viva. Queria salvar Virgínia, queria fazer valer a pena toda a luta e o sacrifício pelos quais haviam passado. Era a forma mais legítima de se vingar de Augusto, superior até ao fato de já tê-lo matado. Mas faria a busca com cuidado. Tinha medo do que poderia encontrar ao vasculhar a casa, tinha medo da forma como Rita olharia para ela se ficassem cara a cara.

Subiram as escadas e começaram pelo laboratório. Lá dentro, correram para a porta de aço trancada na outra extremidade. Bateram. Gritaram. Colaram o ouvido à porta. Mas ninguém respondeu ao chamado. Francisco, embora tenha ficado calado, teve um mau pressentimento de que talvez não tivesse mais ninguém ali dentro para ser salvo. Soltou o vestido de Virgínia de volta na mesma bancada em que o tinha encontrado.

Francineide lembrou-se então do chaveiro que tinha consigo. Abriu a bolsinha a tiracolo e passou a tentar as chaves. Os pais e o irmão se animaram. Mas elas não eram compatíveis, sequer entravam. Francisco tentou com um pedaço de arame que encontrou em um dos armários. A fechadura não se moveu, entretanto. Era nem arranhada com as manobras e investidas que ele dava. Bateram, gritaram mais, tentaram arrombar. Até mesmo os quatro chutaram de uma vez só, mas a porta nem balançava.

Depois de mais de uma hora tentando, Maria Neide caiu no chão de cansaço, desesperada. Encarando a maldita porta, começou a chorar. Se perguntava onde mais *elas* poderiam estar senão ali dentro. E então repetia a frase, esforçando-se para mantê-la no singular e assim não perder a sanidade. Prometeu-se de que encontraria aquela chave. Ela tinha que estar ali, em algum lugar. Abriria aquela porta nem que precisasse voltar às escondidas outro dia, nem que fosse a última coisa que fizesse da vida.

Aceitou a mão do marido e tomou um novo fôlego para continuar a busca. Reviraram cada gaveta e cada armário à procura da chave. E não teve cômodo da residência que tenha escapado. O quarto de Isabel foi um dos últimos a entrarem. Enquanto procuravam, Maria Neide ficou calada e não contou para os filhos o que ela sabia haver escondido por dentro da cama. Pelo tanto de

pregos que prendiam as duas partes, entre o colchão e a base, ficou tranquila de que não era ali que encontrariam a chave. Depois de muito procurarem, fez questão de ser a última a sair do quarto. Fechou a porta e, com a mão no nome da menina, fez em silêncio uma oração, de olhos fechados. Francineide e Nuno não entenderam, mas também não perguntaram.

No andar de baixo, só depois de alguns minutos, Francisco teve a ideia de procurar nos bolsos do defunto. Parecia a coisa mais óbvia a ser feita, na verdade. Recuperaram o vigor e a confiança. E Nuno, curioso para ver o morto de novo, e ainda mais de perto dessa vez, correu para ajudar o pai. Vasculharam todos os bolsos da roupa do homem. Um cheiro forte começava a se adensar, cheiro do sangue coalhando e trazendo um ar rançoso para a sala. Nem sinal de chave.

Lá fora, o céu começava a mudar de cor devagar. Francisco ficou preocupado. Não poderiam correr o risco de que alguém os visse saindo da casa do prefeito, ainda mais com as notícias que não tardariam a correr pela cidade. Apontou isso para a esposa, mas Maria Neide não aceitava desistir nem parar por nada. Tentou convencê-la de que Virgínia já estaria morta, que era bem provável que já estivesse morta quando a tinha visto amarrada pela saída de ar. Neide fechava os olhos e tentava se lembrar de algum movimento que a menina pudesse ter feito, mas só o que lembrava era de sua cabeça pendendo para o lado. Não queria aceitar. Não podia aceitar. E fingia não ouvir o que ele falava enquanto remexia as mesmas prateleiras e abria os mesmos armários.

Não conseguindo convencê-la do contrário, Francisco precisou ser cruel e partir para cima da própria mulher que amava com a verdade:

— Você quer mesmo ver o que tem lá dentro daquele quarto, Neide? Pensa e me diz. Você quer mesmo?

Ela ficou sem palavras. E soube naquele momento que o amor podia ser convertido em ódio com muita facilidade. Por fim, reconheceu que não estava pronta, apesar da curiosidade que lhe açoitava, para ver o que aquela porta escondia, o que ela guardava. Balançou a cabeça sem saber se fazia que sim ou que não, e

caminhou para a cozinha, acompanhada do marido, numa passada sofrida, arrastada. Francineide se adiantou na frente da mãe e do pai com as chaves.

Já estavam quase saindo, Francisco tirando os quatro pares de chinela do alto da guarnição da porta, quando Nuno apareceu por último com uma conversa de que queria levar o corpo do homem com eles para casa.

— Tá maluco, moleque? — perguntou Francisco. E ficou ainda mais assustado com o sorriso da mulher. Um sorriso de quem consente, de quem até já voltava para o interior da casa para ajudar o filho na tarefa macabra.

Maria Neide reconheceu pelo entusiasmo de Nuno o que aquela cachola de menino arquitetava. Na mesma hora, lembrou-se de que o prefeito havia beijado a bochecha da filha quando ela era só um bebê de colo de pouco mais de um ano de idade. Ainda lembrava do dia em que ele beijara a bochecha de Rita e de tantas outras crianças no alto do palanque. De quatro em quatro anos era a mesma coisa naqueles tantos comícios que aconteciam na pracinha perto de casa. Depois, eles nunca mais voltavam. Chegou mesmo a rir com a ideia do filho e julgou que era mais que merecido pô-la em prática. Parecia, na verdade, adequada para quem traíra a confiança de toda uma cidade.

— Eu quero ganhar, mãe. — O menino murmurava, confiante, testando com pequenos chutes o tronco do homem. — Aposto que o meu vai ser o melhor de todos esse ano.

— Ah, vai sim, filho. Pode ter certeza. — Mas ela não se importava com a premiação, apenas com o espetáculo que fariam na frente de casa.

— Ficaram malucos? Que conversa doida é essa de vocês? — Chegou Francisco, todo estraga-prazeres, deixando claro que não apoiava aquela arrumação de levar defunto para dentro de onde eles moravam. — E vão fazer o que depois com os ossos?

— Pras minhas plantas, ora.

De tão preocupado com o horário, ele sabia que não adiantava ficar teimando em discussão já perdida. Até a filha tinha se juntado aos dois naquela ideia absurda e sem sentido. O

importante era fugirem o quanto antes. E foi justo esse o argumento final de Maria Neide para que conseguisse dobrar o marido. Nuno, sem acreditar ainda que o pai tinha concordado, correu em volta do corpo, aos pulos, tomando cuidado para não tropeçar nos membros abertos e estendidos pelo chão da sala. Numa das voltas, pisou numa poça seca e pegajosa de sangue e quase caiu por cima do homem, despertando gargalhadas da irmã e dos pais.

Saíram da casa, passaram a chave e, sem saber o que fazer com ela, esconderam o chaveiro por cima da porta, no mesmo canto onde tinham guardado as chinelas. A polícia teria trabalho para entender o que tinha acontecido quando dessem pela falta do médico e do prefeito. Pelo menos um seria encontrado no quintal. Do outro, teriam apenas a mancha de sangue no chão da sala e uma casa revirada para dar início ao caso. Francisco ria ao pensar nisso, ao mesmo tempo em que resmungava com aquele peso todo que carregava em um dos ombros.

No quintal, algumas galinhas, tendo escapado pelo buraco da tela do galinheiro, ciscavam e batiam asas a esmo. A maioria, porém, se aglomerava e disputava por espaço; começava o banquete com o que tinha sobrado de Gilberto nos fundos do terreiro.

Os dois cachorros da propriedade estavam mais a um canto, num sono pesado, deitados de lado e com as barrigas enormes de quem tinha se empanturrado. Nem os viram passar. Francineide foi quem olhou para eles e apontou com o dedo, sacudindo Nuno para que ele visse. Sorriu e encheu os olhos de lágrimas, feliz que não tivessem sido atingidos pelas balas.

Um galo cantou do alto do galinheiro, por cima das telhas. Começava a ficar claro.

Diante da cerca, Francisco arremessou o corpo do homem com a ajuda de Maria Neide para o outro lado, da mesma forma que fariam para lançar uma pessoa num lago. Todos tendo passado pela cerca, carregaram juntos o corpo do prefeito. Os filhos foram na frente puxando o defunto pelas pernas, os pais foram atrás, cada qual agarrado a um braço. Francisco não parecia animado a princípio, mas quando chegou na altura do rio já conseguia até rir

das conversas do filho, e segurava o corpo com todo o cuidado para que ele não escorregasse e fosse levado para o mar.

Cruzaram o rio pelas pedras. Do outro lado, fizeram uma pausa para esticar as costas e sacudir os braços. Deixaram Augusto com a cara virada para baixo; a cabeça dentro do saco. Olharam de um para o outro e depois para a água correndo calma. Estava no olhar de todos que era o que mais precisavam.

Entraram no rio, mergulharam, nadaram até o fundo. Jogaram água na cara uns dos outros e sorriram. A água lavava não só o sangue do corpo, mas lavava também por dentro o susto, o medo e a dor. Levava parte do desconforto pelo que tinham passado e trazia, de uma forma quase imediata, algum consolo.

Maria Neide esfregou os braços e os cantos dos dedos. Com o vestido, de tão encardido que tinha ficado, não teve o mesmo êxito. E decidiu que não poderia chegar em casa com ele daquele jeito. Teve medo de que não conseguisse tirar as manchas nem com o sabão que usava e de que, cedo ou tarde, algum vizinho reconhecesse que era mancha de sangue quando estendesse as roupas no varal. Não queria levantar suspeitas, seria questão de dias, talvez horas, até que começassem a correr as notícias de que o médico e o prefeito tinham um morrido e o outro evaporado.

Tirou o vestido e deixou que fosse levado pela correnteza. Na mesma hora, a fivela que mantinha presa por dentro do vestido caiu na água e foi levada, mas já não importava. O marido entendeu e fez o mesmo com a camisa e a calça. Não fosse isso, talvez nem lembrasse do revólver preso ao elástico. Pegou a arma e a arremessou na parte mais funda. Francineide e Nuno aproximaram-se e repetiram o gesto dos pais. A menina só pegou a chave de casa, mas a bolsinha com a lanterna e o pote de margarina também foi junto com a água. O rio levou embora tudo o que tinham, e eles saíram limpos, lavados. Deixaram tudo para trás, menos o morto. Esse foi com eles para casa.

Reassumiram seus postos no transporte da carga e tomaram o caminho de volta, enquanto o céu perdia seus últimos tons de madrugada. Caminharam pelados e tremendo de frio. Mas o homem era pesado, e logo o frio passou pelo trabalho físico, pela

caminhada árdua. Com medo de serem vistos, cruzaram o carnaubal escolhendo os caminhos por trás das moitas e dos terrenos, procurando as veredas mais escondidas. Chegando perto de casa, foi preciso nem que pedissem que Nuno ficasse de boca fechada. E era mérito seu do mesmo jeito, não importava se por conta do cansaço.

Quando a família Silva chegou no pequeno quintal, já era claro. Pássaros começavam a voar e a cantar para chamar o dia, mas ninguém viu aquele estranho cortejo de pai, mãe, filha e filho, todos pelados, levando um morto para dentro de casa. Entraram, esconderam o corpo do prefeito debaixo da pia da cozinha e capotaram.

XXIV

Maria Neide acordou com os pés latejando, os ombros doloridos e uma fisgada no espinhaço. Demorou para lembrar do motivo, do peso que carregara mais o marido e os filhos no meio da mata. A realidade parecia tão irreal e absurda que, por um momento, cogitara se não tinha era sonhado com tudo aquilo e passado a madrugada carregando pedra até o rio, indo e voltando, feito uma sonâmbula. Olhou por baixo do lençol e viu que ainda estava nua; nem sinal da roupa que usava pelo chão do quarto. Na dúvida, o melhor a fazer era se levantar. E seguiu na direção do barulho de panela que vinha dos fundos da casa.

Nuno já tinha matado as galinhas e separado numa caneca grande o sangue para que a mãe misturasse ao cozido. Francineide arrancava as penas, enquanto Francisco cortava as verduras de olho no arroz no fogo para que não queimasse. Maria Neide entrou na cozinha e se juntou ao serviço. Abriu as galinhas, separou os miúdos para a farofa e colocou os pedaços na panela para cozinhar. Ninguém falava nada. Por um momento, até parecia um sábado normal; as crianças não tinham aula, ela e o marido estavam em casa. Queria muito poder acreditar nisso, mas então acompanhou o voo muito decidido de uma mosca rumo ao cadáver debaixo da pia. O corpo tinha uma perna dobrada e um braço preso por cima do cano que descia do ralo. A mulher olhou assustada, depois achou graça da posição, lembrando que tinham jogado o diabo de qualquer jeito ali embaixo.

Quando foram almoçar, lá para as duas da tarde, escutaram a voz de uma das vizinhas à porta gritando por Maria Neide. A mulher reconheceu quem era e quase que se engasgou de assustada. Pediu com a mão que alguém corresse lá fora para inventar qualquer coisa, para dizer que ela não estava. Nuno disparou ligeiro, antes que Teresinha entrasse pela porta aberta da frente da casa. Veio com um pote de doce que a outra tinha ganhado e mandado um bocado. O menino sentou-se de volta à mesa, e ela ficou pensando quando é que teria coragem de olhar para a cara da

amiga de novo. Talvez nunca conseguisse olhar para ela sem que Virgínia aparecesse amarrada diante de seus olhos, quase como um fantasma a assombrá-la. Sabia que o sentimento de culpa por não ter conseguido salvar a menina estaria sempre ali do lado.

Recuperada do susto, reparou que Francineide não tinha ainda nem triscado na coxa. Comia do arroz, melava ele no caldo, mas não parecia muito animada. Tinha uma cara de nojo, como se tivesse se tocado somente agora de uma verdade muito desagradável. Diante do olhar severo da mãe, começou a comer devagar. Estava uma delícia, não poderia negar, mas era impossível não ficar lembrando o que as outras galinhas tinham comido na última noite. Lembrava da posição delas em torno do corpo, dominantes, lembrava do galo cantando no alto do telhado. Era estranho concluir isso, mas era quase como se já estivessem acostumadas. Tentava não pensar, só engolir, mas a cabeça já descia e rolava pelos trilhos da imaginação sem correias nem freios, alucinada. Ficaram calados até o final da refeição. A verdade era que ninguém tinha vontade de conversar.

Depois do almoço, Nuno chamou o pai para que montassem a forca na calçada. Outros vizinhos se ocupavam no mesmo trabalho diante de suas casas. Uma estrutura principal, bem maior e mais alta que a de todos, já tinha sido armada para o boneco vencedor, no meio da praça. Nuno olhou na direção e disse para si mesmo que naquele ano ele ganhava. O prêmio, duas galinhas caipiras e uma cachaça. Tinha acabado de comer galinha. Cachaça não bebia. Parou, pensou, mas não importava.

Com a forca montada, Nuno voltou para dentro de casa. De pé diante do sofá, olhou para a estrutura de arame que tinha montado mais o pai e ficou aliviado que não fosse mais ter que usá-la. Pegou a base de arame por um dos braços e decidiu guardá-la na despensa. Pelo menos para o outro ano já tinha algo. Dessa vez, seria mais fácil. Correu até a cozinha, espantou as moscas debaixo da pia e carregou o corpo do prefeito para a sala com a ajuda do pai. Só então se deu conta da posição em que o morto tinha ficado. Ficou preocupado com a perna rígida e dobrada, com o braço teso para o alto. Duro daquele jeito, dava nem para colocar ele sentado

para ser visto pelo povo ou, o que era mais provável, para levar pauladas dos meninos que passassem.

Vestiram o morto com roupas limpas e amarraram uma corda em volta do pescoço, com força, para que o saco da cabeça não escapasse; o medo era de que as orelhas aparecessem caso alguém puxasse. Nuno olhou desconfiado para as mãos e os pés que tinham mudado de cor. Pensou em tacar tinta por cima, mas a mãe teve uma ideia mais simples. Como as mangas da camisa iam além dos dedos, apenas as costurou mais abaixo. Fez o mesmo com as calças. Para combinar com a cor do saco, Francineide sugeriu que colocassem palha saindo pelas aberturas das mãos e dos pés. Nuno ficou na dúvida, mas acabou gostando do resultado.

Esperaram mais um pouco com o boneco deitado a um canto, perto da televisão da sala. Nenhum deles chegou a comentar, mas as caras de nojo denunciavam. De vez em quando, um cheiro que saía do homem, e que era até meio doce, vinha em ondas e se espalhava pelos cômodos da pequena casa. Quando anoiteceu, Francisco respirou de alívio e ajudou o filho a pendurar o corpo do lado de fora, na estrutura que tinham montado na calçada. A madeira gemeu e envergou, e ele só torceu para que ela não quebrasse, que aguentasse até o final da noite.

Música começou a tocar na praça, e o povo começou a sair das casas. Àquela altura, já tinha um monte de boneco pendurado. Tinha personagem de novela, jogador de futebol e político. Tinha também boneco que, pela pintura do rosto e pelas roupas, poderia muito bem representar algum vizinho. Claro que ninguém falava, mas nem precisava. Nuno e Francineide apontavam de um para outro, brincando de adivinhar os personagens. Riam alto, ainda mais quando discordavam. Foi o primeiro ano que Nuno não saiu correndo com um pedaço de pau batendo nos bonecos pela rua. Queria ficar perto do dele, na calçada com a irmã. E olhava para os meninos pequenos com um olhar de quem se achava muito crescido, muito distante daquela idade.

Quando Maria Neide apareceu do lado de fora para ver o resultado, ficou preocupada que alguém notasse. Pelo visto, ninguém tinha dado ainda pela falta do médico nem do prefeito da

cidade. Nenhum boato corria. Ninguém suspeitava de nada. Não tinha também motivo para que alguém esperasse vê-los em qualquer uma das praças de Palheiros naquele dia ou em qualquer outro sábado. Não era, definitivamente, o tipo de evento que eles participassem. Queria ver era na segunda-feira, disse ela para si mesma, olhando para o povo e sorrindo como a detentora de um grande segredo. Já até imaginava a cara de surpresa que faria quando o primeiro viesse lhe contar.

Olhando em volta, perdeu um pouco do ar de vitória quando viu a casa de Teresinha do outro lado. A luz da frente apagada. Portas e janelas fechadas. Imaginou que estivessem dentro de casa, sem ânimo para festejar. Pensou em Virgínia e no que só ela, o marido e os filhos sabiam. Para a sua própria saúde, precisava parar com isso.

Quem aparecia diante da casa dos Silva ficava impressionado com as proporções de um corpo tão bem replicadas. O boneco parecia até um morto balançando no ar, não fossem o braço erguido e a perna dobrada. Não era, afinal, a posição que se pudesse esperar de um homem enforcado. Quem olhava, imaginava logo que era culpa dos arames ou das estruturas internas que tinham arrumado para dar a forma, para construir a base. E Francisco logo se adiantava, confirmando que tinha sido mesmo um erro seu de cálculo.

Em um dado momento, Maria Neide cutucou o marido, agoniada com as varejeiras que começavam a se amontoar em torno do corpo pendurado. Jurou ter ouvido gente passando perto e reclamando de um mal cheiro que podiam sentir, mas que não sabiam dizer de onde vinha nem do que se tratava. Por terem passado o dia dentro de casa com o morto, concluiu que tinham se acostumado com o fedor de carniça e ficou preocupada. Com aquele tanto de mosca chegando, seu medo era de que alguém suspeitasse que dentro do boneco havia algo.

Francineide, ouvindo a conversa dos pais, teve então a ideia de montar a churrasqueira na calçada. Disparou até o quintal e pegou a roda de pneu e a grade metálica que usavam para assar milho e carne. Botou o carvão para queimar perto da forca e logo

teve o resultado esperado. Espantou o cheiro rápido. Espantou as moscas de imediato. Lembrando dos pedaços de carne que tinham ficado da última noite, pediu para Nuno correr até a geladeira e pegá-los. Ficaram na calçada montando os espetinhos e vendo o povo passar.

Quando os avaliadores apareceram com suas pranchetas, não desconfiaram de nada. E não se demoraram nem um minuto diante da família apreensiva, do filho mais novo com as mãos agarradas e sujas de carne. Pelas caras, não tinham gostado. Parecia real demais.

O resultado saiu um pouco depois, anunciado ao microfone em um pequeno palco montado. Maria Neide respirou aliviada. Não ia dar certo isso de o prefeito queimando diante do povo, no meio da praça. Nuno ficou emburrado. O boneco vencedor parecia tão sem graça quanto o do ano passado.

Vendo os ombros do filho caindo, Maria Neide chegou para ele, séria, perguntando o que diabos um moleque que tinha uma mãe como ela, e apontou para o próprio peito, queria com uma garrafa de cachaça. Só se fosse para quebrar em sua cabeça, brincou com o menino. Quanto às galinhas, disse baixinho e muito orgulhosa em seu ouvido que eles mesmo tinham roubado as deles. Nuno sorriu e se achegou no abraço que a mãe dava. E ficaram ali, olhando na direção do boneco vencedor e que começava ser preparado com bombinhas para o espetáculo.

À meia-noite, a gritaria do povo foi grande quando os bonecos começaram a ser queimados. Francisco seguiu o protocolo e ajudou Nuno a tacar fogo no boneco pendurado na frente de casa. Não via a hora que aquilo acabasse. Riscou o fósforo e aproximou a chama na palha que saía do buraco da calça. O fogo subiu rápido.

Francineide colocou os espetinhos para assar na mesma hora. E o cheiro do churrasco se misturou ao do prefeito queimado. O cheiro que se espalhava era tão bom e diferente, que a menina reconheceu de cara que não vinha dos pedaços que assava. Ficou logo nauseada, já sabendo que passaria dias para voltar a comer carne.

O boneco de terno e gravata, vencedor da noite, começava a ser queimado no meio da praça. O povo gritava tão animado que nem se dava conta de que o prefeito da própria cidade queimava em uma das calçadas mais atrás. Todo mundo queria chegar mais perto para olhar. A única coisa que ainda conseguiu tirar uma pessoa ou outra do rumo da praça foi o aroma que presumiam se tratar dos espetinhos de Francineide. A menina virava os pedaços de carne, pedindo paciência, enquanto Nuno fazia o papel de caixa.

Francisco e Maria Neide repararam que os bonecos dos vizinhos mais próximos começavam a soltar pedaços, que as chamas começavam a morrer devagar. O mesmo não acontecia com o deles. O fogo diante da casa dos Silva não apagava. Neide balançou a cabeça, e Francisco entendeu que era hora de fazer o que tinham combinado mais cedo. Correu para pegar o carrinho de mão no quintal.

Mesmo quando Francisco voltava, Maria Neide reparou numa coisa. Com os olhos ainda fixos no corpo, viu uma pequena bola de fogo cair e se apagar a meio caminho da calçada. Ouviu o som e ficou assombrada. Um artefato metálico, algo que foi descendo por dentro das vísceras enquanto o corpo era comido pelo fogo. Lembrou-se do prefeito indo até a cozinha e enchendo um copo d'água, lembrou-se dele tossindo pouco antes de voltar para a sala. Correu para debaixo das chamas, em tempo de queimar os cabelos, e deparou-se com uma chave no meio do chão, onde até então não havia nada. Pegou a chave ainda quente e a escondeu no meio dos peitos, numa pressa tão grande, que era até como se salvasse um passarinho que tivesse caído na água.

Ela e o marido se encararam, mas não disseram nada; os filhos continuavam distraídos, contando as moedas da venda do churrasco. Francisco colocou o carrinho de mão embaixo do prefeito e desatou a corda. O corpo de Augusto Borges caiu na caçamba metálica, mas teve o som abafado pelos gritos que vinham de toda parte, do povo ansioso pelo clímax tão esperado.

Francisco arrodeou a casa empurrando o prefeito em chamas, quase como se empurrasse uma fogueira num carrinho de supermercado. No quintal, jogou terra em cima para apagar. Depois

escondeu o corpo num latão de ferro para que terminasse o serviço com a mulher e os filhos mais tarde.

E então ouviu, lá da praça, as bombinhas que tinham sido colocadas dentro do boneco vencedor começando a estourar. A gritaria foi geral.

XXV

Quando Francisco voltou do quintal, lamentou com os filhos ter perdido o espetáculo. Francineide comentou das formas, Nuno das cores dos fogos. Ele ouvia a menina e o menino falando, mas reparava mesmo era na mulher ainda se contorcendo e esbugalhando os olhos. Não comentou nada, mas imaginou que fosse por conta do calor do pequeno objeto metálico.

Depois da queima do boneco vencedor, o movimento na rua diminuiu rápido. A praça ficou vazia, e a noite começou a espalhar para longe com o vento aquele tanto de cinzas de madeira e pano, mas também de carne. Francisco ajudou os filhos a desmontar a churrasqueira e carregaram as coisas para dentro. Nuno, de tão empolgado, não parava de falar do morto e mais ainda do povo, que não notara nada. Maria Neide, já sem paciência, mandou todo mundo se deitar.

Francisco e Maria Neide continuaram a trocar olhares, dentro do quarto, mas não diziam uma só palavra. Nem era necessário. O perigo das palavras é que às vezes elas mais atrapalham, jogam ações a emergir de volta ao saco das ideias, alimentam a ânsia e o medo dos covardes. Quando perceberam que Nuno e Francineide ressonavam, levantaram-se da cama ao mesmo tempo. Foi até como se tivessem combinado. Escaparam pela porta do quintal.

Lá fora, percorreram o mesmo caminho que tinham tomado no outro dia. Por um instante, era até como se revivessem a noite anterior e saíssem para procurar a filha, a pretexto de roubar galinhas. Maria Neide sentiu falta dos passos de Nuno à frente, dos de Francineide ao lado, mas sabia que fizera o certo de deixá-los em casa. Não teria coragem de levá-los para aquilo, não agora que sabia o que estava prestes a encontrar. Estava indo para o sepultamento do próprio juízo, ao encontro de algo muito pior que qualquer coisa que pudera imaginar desde a primeira suspeita do marido.

Quando viu os contornos do casarão ao longe, não entendeu como era possível manter a sanidade a cada passo que teimava em

dar em direção ao abismo, ao precipício mental para o qual seguiam. Talvez fosse a presença de Francisco que a sustentasse. Foi o que ela achou a princípio. Seus olhos então se cruzaram em um ponto, e ela reconheceu naquele semblante um espelho para a toda a loucura e o desespero que também sentia. Caminharam até a borda do terreno aos tropeços, sem nem mais saber se deviam e, com toda a certeza, sem o mesmo cuidado de não serem vistos.

Pararam diante da cerca e quase morreram com o som das passadas que ouviram chegando. Pensaram mil coisas, só não lembraram dos cachorros. Eram apenas eles. Francisco afastou os fios de arame para que Neide passasse. Depois ela fez o mesmo para ele do outro lado. Os cachorros se aproximaram, olhando para os lados, como se procurassem por mais alguém que faltava. Maria Neide entendeu e riu com o gesto deles, pensando em como cachorro era um bicho engraçado. Traziam uma leveza ingênua e ao mesmo tempo gigante para qualquer situação, até para quem tinha nervos que mais pareciam cordas velhas e desfiadas, que não valiam mais de nada.

Lembrou-se então do que os filhos tinham falado, de que os cachorros que tinham os salvado. Ela se abaixou e, sem nem perceber o que fazia, disse obrigada. Francisco balançou a cabeça para eles. Os cachorros, como se entendessem, lamberam as mãos de Neide e Francisco, depois deram a pata. Eles riram. Os cachorros, por fim, vendo que a menina e o menino não tinham vindo com eles, perderam o interesse e sumiram pelo terreiro.

Francisco olhou em volta e viu galinha atrepada em tudo que era galho de árvore. Algumas poucas permaneciam no galinheiro, empoleiradas. Imaginou que os comedouros estivessem vazios e teve vontade de parar para enchê-los. Lembrou-se então das sobras que os cachorros tinham deixado e lamentou por isso. Queria era um motivo para escapar do caminho da casa. Apressou o passo apesar do medo, mesmo contra a sua vontade.

Chegando no grande paredão dos fundos, parou diante da porta e esticou-se para pegar as chaves. Melhor seria tê-las jogado no rio, pensou, enquanto abria a porta e tinha um vislumbre do interior da casa.

Do lado de dentro, assustaram-se com a bagunça que eles mesmos tinham deixado. Passaram pela cozinha e continuaram pela sala. Um cheiro podre vinha da poça de sangue seca próximo à mesa torta, às cadeiras tombadas. Neide olhou para aquele cenário e sentiu um arrepio cruzar o corpo ao se lembrar do que tinham passado, ao imaginar que poderia ser o sangue dela e o do marido a empestarem o lugar.

Não disseram um para o outro, mas o medo que sentiam parecia maior que o da noite passada. Neide tentava se convencer de que estavam seguros, de que não havia perigo, de que não teriam nenhuma ameaça física a enfrentar. E era justo isso o que mais a preocupava. Compreendeu, de súbito, que o medo não era o de se iriam sobreviver ou não, mas o de se iriam suportar a visão de algo que poderia muito bem ter sido feito no inferno e trazido para o lado de cá.

Subiram as escadas e foram direto para o laboratório. A porta para o corredor escancarada, a luz acesa como na última noite. Passaram pelas bancadas, pela pia, pelo armário do canto; a respiração travando. Diante da porta metálica, Neide tirou a chave do decote e espantou-se com o seu deslizar certo e suave para dentro do miolo. Sentiu os cliques do mecanismo e girou a maçaneta, olhando para o marido com uma expressão que misturava, em iguais medidas, dúvida e terror.

Quando a porta abriu, tudo que Neide conseguiu foi um vislumbre de cabelos e vestidos. E então o susto. Virgínia saltou pelada para o lado de fora de súbito, sem prenúncio nem aviso. Maria Neide e o marido deram um pulo para trás e quase morreram do coração pensando que era visagem, capirotagem, coisa que não fosse desse mundo. A menina, no fio miserável de discernimento que ainda tinha, bateu a porta o mais ligeiro que conseguiu. Passou a chave e ficou com ela agarrada. Estava trêmula, fraca, com os olhos apertados. Implorou por água antes mesmo de reconhecê-los, antes mesmo de entender que estava a salvo do médico e do prefeito depois de tantos dias sendo mantida na casa.

Francisco olhou em volta e pegou o vestido amarelo e imundo no mesmo canto em que o tinha deixado. Passou-o para a menina e

pediu para Neide tomar conta dela enquanto ele descia até a cozinha para pegar água.

Aproveitando-se da ausência do marido, Neide olhou para a menina e pediu-lhe a chave com um tom suave. Parecia, na verdade, prestes a arrancar-lhe da mão se fosse necessário.

— Quero ver a minha filha. Anda, me passa a chave! Quero ver a Rita.

Virgínia balançou a cabeça. Começou a chorar. Negou e deu um passo para trás de forma a se livrar dos braços perigosos de uma mãe desesperada. Com um ar de repugnância, disse então que Rita estava linda, que era a mais bonita dentre todas as meninas.

E apesar do sentido que essas palavras no geral carregam, foi, nessa situação, a coisa mais perturbadora que Maria Neide já tinha escutado. Seu corpo balançou, perdeu o equilíbrio. Chegou quase a desmaiar. Virgínia tentou ampará-la e, para a sua surpresa, quase teve a chave roubada.

Francisco voltou com o copo de água e perguntou o que acontecia. Nem acreditava no que via, nos braços da esposa agarrando-se aos braços da menina. Virgínia, aproveitando-se da distração, abaixou-se e empurrou a chave por baixo da porta trancada. Maria Neide ainda tentou impedi-la. E foi por muito pouco que não a agarrou pela cintura, que não se jogou por cima.

— Ninguém desse mundo merece ver o que eu vi. Nunca — disse Virgínia, com as mãos segurando os cotovelos e se encolhendo perto da pia.

Neide olhou de um lado para o outro, confusa, como se não se reconhecesse, como se não soubesse mais nem como tinha parado naquele lugar. Recuperou o fôlego e a compostura e passou as mãos na cabeça da menina. Vendo que ela deixava, abraçou-a com todo o amor que tinha como se abraçasse Rita. Sentiu-se mãe ao ver que algo dentro dela ainda funcionava. Sentiu-se mãe ao ver que tinha conseguido espantar o monstro dentro de si. Francisco, ainda à porta do laboratório, respirou aliviado. Não sabia o que teria feito no lugar da esposa, mas tinha a consciência de que a menina tinha feito a coisa certa. Melhor que fosse assim. Melhor que ninguém jamais as visse.

Um pouco mais calma, Virgínia recebeu o copo e bebeu da água com vontade. Apesar de o choro ter passado, por dentro tudo ainda revirava. Era difícil para ela acreditar que via mais uma vez rostos que se moviam, sobrancelhas que se levantavam, olhos que a miravam igualmente assombrados. Tudo parecia ainda mais irreal depois de um dia isolada do mundo, trancada num lugar em que perversidade e loucura se mesclavam por baixo de panos coloridos e laços. A última lembrança que tinha de antes do maldito pesadelo era a da agulha furando seu braço, de os olhos terem ficado pesados. E então, rememorando os fatos, foi como se ouvisse pela segunda vez o estrondo vindo do quintal, pouco depois de ter gritado. Lembrou-se e olhou para as pás que ainda giravam entre o laboratório e a escuridão do lado de fora da casa. Tinha dúvidas, queria respostas, mas não sabia por onde começar.

Maria Neide e Francisco perceberam a confusão no rosto da menina e a conduziram para o andar de baixo. Ela foi devagar, com as pernas bambas, agarrando-se ao corrimão da escada a cada passo. Na cozinha, conseguiram algo para que ela comesse. E ela agradeceu com os olhos cheios de lágrimas. Apesar da bagunça e do cheiro de ferrugem que empestava, sentaram-se à mesa e comeram devagar.

Virgínia não conseguia acreditar no que escutava. E quanto mais sabia, mais queria detalhes. Queria saber o que eles tinham descoberto, como eles a tinham encontrado. Ao final, olharam de um para o outro e combinaram, juntos, a história que ela contaria para as pessoas da cidade.

Começava a clarear quando saíram para o quintal. Dessa vez, a porta dos fundos não foi trancada. Virgínia correu na frente pelo terreno. Encheu os pulmões de ar sem acreditar no céu colorido que se abria, no cheiro da mata. Percebeu pela primeira vez na vida que sujar os pés de terra trazia junto um sentimento de liberdade.

Caminharam até a cerca. Francisco afastava os fios de arame para que a mulher e a menina passassem, quando os cachorros se aproximaram e latiram para ele. Neide riu com isso. Entendeu o que eles queriam e ajudou o marido a passá-los para o outro lado. Os cachorros cruzaram o rio e foram no mesmo rumo deles, cheirando

tudo e olhando para os lados. Foram os escoltando, mas só até que estivessem próximo de casa. De alguma forma eles sabiam, talvez pelas passadas mais seguras dos três depois de tanto arrodeio para se esconderem por trás das moitas e das árvores. Então, sem avisar, saíram correndo e se juntaram a outros cachorros que acordavam, que bocejavam perto da entrada de uma outra rua. De longe, era até como se se apresentassem. E foi um balançar de rabo danado.

Virgínia parou diante do quintal de casa e acenou para Neide e Francisco em despedida. Neide começou a chorar, pensando em Rita. Não tinham trazido a filha de volta, mas tinham salvado uma menina. A busca na casa do prefeito tinha trazido também a verdade. Tentava se convencer, validar seus atos, mas não era assim tão fácil. Caminhou mais o marido de cabeça baixa. Entraram em casa sem fazer barulho e ficaram na cama, de olhos abertos, até que Nuno e Francineide aparecessem com a notícia, horas depois, de que Virgínia tinha voltado.

A notícia foi espalhada pela cidade aos gritos. Até quem não tinha aberto as portas cedo já sabia. Para Teresinha, uma mãe que começava a cegar pelo manto da desesperança, viu luz com a chegada da filha. E entendeu mais que ninguém o significado da palavra ressurreição naquele domingo.

Uma multidão se formou na frente da casa de Teresinha. O povo se espremia pela sala, pela calçada e pelas janelas da frente para escutar a história de Virgínia. O casarão do prefeito Augusto Borges tinha sido assaltado, e os ladrões tinham descoberto ela trancada num quarto e um monte de ossos escondidos no quintal. Mataram Gilberto para salvá-la, mas o prefeito tinha fugido pela mata. Isso foi o que Virgínia contou repetidas vezes naquela manhã, mas não mencionou uma só palavra sobre o laboratório ou o quarto vizinho. Enquanto contava, reforçava a cada frase que os bandidos não tinham conseguido levar muita coisa, que estava tudo lá na casa. O povo entendia o recado e corria avexado. Parou até carro com caçamba na frente da casa para levar geladeira, fogão e mesa, pena que com uma das pernas quebrada. Quando a polícia chegou ao local, já não tinha mais quase nada. Galinha também não sobrou

nenhuma. Teve gente que só não matou para fazer no dia pelo que a menina tinha comentado sobre a última refeição que elas tinham comido. Teve quem achasse isso besteira, que no final, bicho e gente, tudo terminava do mesmo jeito, mas teve quem sentisse nojo e até gastura. De toda forma, de um dia para o outro, quase todo galinheiro da cidade teve ao menos uma hóspede nova, nem que fosse pelos ovos.

Nem Nuno nem Francineide engoliram a história que o casarão tinha sido roubado. Sabiam que ali tinha o dedo da mãe e do pai. Nuno ainda pensou em perguntar, mas Francineide pediu que irmão se acalmasse, que respeitasse a decisão e a dor dos pais. Um dia voltariam a conversar sobre aquela noite e sobre tudo o que tinha acontecido. Era só questão de esperar.

De tarde, enquanto a cidade ainda fervilhava com os boatos, Maria Neide, o marido e os filhos pareciam ser os únicos a não ter muito interesse de saber de nada. Ficaram no quintal, escondidos do povo, queimando os restos do prefeito num latão de metal. Botaram querosene e deixaram queimar por umas duas horas. Depois Maria Neide triturou os pedaços que sobraram no pilão para fazer sua farinha de ossos. Até já imaginava, toda satisfeita, suas plantas crescendo pelo quintal a toda volta. Daria um pouco para Teresinha também, pensou, separando o pó fininho em dois potes.

Diante das notícias, do escândalo de que o prefeito e o médico eram os responsáveis pelos desaparecimentos das meninas, muita gente foi forçada a abandonar a dúvida, a imergir na sombra do luto, a reviver o sentimento da perda com ainda mais revolta. Nos dias seguintes, muita mãe e muito pai de Palheiros apareceram no cemitério para enterrar seus ossos. Maria Neide e Francisco foram os últimos.

E o tempo passou, inabalável, sem se importar com a dor ou com quem precisava de mais tempo. O vice-prefeito assumiu. Abriu vaga para o hospital da cidade. Nenhum Borges quis ficar com a casa. Ficou abandonada, sozinha, entregue ao mato e ao silêncio do outro lado do rio Palhano. Era assim que histórias de casas mal-assombradas começavam, pensou Nuno um dia, voltando do colégio e vendo a casa pequenininha para além da ponte.

As coisas foram se assentando, mas ainda assim foi difícil para a família Silva voltar a sorrir de verdade. As visitas que passaram a receber todos os dias ajudaram. Os horários variavam, mas eles apareciam sem falta. Os vizinhos não tinham ideia do que aquilo se tratava, só achavam graça, apontavam. Francisco botava água e comida. Mas às vezes eles nem queriam. Na certa, já vinham de bucho cheio de algum canto. Paravam na calçada e ficavam por lá esperando. Esperavam o tempo que fosse. E só sossegavam quando Francineide e Nuno apareciam para fazer-lhes um cafuné, para fazer-lhes dar a pata. Sorriam de olhos baixos e línguas para fora. Então corriam, alvoroçados, ninguém sabia dizer para onde.

Quase um ano depois, era final de tarde quando Maria Neide arrastou uma cadeira para a calçada e ficou vendo o movimento da rua, vendo os cachorros correr para longe. Pediu a Nuno um minuto de paz, só enquanto descansava as pernas um instante. Não aguentava mais o filho perguntando qual galinheiro que iriam roubar naquele final de semana. Achava graça do menino e dizia apenas que estivesse acordado na sexta-feira, mas que a decisão era dela e do marido, não de um pivete de treze anos.

Ao longe, viu Teresinha passando com a filha pela praça, abraçadas de lado. Diante da cena, foi então tomada por um espírito egoísta que aparecia de vez em quando para avaliar a importância do que tinha feito mais a família. Tirando a alegria de ter matado o homem que lhe tinha tirado a filha, sua vida não tinha mudado em nada. Tinha plena consciência disso. Olhou mais uma vez para as duas e, de repente, viu uma luz diferente, mas que não vinha de fora e batia em seus olhos. Era mais como se uma porta nova começasse a se abrir por dentro.

Desde que descobrira o que tinha acontecido com Rita, se pegava pensando em seus últimos momentos na casa para além do rio. Era doloroso, mas era impossível escapar disso. Chegava mesmo a vê-la, como em uma tela, de uma forma muito nítida. Só pensava nas amarras, nos olhos fechando, na desesperança e no medo dos últimos segundos que antecedem o final da vida. Sem aviso então, a porta dentro dela se escancarou por completo, uma

luz diferente escapou forte, e ela viu. Nada mais que sua imaginação trabalhando, mas viu algo diferente da morte certa e inevitável pelo menos naquele dia. Talvez Rita tivesse conseguido lutar, corrido até o quintal e gritado por ajuda. O desespero e o medo pulsando dentro da filha, pulsando dentro de si. Imaginou a menina se soltando e correndo num ato desesperado até ser agarrada pelos monstros. Talvez tivesse jogado as fivelas enquanto corria, enquanto era puxada, enquanto se debatia. Não sabia. Jamais saberia. Talvez as tivesse jogado de alguma janela lá de cima, às escondidas. Via as possibilidades enquanto sua respiração ganhava outro ritmo, enquanto seus músculos se contraíam junto com os da filha. Abriu as próprias mãos, e, por um segundo, viu as mãos de Rita deixando as fivelas caírem no terreno, perto do galinheiro, para que um dia alguém as visse. E ela conseguiu, concluiu Maria Neide, enxugando os olhos, voltando a sentir os pés sobre a calçada e a ouvir a voz do filho.

Jamais poderia saber dos detalhes, mas fato era que sua menina havia conseguido deixar uma pista para que eles acabassem com o que acontecia naquela casa. Não tinha sido apenas a sua teimosia, a coragem de Francisco, a esperteza de Francineide ou a pontaria de Nuno. Rita tinha sido a primeira a lutar, a dar o empurrão que encerraria com aquela série de desaparecimentos que ninguém da cidade entendia. Respirou fundo e sorriu, sentindo um orgulho pela luta da filha que não tinha ainda entendido. Teresinha, de longe, viu aquele sorriso grande e acenou com um olhar de quem também sabia. Rita tinha sido a responsável pelo primeiro movimento que, embora não tenha sido suficiente para salvá-la, fez a diferença na vida de Virgínia e de outras tantas meninas que poderiam ter tido o mesmo fim.

Contato do autor:
amauriciolopes@gmail.com
@amauricio.lopes